

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

MARIA HERMÍNIA CORDEIRO VIEIRA

VARIAÇÃO ENTRE FUTURO DO PRESENTE, FUTURO PERIFRÁSTICO E PRESENTE
COM VALOR DE FUTURO NA MÍDIA CEARENSE IMPRESSA

FORTALEZA

2014

VARIAÇÃO ENTRE FUTURO DO PRESENTE, FUTURO PERIFRÁSTICO E PRESENTE
COM VALOR DE FUTURO NA MÍDIA CEARENSE IMPRESSA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística.

Linha de pesquisa: Descrição e Análise Linguística.

Orientadora: profa. Dra. Márluce Coan.

FORTALEZA

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- V716v Vieira, Maria Hermínia Cordeiro.
 Variação entre futuro do presente, futuro perifrástico e presente com valor de futuro na mídia cearense impressa / Maria Hermínia Cordeiro Vieira. – 2014.
 168 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2014.
 Área de Concentração: Linguística; Descrição e análise linguística.
 Orientação: Profa. Dra. Márluce Coan.
- 1.Língua portuguesa – Tempo verbal. 2.Língua portuguesa – Variação. 3.Língua portuguesa – Aspectos sociais. 4.Língua portuguesa – Português escrito – Fortaleza(CE). 5.Funcionalismo (Linguística). 6.Jornais brasileiros – Fortaleza(CE). I. Título.

MARIA HERMÍNIA CORDEIRO VIEIRA

VARIAÇÃO ENTRE FUTURO DO PRESENTE, FUTURO PERIFRÁSTICO E PRESENTE
COM VALOR DE FUTURO NA MÍDIA CEARENSE IMPRESSA

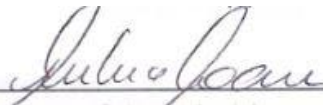
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Linguística.

Linha de pesquisa: Descrição e Análise Linguística.

Aprovada em 29/08/2014

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Márluce Coan (orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)



Profa. Dra. Maria Alice Tavares (examinadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)



Profa. Dra. Hebe Macedo de Carvalho (examinadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Àqueles que me fazem ainda acreditar no futuro,

DEDICO.

*E também a meu pai, a quem, humildemente, ofereço este trabalho, e todos os meus segundos
de vida.*

(In memoriam)

Compositor de destinos

Tambor de todos os ritmos

Tempo, tempo, tempo, tempo

Entro num acordo contigo

Tempo, tempo, tempo, tempo

Por seres tão inventivo

E pareceres contínuo

Tempo, tempo, tempo, tempo

És um dos deuses mais lindos.

(Caetano Veloso)

RESUMO

Neste trabalho, buscamos analisar, à luz do Sociofuncionalismo, a variação entre futuro do presente, futuro perifrástico (IR + INFINITIVO) e presente com valor de futuro, considerando condicionamentos linguísticos e extralinguísticos a partir de dados extraídos da mídia cearense impressa. Para tanto, testamos três grupos de fatores linguísticos formais (*extensão do vocábulo, polaridade e pessoa do discurso*), três grupos de fatores linguísticos discursivos (*marca de futuridade, distanciamento temporal e tipo de verbo*) e três grupos extralinguísticos (*editoria, jornal e origem do dado*). Nosso corpus foi coletado a partir de dez exemplares de cada um dos quatro jornais que, atualmente, compõem a mídia cearense impressa, são eles: *Diário do Nordeste, O Povo, O Estado CE e Aqui CE*. Nos quarenta periódicos coletados, encontramos 2.184 dados referente à variável futuro do presente, dos quais, 1181 apresentados sob a forma de futuro do presente sintético, 706 de presente e 297 de perífrase. Nossos dados foram submetidos ao programa computacional estatístico *Goldvarb X*, que gerou os pesos relativos que serviram de alicerce para nossa descrição e análise dos dados. O programa apontou que o futuro do presente é condicionado pelos grupos: *tipo de verbo, extensão do vocábulo, editoria, jornal, origem, distanciamento temporal e pessoa do discurso*. A perífrase, por sua vez, é condicionada pelos grupos: *tipo de verbo, distanciamento temporal, extensão do vocábulo, pessoa do discurso e polaridade*. Por fim, o presente do indicativo é condicionado pelos grupos *tipo de verbo, extensão do vocábulo, distanciamento temporal, editoria, origem, jornal e polaridade*. As três variantes ocorrem em todas as editorias, dos quatro jornais. Entretanto, o número de dados da variante conservadora é maior que o somatório dos dados das duas variantes inovadoras. A pesquisa também buscou discutir o princípio da marcação. Todos os grupos extralinguísticos atenderam ao princípio da marcação, com exceção da *origem*. Os grupos de fatores linguísticos, por sua vez, negaram o princípio da marcação e atenderam ao princípio da expressividade estilística. Concluímos, nos grupos extralinguísticos, que a tendência é que as formas mais marcadas ocorram em contextos mais marcados e as menos marcadas em contextos menos marcados. Já em relação aos grupos extralinguísticos, o comportamento é de busca por um equilíbrio discursivo contextual.

Palavras-chave: Futuro do Presente; Presente do Indicativo; Perífrase; Variação; Sociofuncionalismo.

SUMMERY

In this paper, we analyze, in the light of Socialfunctionalism, the variation between the present future, periphrastic future (IR + INFINITIVE) and present with future value, considering linguistic and extralinguistic conditions from the data extracted from printed media in the state of Ceará. To do so, we tested three groups of formal linguistic factors (word extension, subject of speech, and polarity), three groups of discursive linguistic factors (point of futurity, temporal distancing, and type of verb) and three extralinguistic groups (editorial, newspaper and source the data). Our corpus was collected from ten copies of each of the four newspapers that currently make up the Ceará printed media, they are: Diário do Nordeste, O Povo, O Estado, and Aqui CE. In the forty periodicals collected we found 2184 data regarding the variable present future, of which, 1181 are presented in the form of synthetic present future, 706 of present, and 297 of periphrasis. Our data were subjected to the statistical computer program Goldvarb X, which spawned the relative weights that served as the foundation for our description and data analysis. The program pointed out that the present future is conditioned by the groups: type of verb, word extension, editorial, newspaper, origin, temporal distancing, subject speech, and polarity. The periphrasis, on the other hand, is conditioned by the groups: type of verb, temporal distancing, Extension of the word, subject speech and Polarity. Finally, the indicative present is conditioned by the type of verb groups, word extension, temporal distancing, editorial, Origin, Newspapers and Polarity. The three variants occur in all the editorials of the four newspapers. However, the number of the conservative variable is greater than the sum of the data from the two innovative variants. All extralinguistic groups attended the principle of marking, except the one of the origin. The groups of linguistic factors, in turn, denied the principle of marking and attended the principle of stylistic expressiveness. We conclude, in extralinguistic groups, the trend is that the more marked forms occur in more marked contexts and less marked in less marked contexts. In relation to extralinguistic groups, the behavior is the seek for a contextual discourse balance.

Keywords: Future; indicative Present; periphrasis; variation; Socialfunctionalism.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Número de dados das variantes futuro do presente, presente e perífrase	87
Tabela 02 – Uso do futuro versus perífrase e presente de acordo com tipo de verbo	97
Tabela 03 – Uso do futuro versus perífrase e presente de acordo com extensão do vocábulo	99
Tabela 04 – Uso do futuro versus perífrase e presente de acordo com editoria	101
Tabela 05 – Grau de formalidade dos jornais	104
Tabela 06 – Uso do futuro versus perífrase e presente de acordo com jornal	104
Tabela 07 – Uso do futuro versus perífrase e presente de acordo com origem	108
Tabela 08 – Uso do futuro versus perífrase e presente de acordo com distanciamento temporal	113
Tabela 09 – Uso do futuro versus perífrase e presente de acordo com pessoa do discurso ..	116
Tabela 10 – Uso do futuro versus perífrase e presente de acordo com marca de futuridade	119
Tabela 11 – Uso do futuro versus perífrase e presente de acordo com polaridade	120
Tabela 12 – Uso da perífrase versus futuro e presente de acordo com tipo de verbo	123
Tabela 13 – Uso da perífrase versus futuro e presente de acordo com distanciamento temporal	125
Tabela 14 – Uso da perífrase versus futuro e presente de acordo com extensão do vocábulo	127
Tabela 15 – Uso da perífrase versus futuro e presente de acordo com pessoa do discurso ..	130
Tabela 16 – Uso da perífrase versus futuro e presente de acordo com polaridade	132
Tabela 17 – Uso da perífrase versus futuro e presente de acordo com jornal	133
Tabela 18 – Uso da perífrase versus futuro e presente de acordo com editoria	134
Tabela 19 – Uso da perífrase versus futuro e presente de acordo com marca de futuridade	135
Tabela 20 – Uso da perífrase versus futuro e presente de acordo com origem	136
Tabela 21 – Uso do presente versus futuro e perífrase de acordo com tipo de verbo	138

Tabela 22 – Uso do presente versus futuro e perífrase de acordo com extensão do vocábulo	140
Tabela 23 – Uso do presente versus futuro e perífrase de acordo com distanciamento temporal	142
Tabela 24 – Uso do presente versus futuro e perífrase de acordo com editoria	143
Tabela 25 – Uso do presente versus futuro e perífrase de acordo com origem	145
Tabela 26 – Uso do presente versus futuro e perífrase de acordo com jornal	146
Tabela 27 – Uso do presente versus futuro e perífrase de acordo com polaridade	147
Tabela 28 – Uso do presente versus futuro e perífrase de acordo com pessoa do discurso ..	149
Tabela 29 – Uso do presente versus futuro e perífrase de acordo com marca de futuridade	150

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Traços semânticos do grupo de fatores tipo de verbo	95
Quadro 02 – Diferenças entre Princípio de marcação e Princípio de expressividade	109
Quadro 03 – Aplicação do princípio da Marcação no grupo tipo de verbo	153
Quadro 04 – Aplicação do princípio da Marcação no grupo extensão do vocábulo	153
Quadro 05 – Aplicação do princípio da Marcação no grupo distanciamento temporal	154
Quadro 06 – Aplicação do princípio da Marcação no grupo editoria	155
Tabela 07 – Aplicação do princípio da Marcação no grupo jornal	156
Quadro 08 – Aplicação do princípio da Marcação no grupo tipo de origem	156
Quadro 09 – Aplicação do princípio da Marcação no grupo pessoa do discurso	157
Quadro 10 – Aplicação do princípio da Marcação no grupo polaridade	158

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	O FENÔMENO EM ESTUDO	21
2.1	Perífrases	31
3	EMBASAMENTO TEÓRICO	38
3.1	Sociolinguística	38
3.2	Funcionalismo	44
3.3	Sociofuncionalismo	49
4	METODOLOGIA	56
4.1	Corpus	56
4.1.1	<i>Crítérios de equiparação.....</i>	57
4.1.2	<i>O problema da autoria</i>	60
4.1.3	<i>Os jornais</i>	64
4.1.3.1	<i>O Estado</i>	64
4.1.3.2	<i>Diário do Nordeste</i>	66
4.1.3.3	<i>O Povo</i>	68
4.1.3.4	<i>Aqui CE</i>	71
4.2	Envelope de variação	74
4.2.1	<i>Variável dependente</i>	74
4.2.2	<i>Variáveis independentes</i>	76
4.3	Hipóteses	77
4.4	Análise estatística	82

5	ANÁLISE DE DADOS.....	86
5.1	Descrição dos resultados	90
5.1.1	<i>Futuro como valor de aplicação</i>	90
5.1.1.1	<i>Tipo de verbo.....</i>	91
5.1.1.2	<i>Extensão do vocábulo</i>	98
5.1.1.3	<i>Editoria</i>	101
5.1.1.4	<i>Jornal</i>	103
5.1.1.5	<i>Origem</i>	107
5.1.1.6	<i>Distanciamento temporal</i>	110
5.1.1.7	<i>Pessoa do discurso</i>	114
5.1.1.8	<i>Marca de futuridade</i>	118
5.1.1.9	<i>Polaridade</i>	119
5.1.2	<i>Perífrase como valor de aplicação</i>	120
5.1.2.1	<i>Tipo de verbo</i>	121
5.1.2.2	<i>Distanciamento temporal</i>	124
5.1.2.3	<i>Extensão do vocábulo</i>	126
5.1.2.4	<i>Pessoa do discurso</i>	128
5.1.2.5	<i>Polaridade</i>	131
5.1.2.6	<i>Jornal</i>	133
5.1.2.7	<i>Editoria</i>	133
5.1.2.8	<i>Marca de futuridade</i>	134
5.1.2.9	<i>Origem</i>	136
5.1.3	<i>Presente como valor de aplicação</i>	137
5.1.3.1	<i>Tipo de verbo</i>	137

5.1.3.2	<i>Extensão do vocábulo</i>	139
5.1.3.3	<i>Distanciamento temporal</i>	141
5.1.3.4	<i>Editoria</i>	143
5.1.3.5	<i>Origem</i>	144
5.1.3.6	<i>Jornal</i>	145
5.1.3.7	<i>Polaridade</i>	146
5.1.3.8	<i>Pessoa do discurso</i>	148
5.1.3.9	<i>Marca de futuridade</i>	150
5.2	Considerações finais do capítulo	151
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
	REFERÊNCIAS	162

1 INTRODUÇÃO

Quiromancia, búzios, cartas de tarô. A curiosidade humana busca as mais variadas formas para tentar antever o futuro. O mais misterioso dos tempos é também o mais sedutor. Escritores, roteiristas e dramaturgos, com a força da imaginação, inventam-no. Professores, ao formarem as futuras gerações, constroem-no. Os cientistas, assim como os adivinhos, também buscam antecipar o tempo vindouro, mas não por meio de adivinhações. De certa forma, esses estudiosos criam o futuro, ou parte dele.

O interesse humano pelo tempo, como um todo, perpassa todas as áreas do conhecimento e encontra investidas desde épocas remotas. Para Einstein, a distinção entre presente, passado e futuro é uma ilusão, ainda que persistente. Ainda assim, na concepção *vulgar*, o tempo futuro, em especial, apresenta um interesse peculiar, pois guarda em si o mistério do por vir. O futuro guarda o interesse por aquilo que não pode ser visto, nem tocado. Um passo para frente e se pode chegar ao futuro, mas, chegando lá, o futuro já terá virado presente, e, rapidamente, passa a fazer parte do passado. Assim, parece impossível encontrá-lo.

A forma que o ser humano encontra para saciar o desejo de alcançar o tempo vindouro é falando sobre ele. É por meio da linguagem que, por assim dizer, o tempo futuro se realiza, através da imaginação que precede um invento, da dúvida que estimula uma pesquisa, da conversa que versa sobre sonhos. Os estudiosos da linguagem também são seduzidos pelo tempo e incutem igual curiosidade por aquilo que o futuro (não) revela. Contudo, as artimanhas dos linguistas para apreender o tempo não são propriamente no sentido de controlá-lo, ou antevê-lo, mas sim, de entender como ele se realiza linguisticamente. O tempo vem ganhando cada vez mais espaço no rol dos estudos linguísticos no Brasil, assim como o estudo específico do tempo futuro.

A representação linguística do tempo futuro varia de acordo com cada idioma. Em português, o tempo é dividido em passado, presente e futuro, diferentemente do que acontece, por exemplo, com o chinês, que não apresenta flexão verbal para diferenciar o presente do futuro. Mesmo com essa divisão, há a noção de que o presente é o tempo sobre o qual se formam os demais. Por ser um tempo verbal não marcado morfologicamente, o presente do indicativo pode ser usado com valor de futuro. Ao futuro, cabe a expressão de um estado de coisas a ser verificado a *posteriori*. Essa incerteza de concretude atrela ao fator temporal do futuro um valor modal que pode comprometer o valor de verdade da asserção enunciada. Esse

traço tornou ainda mais latente a necessidade de estudo, por parte dos linguistas, da categoria de futuro.

Atualmente, a expressão do futuro do presente em português apresenta-se sob três formas, sobre as quais falaremos mais adiante: a sintética, a perifrástica e a forma no presente do indicativo com valor de futuro. Malvar e Poplack (2008) citam, ainda, a possibilidade de o futuro ser expresso por perífrases formadas com o verbo *haver*. No entanto, as autoras constataram que essa forma não é usada no português brasileiro contemporâneo:

Basicamente quatro formas variantes são consideradas representantes do futuro: uma forma sintética (FS), como em (1^a), a perífrase com *haver* (PH), como em (1b), o presente (P;1c) e a perífrase com *ir* (IR; 1d). O futuro sintético (1a) é tipicamente identificado como a forma default que transmite o significado primário de futuro; as outras variantes são essencialmente associadas a uma gama de modalidades (ex. sentenças afirmativas, verbos monossilábicos, proximidade no futuro).

1^a- Esopo, desavergonhado, tu me foste enganar? Pois em ti *vingarei* (FS) minha raiva. (Silva 1734: Eurípedes: 106)

1b- Porém não *hei de casar* (PH), senão com homem avisado; ainda que pobre e pelado, seja discreto em falar. (Vicente 1523. Inês: 186)

1c- São nove horas e o ofício de Ramos *principia* (P) às dez e meia. (Pena 1853. Ambrósio: 12)

1d- Aí eu, “que festa?” “Ah, na nossa sala *vai ter* (IR) uma festa.” (Tiago/A2/1992). MALVAR E POPLACK (2008, p. 186).

Essa variação modo-temporal – excetuando-se a forma perifrástica com *haver* – é o mote de nossa pesquisa, que estuda a expressão do futuro do presente na mídia cearense impressa. Para tanto, tomaremos o Sociofuncionalismo como modelo teórico-metodológico de um estudo cujos dados serão coletados de textos de jornais impressos cearenses. Entende-se por Sociofuncionalismo o modelo que aglutina os postulados de outras duas teorias: a Sociolinguística e o Funcionalismo, modelos que trabalham com a relação entre língua e sociedade.

É a linguagem o que melhor difere o ser humano dos demais animais e é inconcebível possuir ou usar a linguagem sem possuir ou fazer uso de uma língua natural específica (LYONS, 1987), sendo, pois, através do exercício da linguagem, pelo uso da língua, que o ser humano constrói sua relação com a natureza e com os demais seres humanos (BENVENISTE, 1997). É desse modo que introduzimos a insofismável relação entre língua e

sociedade. Estando aquela tão imbricada a esta poderia ser redundante – mas não é – existir uma subárea da Linguística, a Sociolinguística, destinada ao estudo dessa ligação.

Apesar de poderem ser observadas e estudadas sob diferentes pontos de vista, as línguas apresentam duas características que perspectiva nenhuma – quer formalista, quer funcionalista – pode negar: elas são vivas, não são estáticas, de modo que variam e mudam. Afirmamos, ainda, que não há dissociação entre língua e variação e mudança. Usando os termos saussurianos (SAUSSURE, 1971), podemos dizer que a variação é um fenômeno sincrônico, ou seja, aparece e pode ser estudado em um determinado recorte temporal, ao passo que a mudança é diacrônica, ou seja, ocorre e pode ser estudada ao longo de uma linha temporal evolutiva.

Dizer que as línguas variam e mudam significa dizer, conforme defende a teoria da mudança linguística de Weinreich, Herzog e Labov, que elas são heterogêneas, apresentando, assim, *variantes*, ou seja, diversas possibilidades para dizer uma mesma coisa, em um mesmo contexto discursivo e com o mesmo valor de verdade, e *variáveis*, que é o nome dado a um conjunto de variantes. De acordo com a Sociolinguística, essas variações podem ser diatópicas (variação geográfica), diacrônicas (variação no tempo), diamésicas (variação entre língua falada e escrita), diastráticas (variação de faixa etária, sexo/gênero, classe social, escolaridade, situação ou contexto de uso) *etc.* (ALKMIM, 2001; ILARI; BASSO, 2009).

A defesa da dependência da língua ao contexto de uso aproxima a Sociolinguística do Funcionalismo, modelo teórico que busca explicações linguísticas a partir da linguagem em uso no seu contexto social (PEZATTI, 2007). Tomaremos aquela e este como interface teórico-metodológica de nosso estudo.

À luz da teoria variacionista de Labov (LABOV, 2008) e na esteira de outras pesquisas já realizadas (NUNES, 2003; BRAGANÇA, 2008; GIBBON, 2000 *etc.*), buscaremos descrever como a mídia impressa cearense atual expressa a codificação do tempo futuro. Conforme antecipamos, adotaremos como variável estudada a expressão do futuro do presente no português cearense escrito, que vem apresentando três formas em variação: (1) a forma sintética (exemplo: *cantarei*), (2) a forma perifrástica¹ (ex: *vou cantar*; *irei cantar*) e (3) a forma no presente do indicativo com valor de futuro (ex: *canto amanhã*). O verbo IR tem sido constantemente utilizado na construção dessas formas perifrásticas, apresentando-se, ora no futuro (ex: *irei cantar*), ora no presente (ex: *vou cantar*). Vale pontuar que tomaremos o

¹ Mais adiante, no capítulo 2, procederemos à definição de construções perifrásticas.

presente do indicativo como variante inovadora, não-padrão, assim como a perífrase, em relação à variante conservadora padrão, futuro do presente sintético. Para tanto, levaremos em consideração o contexto em que o presente está inserido, entendendo, como contexto, o texto em si, todos os elementos textuais do jornal, como título, data da publicação etc., bem como o conhecimento de mundo por trás do texto.

As formas (1), (2) e (3), assim como quaisquer variantes em uma comunidade de fala, concorrem entre si. No caso, a forma sintética é a forma padrão e as demais são consideradas variantes inovadoras. Normalmente, a forma padrão, e também conservadora, goza de prestígio social, ao passo que as formas inovadoras são consideradas variantes não-padrão, e não-prestigiadas, sofrendo, por vezes, estigma social (TARALLO, 2007, p. 11). As formas (2) e (3), apesar de inovadoras, não parecem sofrer preconceito. São formas que já atingiram o *status* de gramaticalizadas e, cada vez mais, consolidam-se no paradigma verbal de futuro, uma vez que já são bastante empregadas na fala e, até mesmo, na escrita.

Acreditamos nisso porque os resultados das pesquisas citadas confirmam que os usuários da norma-culta estão fazendo uso das perífrases e porque também estão sendo utilizadas em diversos gêneros jornalísticos. Essas duas afirmações têm o fito de clarificar a escolha de nosso *corpus*. Sobre ele, falaremos logo mais, mas, antes, exporemos alguns estudos semelhantes ao nosso, seja pela natureza sociocionalista, pelo mesmo tipo de *corpus* ou por tratar de verbo, tempo futuro e/ou perífrase.

Estudos Sociolinguísticos, Funcionalistas, ou mesmo Sociofuncionalistas, têm se mostrado fecundos terrenos dentro das pesquisas linguísticas. Um deles é o de Sousa (2007) que, assim como nós, também trabalha com verbo, com perífrase e com *corpus* de falantes fortalezenses (no caso, extraído do banco de dados PORCUFORT – Português Oral Culto de Fortaleza); contudo, existem algumas diferenças entre as pesquisas: a autora usa, como fonte de dados, a língua falada, ao passo que usaremos a língua escrita. Além disso, enquanto Sousa trabalha com diversas perífrases, tais como *andar fazendo*, *continuar fazendo*, e em quaisquer tempos verbais, trabalharemos unicamente com o tempo futuro (ou, ao menos, com a ideia de futuridade). Sobre tempo futuro e perífrase, Sousa (2007, p. 68) aponta que às perífrases verbais formadas com infinitivo tem-se atribuído um valor progressivo, guiado para o futuro, razão pela qual o gerúndio tem sido escolhido como forma auxiliar na construção dos futuros gramaticais. A autora ressalta que tal fato é observado principalmente na língua falada, na qual são ordinárias construções como *vou viajar amanhã*, *vou estudar para a prova* (como expressão de algo que está por vir), e é cada vez mais rara a forma no futuro simples (*viajarei amanhã*, p.ex.).

Outra diferença entre as pesquisas é que, enquanto trabalhamos, primordialmente, com modalidade, Sousa lida apenas com perífrases verbais marcadas aspectualmente, excetuando-se as ocorrências com IR, pois, de acordo com ela, em determinados contextos, quando não usado em sentido de movimento, é possível que expresse aspecto (SOUSA, 2007, p. 63).

Torres (2009) também trabalha com tempo futuro e com perífrases em Fortaleza, entretanto, as perífrases analisadas são as gerundivas, que apresentam seis variantes: a) *futuro iminente perifrástico simples*, b) *futuro iminente perifrástico estendido*, subvariável *futuro iminente*; c) *futuro médio perifrástico simples*, d) *futuro médio perifrástico estendido* – que compõem a subvariável *futuro médio*; e) *futuro resultativo perifrástico simples* e f) *futuro resultativo perifrástico estendido*, subvariável *futuro resultativo*. Em comum com o autor, também usaremos o Sociofuncionalismo como modelo teórico-metodológico.

Aproximando-se mais de nosso trabalho, podemos citar a pesquisa de Nunes (2003), cuja variável também é a codificação do futuro do presente em língua portuguesa. No caso de Nunes, o *corpus* é o falar da cidade de Pelotas, extraído do “Banco de Dados Sociolinguísticos da fronteira e da campanha sul-rio-grandense” (BDS Pampa), originado em 1998, criado pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), numa parceria com a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). A diferença básica, norteadora de todas as outras, entre a pesquisa de Nunes e a nossa é que, enquanto optamos por um estudo sincrônico, a autora adota um estudo diacrônico. O trabalho de Nunes faz um resgate do comportamento do futuro do presente ao longo da história, desde o latim – quando as formas sintética (*amabo*) e a perifrástica (*amare habeo*) concorriam– até a língua portuguesa atualmente, que também apresenta variação entre forma sintética e perifrástica, como em (*amarei ~ vou amar*).

É esse comportamento similar que faz a autora intuir que parece haver uma evolução cíclica no comportamento da variável estudada. Este comportamento é o foco de sua pesquisa. Em princípio, a pesquisadora questionou-se sobre o porquê da preferência pela forma perifrástica histórica, em língua portuguesa, desde o processo de Romanização na Península Ibérica até hoje, em que o falante usa outros fatores, tais como os valores modal e aspectual, relacionados à semântica dos verbos.

Esses fatores não foram levados em conta porque, em sua pesquisa, Nunes não pormenoriza os condicionamentos linguísticos, limitando-se a anotar somente a ocorrência de cada uma das formas estudadas, a saber, a forma sintética e a perifrástica. Os fatores extralinguísticos, por sua vez, são bastante explorados, sendo destacados os condicionamentos sexo, escolaridade e idade. Contudo, nenhum dos três é apontado pelo programa estatístico

VARBRUL como relevante, uma vez que a perífrase é predominante na língua falada em Pelotas. O mesmo também ocorre na pesquisa de Gibbon (2000), na qual a autora afirma que o futuro do presente está *definitivamente* perdendo espaço para a forma nova, a perífrase.

Nunes aponta que, cada vez mais, os meios de comunicação são complacentes com a forma inovadora. Concordamos com a autora e, por isso, trabalharemos com os gêneros jornalísticos, especificamente, da mídia impressa. O abandono à forma escrita, mais conservadora, e ao estilo adotado pelos meios de comunicação são lacunas apontadas pela própria autora e que tentaremos preencher em nosso estudo. Também entendemos como lacuna – justificada pelo objetivo da pesquisa de descrever a trajetória histórica da perífrase de futuro – a inclusão apenas das variáveis sintética e perifrástica, razão pela qual trabalharemos também com o presente do indicativo na expressão de tempo futuro.

Gibbon (2000), que tem *corpus* extraído do Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Linguística Urbana na Região Sul), projeto que envolve universidades do Sul do país, também faz um estudo sociovariacionista com as formas verbais futuro do presente, futuro perifrástico e presente do indicativo, motivo pelo qual construiremos nossas hipóteses a partir dos resultados de sua pesquisa, e também da pesquisa de Bragança (2008).

Gibbon (2000) trabalhou com os seguintes grupos fatores linguísticos e extralinguísticos, respectivamente: número de sílabas do verbo principal, tipo de auxiliar, tipo semântico do verbo principal, tipo semântico do verbo da oração vinculada ao dado, estatuto sintático da oração na qual se encontra o dado, caráter morfológico do verbo principal, ponto de referência, pessoa do discurso, tempo/modo da oração vinculada ao dado, paralelismo formal, valor semântico/discursivo do enunciado, habitualidade do fato, marcas de futuridade, projeção do fato futuro, tipo de discurso e gênero discursivo, além de sexo, escolaridade e idade. Dentre eles, oito foram considerados relevantes, nesta ordem de relevância estatística: 1. Número de sílabas do verbo principal; 2. Tipo de auxiliar; 3. Tempo/modo da oração vinculada ao dado; 4. Paralelismo formal; 5. Tipo semântico do verbo principal; 6. Ponto de referência; 7. Pessoa do discurso; 8. Idade.

Diferentemente da autora, como já foi citado, pretendemos trabalhar com os textos escritos, o que aproxima nossa pesquisa da de Bragança (2008), que trabalha com a mesma variável, a expressão de futuro, só que tomando dois gêneros, entendidos pela autora como prototípicos do *continuun* oral/escrito: entrevista com informantes universitários e editoriais de jornal.

Nas entrevistas realizadas por Bragança não houve variação entre as formas; a perífrase apareceu em 100% dos casos, o que impossibilitou um de seus desejos iniciais, o de

identificar a influência dos fatores sociais para a escolha das formas. Em relação aos resultados da análise dos editoriais, Bragança atestou que ainda há predominância da forma sintética. Apesar de concordarmos com o resultado, queremos testar, dentro do jornal impresso, editoriais mais formais e mais informais, para descobrirmos se o comportamento da variável será o mesmo. Para tanto, controlaremos, como falaremos mais adiante, as editoriais de *Política, Entretenimento e Esporte*.

Dentre os grupos de fatores estudados por Bragança – perífrase com verbo modal; extensão lexical do verbo principal; paradigma verbal; conjugação verbal; natureza semântica do verbo principal; marca de futuridade fora do verbo; e paralelismo–, foram selecionados como relevantes pelo programa estatístico *Goldvarb* os seguintes: a) *Paradigma verbal e marca de futuridade fora do verbo*, para a ocorrência da forma sintética; b) *Extensão lexical do verbo principal e marca de futuridade fora do verbo*, para a ocorrência da forma perifrástica com IR no futuro; c) *Paradigma verbal e paralelismo* para a ocorrência da forma perifrástica com IR no presente.

Em síntese, nesta dissertação, buscaremos analisar, à luz do Sociofuncionalismo, a variação entre futuro do presente, futuro perifrástico (IR + INFINITIVO) e presente com valor de futuro considerando condicionamentos linguísticos e extralinguísticos a partir de dados extraídos da mídia cearense impressa. Dentre os condicionamentos linguísticos com os quais trabalharemos, está a extensão do vocábulo. Ou seja, pesquisaremos a relação entre a extensão do vocábulo e a escolha da variante de codificação do tempo futuro. Também verificaremos se a presença de marcas de futuridade (advérbios, locuções adverbiais de tempo e orações temporais *etc.*) influencia na escolha da variante de codificação do tempo futuro; assim como buscaremos verificar o papel da polaridade nessa escolha entre as variantes. Averiguaremos, ainda, a influência da pessoa do discurso (*quem fala; com quem fala e de quem ou sobre o que fala* (singular e plural)) e do distanciamento temporal (futuro imediato; futuro distante; futuro indeterminado) sob a escolha da variante de codificação do tempo futuro. Por fim, acreditamos que o tipo semântico do verbo (*achievement, accomplishment, atividade, estado*) influencia nessa escolha. Também testaremos condicionamentos extralinguísticos, por acreditarmos que eles influenciam na escolha da variante de codificação do tempo futuro. No caso, pesquisaremos a influência do jornal no qual o dado está inserido e da editoria, bem como da origem do dado, ou seja, se ele foi extraído de uma matéria ou de uma coluna. Os grupos de fatores acima foram escolhidos, principalmente, porque se mostraram relevantes em outras pesquisas, como Gibbon (2000) e Bragança (2008). Outros

grupos que também foram testados por essas autoras – como paralelismo, ponto de referência e conjugação verbal – poderiam compor nosso estudo, entretanto, como trabalhamos com um corpus bastante extenso, composto por 2.184 dados referente à variável futuro do presente, precisamos optar por alguns dos grupos de fatores para que a pesquisa não se tornasse exaustiva e para que pudéssemos terminá-la em tempo hábil.

Trataremos, sobremaneira, de algumas questões gerais que perpassam todas as outras. A primeira diz respeito ao uso das variantes inovadoras. Buscaremos descobrir se essas formas já atingem os contextos dentro do jornal e, se sim, qual a frequência de uso e o comportamento das variantes diante de condicionamentos linguísticos e extralinguísticos. Também interessa-nos verificar se as formas mais marcadas ocorrem em contextos mais marcados e as menos marcadas em contextos menos marcados, ou se a tendência de uso dessas formas é garantir um equilíbrio discursivo contextual. Para tanto, aplicaremos aos grupos com os quais trabalhamos o princípio funcionalista da marcação (Givón, 1995), segundo o qual formas mais marcadas ocorrem em contextos mais marcados e formas menos marcadas ocorrem em contextos menos marcados. Em caso negativo, testaremos a proposta de formulação de princípio de contrabalanço ao princípio da marcação, intitulado princípio de expressividade estilística, proposto por Du Bois e Votre (2012).

2 O FENÔMENO EM ESTUDO

Procederemos neste capítulo com uma breve revisão do tratamento dado ao futuro do presente na tradição gramatical. Buscaremos observar como a variante padrão, sintética, é abordada e se as variantes inovadoras perífrase e presente do indicativo são também descritas e, em caso positivo, de que forma. Como uma das variantes com as quais trabalhamos é formada a partir de uma construção perífrástica, o capítulo também fará uma breve revisão gramatical ao tratamento dado às perífrases. Também faremos menção ao processo de gramaticalização nos verbos, uma vez que a pesquisa estuda uma perífrase em processo de gramaticalização.

Na a revisão gramatical, faremos um levantamento de gramáticas anteriores e posteriores à Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), de 1958. Dentre as gramáticas posteriores à NGB, incluímos algumas mais antigas e outras mais atuais, além de gramáticas voltadas ao ensino escolar. Examinaremos, ainda, se houve mudança no tratamento que os autores deram ao futuro do presente no decorrer dos anos. Para averiguar essa permanência ou mudança de ponto de vista, faremos, também, um breve cotejo entre algumas obras dos mesmos autores ou, ainda, de algumas reedições da mesma obra.

Começaremos nossa revisão pelos gramáticos pré-NGB. Gomes (1913, p. 82) define *flexão temporal* ou *tempo* como “a modificação com que o verbo exprime a época em que se dá o facto. Há tres tempos principais e absolutos – o passado, o presente e o futuro; os outros são secundários e decorrem desses. Para o autor, o futuro admite a seguinte subdivisão: “o futuro absoluto ou simples, que exprime méro facto futuro – IREI; o futuro relativo, que exprime facto futuro antes de outro futuro: TEREI ESTUDADO *este capítulo, quando você chegar*” (GOMES, 1913, p. 83).

Na explanação sobre o tempo presente, não há menção à possibilidade de ele expressar o tempo futuro; da mesma forma, ao falar sobre o *futuro*, não é considerada a possibilidade de expressão desse tempo pela forma perífrástica IR + infinitivo. É importante considerar, no entanto, que, em sua detalhada explicação acerca das *conjugações peripharasticas* (sic), Gomes (1913) cita a conjugação para indicar *acção próxima, iminente* (sic), definida por ele como:

... a que é formada pelo auxiliar estar com o infinitivo do verbo principal regido de *para* ou só com o verbo *ir* seguido do infinitivo. ESTÁ PARA *chover*. Eu ESTIVE

PARA embarcar no primeiro paquete. Esta moça ESTAVA PARA casar... O doente já VAI MORRER;... GOMES (1913, p.107).²

É importante salientar que, apesar de não fazer referência direta ao tempo futuro, o matiz significativo que subjaz a uma ação próxima, iminente, é de futuridade e o exemplo apresentado pelo autor com o verbo IR seguido de infinitivo corrobora nosso argumento: VAI MORRER.

Fradique (1928) não faz qualquer menção à forma perifrástica ou a possibilidade de o presente apresentar valor de futuro. Limita-se a existência de três tempos do verbo: passado, presente e futuro. Pereira (1924), por sua vez, recorre à etimologia da palavra futuro para definir essa categoria verbal e usa as formas históricas para fazer referência ao comportamento cíclico do tempo futuro em português, sobre o qual falaremos mais em breve.

FUTURO. O futuro, conforme seu etymo (*futurus = o que ha de ser*), exprime a acção de um tempo por vir. Possui elle duas fórmas, umasimples (*amarei*) e a outra composta (*tereí amado*). A fórma simples (*historicamente composta = amare+habeo = amar+hei = amarei*) é chamada *futuro imperfeito*, porque indica mera futuridade, e enuncia uma acção realizável, contemporânea, às vezes, com um outro facto a se realizar-se: Irei, ou irei quando elle vier. (PEREIRA, 1924, p.502).

Destacam-se, da definição de Pereira (1924), a menção à alternância histórica entre as formas sintética e composta para a expressão linguística de tempo futuro e a referência à possibilidade de a ideia de futuridade ser expressa não somente em relação ao ato de fala, mas também a um outro evento. O autor ainda arrola duas possibilidades de expressão do tempo futuro: com o *pretérito perfeito* e com uma forma derivada do presente latino. De acordo com Pereira (1924, p. 503), pode-se lançar mão do *pretérito perfeito* para exprimir “a segurança absoluta de um facto que ha de realizar”, como em “Se resistir uns dois mezes, Affirmo-lhe que *escapou* (A.C.,O.D., 192)”. A outra possibilidade, segundo o autor, é que o português permite que uma mesma forma, derivada do *presente latino* (*ama, amae-ama, amate*), exprima tanto o *presente*, quanto o *futuro*. Como forma de desambiguação, Pereira (1924, p. 503) sugere o uso de “advérbios, locuções ou clausulas adverbias” que atestem futuridade, como em: “*Faze amanhã o que te digo – Cumpre para o futuro o teu dever – Obedece, quando fores chamado*”. O mesmo acontece, atualmente, com o *presente do*

² Sublinhado nosso. Demais destaques são de GOMES (1913).

indicativo e o *futuro do presente*, sendo que a expressão de futuridade pelo presente não está, necessariamente, atrelada aos advérbios com valor de futuro.

Para Barboza (1924, p. 203), a Gramática, definida por ele como a arte de falar e de escrever corretamente, baseia as noções de tempo no ato de fala, ou, como diz o autor, “no acto mesmo da palavra, isto he, no espaço e duração, em que qualquer está falando e o ou escrevendo”. A partir desta ideia, o autor constrói a definição dos três *tempos* ou *durações* existentes: “[...] o Presente, que he o em que se está falando; o Pretérito, que é todo aquele, que precedeo ao presente; e o Futuro, que he todo o que se lhe ha de seguir”. Com isso, a noção de futuridade está atrelada àquilo que sucede o ato de fala e, por isso mesmo, o autor ignora, à princípio, a possibilidade de outro evento ser ponto de referência a partir do qual se constrói o tempo futuro. Essa possibilidade é arrolada quando o autor descreve os tempos imperfeitos:

Os tempos imperfeitos exprimem durações não acabadas; e como estas são outras tantas continuações da existência dentro dos espaços, que correm ou até á epocha da palavra, ou no tempo desta, ou depois della; formão ellas outros tantos períodos, os quaes confinão huns com outros. O período anterior pega com o período actual, e este com o posterior, de sorte que o fim do primeiro he o principio do segundo, e o fim do segundo he o principio do terceiro. Daqui vem comunicarem-se mutuamente entre si as linguagens dos tempos imperfeitos, a do pretérito, e a do futuro com a do presente [...]. BARBOZA (1924, p. 205).

Iniciaremos, agora, a revisão gramatical dos autores pós-NGB. Com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, de 1958, a taxonomia de futuro foi padronizada: *futuro do presente* (simples e composto) e *futuro do pretérito* (simples e composto), em substituição à denominação, vigente na época, *de condicional* (simples e composto). Para as comparações entre gramáticas, sobre as quais falamos no início deste capítulo, usaremos CUNHA (1968, 1970, 1972 e 2007) e CEGALLA (1968, 1971 e 2008). Dentre as gramáticas mais antigas pós-NGB, trabalharemos com ALMEIDA (1964) e ALMEIDA JUNIOR (1972); e, dentre as gramáticas escolares modernas, trabalharemos com FARACO e MOURA (1996a e 1996b), ABAURRE (2006), ANDRÉ (1990), ALMEIDA (2009) e com o Novo Manual Nova Cultural (1993). Começamos, então, pelo levantamento das gramáticas mais antigas e pela comparação entre elas.

Cunha (1968), já pós NGB, inicia sua exposição sobre o tempo chamando atenção para o valor dos tempos verbais, ou seja, para os diversos matizes significativos que um

tempo verbal pode apresentar nos textos. Como exemplo, o autor cita o presente do indicativo, que, para além da expressão de um fato atual, também pode ser usado para denotar:

a) uma ação habitual ou uma faculdade do sujeito, dissociadas da ideia de tempo:

Ex.: Aos domingos **vou** ao cinema ou Aquela moça **canta** bem.³

b) uma ação passada, principalmente para dar maior vivacidade a certas narrações:

Ex.: D. João VI **chega** ao Brasil e **abre** os portos do país às nações estrangeiras.

c) uma ação futura: Ex.: Amanhã **é** muito tarde.

É interessante que o autor atesta o uso, no exemplo c, da variante *presente do indicativo acompanhado de advérbio que expresse futuridade* com valor de futuro do presente. Entretanto, logo em seguida, Cunha adverte que citou estes outros usos apenas para a melhor interpretação dos casos em que, por ventura, estes outros valores apareçam nos textos estudados pelos alunos do curso ginásial, ao qual o manual se destinava: “Mas, como dissemos, esses e outros sentidos que podem apresentar os tempos verbais só devem ser indicados em função de exemplos ocorrentes nos textos lidos e comentados, e justamente para a sua melhor compreensão” (CUNHA, 1968. P154). O autor não atesta o uso da perífrase IR + infinitivo na construção do tempo futuro nem mesmo com a ressalva de que esta está limitada à oralidade. Já Cunha (1970) reconhece o uso da perífrase, mas não repete a observação sobre o presente do indicativo, como veremos a seguir.

Cunha (1970 p. 256-257) define tempo como “a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo”, dividi-o em *presente*, *pretérito* (ou passado) e *futuro* e ressalta que aquele é um tempo indivisível, ao passo que estes subdividem-se nos modos *indicativo* e *subjuntivo*. Ainda em relação aos dois últimos verbos, o gramático apresenta a divisão do pretérito em *imperfeito*, *perfeito* e *mais-que-perfeito*; e do futuro em *do presente* e *do pretérito*. Em seguida, o autor explica que o fato expresso pode ser representado de três formas: i) como *praticado* pelo sujeito (voz ativa); ii) como *sofrido* pelo sujeito (voz passiva); e iii) como praticado e sofrido pelo sujeito (voz reflexiva). Ao explicar a formação da voz passiva, que se constrói com o VERBO AUXILIAR *ser* e o PARTICÍPIO do verbo que se quer conjugar (Ex.: Pedro **foi ferido** por João) ou com o PRONOME APASSIVADOR *se* e uma terceira pessoa verbal, singular ou plural, em concordância com o sujeito (Ex.: Não se vê [= é vista] uma rosa neste jardim), Cunha observa que “além do verbo *ser*, há outros auxiliares que, combinados com um particípio, podem formar a VOZ PASSIVA”, dentre eles, certos verbos que exprimem estado (como *estar*, *andar*, *viver*), mudança de estado (*ficar*) e

³ Todos os grifos e exemplos de Cunha (1968) são do próprio autor.

movimento (*ir, vir*).⁴ Esta é a primeira vez em que Cunha (1970) aproxima o verbo IR da construção dos tempos verbais, contudo, mantendo seu matiz significativo de movimento (no espaço) e não se referindo especificamente ao tempo futuro.

Mais adiante, no entanto, Cunha (1970, p. 268) cita que, além dos verbos auxiliares mais frequentes (*ter, haver, ser e estar*), há outros que também podem desempenhar tal função, dentre os quais está o verbo IR, que pode ser empregado “a) com o GERÚNDIO do verbo principal, para indicar que a ação se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas (Ex.: O navio **ia encostando** no cais (pouco a pouco) e b) com o INFINITIVO do verbo principal, para exprimir o firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que ela será realizada em um futuro próximo (Ex.: **Vou procurar** um médico e O navio **vai partir**)”. Com o exposto e os exemplos, o autor traz a possibilidade de o verbo IR portar-se como construtor de tempo futuro; aqui, um futuro imediato e desprovido da noção de modalidade, uma vez que cita a “certeza” de que a ação será realizada.

Ao dissertar sobre o *futuro do presente simples*, Cunha (1970, p. 314-315) afirma que este tempo é empregado:

1º) para indicar fatos certos ou prováveis, posteriores ao momento em que se fala:

Ex.: As aulas **começarão** depois de amanhã. (Ciro dos Anjos)

2º) para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição), sobre fatos atuais: Ex.: Há uma várzea no meu sonho, mas não sei onde **será**... (Augusto Meyer)

3º) como forma polida de presente: Ex.: Não, não posso ser acusado. **Dirá** o senhor: mas como foi que aconteceram? E eu lhe **direi**: sei lá. Aconteceram: eis tudo. (Carlos Drummond de Andrade)

4º) como expressão de uma súplica, de um desejo, de uma ordem, caso em que o tom de voz pode atenuar ou reforçar o caráter imperativo: Ex.: **Honrarás** pai e mãe.

5º) nas afirmações condicionais, quando se referem a fatos de realização provável: Ex.: Vem, dizia êle na última carta; se não vieres depressa, **acharás** tua mãe morta!

Em seguida, ressalta que, na língua falada, o emprego do futuro simples é relativamente raro e que, na conversação, há uma preferência por substituí-lo por locuções constituídas:

⁴ Todos os grifos e exemplos de Cunha (1970) são do próprio autor.

a) do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *haver* + PREPOSIÇÃO *de* + INFINITIVO do verbo principal, para exprimir a intenção de realizar um ato futuro: Ex.: Ai roupas que **hei-de** vestir, / Ai gastos que **hei-de** fazer, / Ai frases que **hei-de** tecer, / Ai palavras que **hei-de** ouvir... (José Régio)

b) do presente do indicativo do verbo *ter* + PREPOSIÇÃO *de* + INFINITIVO do verbo principal, para indicar uma ação futura de caráter obrigatório, independente, pois, da vontade do sujeito: Ex.: **Temos de recriar** de nôvo o mundo... (Tasso da Silveira)

c) do PRESENTE DO INDICATIVO do verbo *ir* + INFINITIVO do verbo principal, para indicar uma ação futura imediata: Ex.: **Vou fechar** as janelas, **tapar** os ouvidos, **organizar** minha noite pessoal. (Aníbal M. Machado)

Em Cunha (1972) e Cunha (2007), o autor repete a observação sobre o uso relativamente raro do futuro do presente na língua falada e menciona, respectivamente, as frases “Parece que **vai sair** o Santíssimo, disse alguém do ônibus.” (Machado de Assis) e “**Vamos entrar** no mar” (Adonias Filho), como exemplo de substituição do futuro do presente simples por locuções constituídas do presente do indicativo do verbo IR + infinitivo do verbo principal.

Voltando aos exemplos anteriores, chama-nos atenção, sobremaneira, inicialmente o exemplo 3º, no qual uma forma no futuro é usada para expressar uma ideia no presente, ou seja, o oposto de uma das variantes com as quais trabalhamos: o presente como expressão de futuro. Assim como acontece com o exemplo c, no qual o autor cita a existência coloquial, mesmo que não a legitime, da variante não-padrão IR + infinitivo, com a qual, também, trabalhamos. Nos exemplos em que o autor usa o presente do indicativo na construção do futuro do indicativo, o faz como constituinte de uma locução verbal e não acompanhado de um advérbio que expresse futuramente.

Assim como Cunha (1968), Almeida (1964, p. 212-213) também chama atenção para os outros empregos do tempo presente, dentre os quais cita que “o presente do indicativo pode ser usado em lugar do futuro para anunciar um acontecimento próximo: ‘Sigo amanhã’ – ‘Não posso ir com você’”. Já em consonância com Cunha (1970), Almeida (1964, p. 419) adverte que o futuro do presente pode ser “empregado em lugar do presente para dar ênfase a uma exclamação e para indicar ideia aproximada: ‘Quantos não *estarão* com fome, quantos não *terão* morrido em defesa da liberdade!’ – ‘*Haverá* um mês que foi chamado’”, ou seja, o oposto da variante presente como expressão de futuro, por nós estudada. Almeida (1964, p. 280) chega a citar, ainda, a construção perifrástica com o verbo IR como reforçadora de

verbos incoativos⁵, contudo, no caso, as perífrases são do tipo IR + gerúndio, que não compõem o foco de nossa pesquisa: “Os campos *vão florescendo*” – “O mar *vai esbravejando*.” O autor também menciona IR (e VIR) + gerúndio como possibilidade de locuções verbais ou verbos perifrásticos ou, ainda, locuções perifrásticas⁶ do tipo *desenvolvimento gradual da ação*.

Cunha (2007), por seu turno, trata da questão do aspecto incoativo afirmando que:

A perífrase de estar + gerúndio (ou infinitivo precedido da preposição a), que designa o ‘aspecto do momento rigoroso’ (Said Ali), estende-se a todos os modos e tempo do sistema verbal e pode ser substituída por outras perífrases, formadas com auxiliares de movimento (*andar, ir, vir, viver, etc.*) ou de implicação (*continuar, ficar, etc.*) (CUNHA, 2007, p. 224).

Cunha (2007) arremata dizendo que, de modo geral, perífrases formadas com o *participio* expressam o aspecto acabado, ao passo que as formadas com o *infinitivo* ou *gerúndio* exprimem aspecto inacabado, não concluído.

Cegalla (1971, p. 126-127) inclui o verbo IR como exemplo de verbo auxiliar menos comum. O autor define verbos auxiliares como aqueles “que se juntam a uma forma nominal de outro verbo para constituir os tempos compostos e as locuções verbais” e cita, dentre os exemplos, a seguinte construção com IR + infinitivo: “O secretário **vai** anunciar os resultados”⁷. De modo semelhante, Almeida Junior (1972) cita os principais verbos auxiliares (*ser, haver, ter e estar*) e ressalta que muitos outros verbos podem funcionar como auxiliares, dentre eles, usa um exemplo com IR + infinitivo: “*vou* viajar”. Cunha (1972, p. 380-381) também inclui o verbo IR como possibilidade de verbo auxiliar, reforça que os verbos só podem ser considerados auxiliares quando acompanharem uma forma nominal de outro verbo, constituindo um “todo significativo” e diz que se emprega IR com infinitivo do verbo principal para “exprimir o firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que ela será realizada em futuro próximo”. Os exemplos dados são: “*Iam* começar os hinos pela manhã no oratório do Ateneu.” (R. Pompéia, A, 57) e “*Vou* dormir.” (G. Ramos, AOH, 128).

⁵ De acordo com Almeida (1964: 279), incoativos denominam-se os verbos que indicam começo de ação.

⁶ Almeida (1964: 289) usa as três denominações para designar uma ação expressa por meio de uma frase de dois ou mais verbos. O autor divide as locuções verbais em quatro tipos, a saber: 1) Locuções verbais que indicam **passividade**; 2) Locuções verbais que indicam **linguagem projetada**; 3) Locuções verbais que indicam **continuidade**; e 4) Locuções verbais que indicam **começo** ou desenvolvimento gradual de ação.

⁷ Cegalla (2008), na 48ª edição da Novíssima Gramática da Língua Portuguesa, mantém inalterados a definição de verbo auxiliar e o exemplo com a perífrase IR + infinitivo “O secretário vai anunciar os resultados”.

Mais adiante, Cegalla (1971, p. 126-127) define, na exposição acerca dos tempos compostos, conjugação perifrástica como locuções verbais, “constituídas de verbo auxiliar mais gerúndio ou infinitivo” e exemplifica com “Que vais fazer?”. Já em Cegalla (1968), o autor repete a definição deste outro tipo de conjugação composta, mas usa como um dos exemplos a oração “Que **vais** fazer? Venha correndo.”, na qual encontra-se a perífrase com o verbo IR na segunda pessoa do singular do presente do indicativo mais o verbo FAZER no infinitivo.

Também fizemos uma breve revisão de gramáticas escolares contemporâneas para examinar como é feita a exposição do futuro do presente em língua portuguesa. Começamos por Faraco e Moura (1996a), que apenas mencionam “Nós **vamos sair**” como exemplo de locução verbal, ou seja, quando, nas palavras dos autores, dois verbos equivalem a uma forma verbal simples⁸. Ao explicar a formação deste tipo de construção, também são citados o verbo auxiliar VAI e o verbo principal VENDER, compondo a locução verbal **vai vender**⁹. Apesar de os exemplos expressarem o tempo futuro, não há nenhuma referência a este respeito nem na parte referente às locuções verbais, nem na parte que descreve o tempo futuro.

Já Abaurre e Pontara (2006) discorrem também sobre a variante usada na oralidade. As autoras usam uma caixa de texto à parte para fazer uma observação acerca do uso do futuro do presente na fala:

De olho na fala. A forma sintética do futuro do presente é pouco usada pelos falantes. O que se observa, na fala (e também na escrita informal), é a ocorrência de uma forma perifrástica constituída pelo verbo *ir* no presente do Indicativo + infinitivo do verbo principal. Assim, em lugar de dizerem *Amanhã farei uma prova importante*, as pessoas costumam dizer *Amanhã you fazer uma prova importante*. ABAURRE; PONTARA, 2006. P. 281).

É interessante atestarmos uma observação do uso vernáculo do futuro do presente em uma gramática escolar. Por outro lado, o texto no qual se explica este uso já traz consigo um juízo de valor levemente depreciativo da forma inovadora ao relegá-la à escrita informal. Concordamos que o futuro do presente está caindo em desuso na oralidade e que a forma IR + infinitivo é predominante na fala. Contudo, conforme dito nas hipóteses, acreditamos que a forma perifrástica já ocupa contextos mais formais, como textos jornalísticos. A variante com o futuro do presente sendo expresso pelo presente do indicativo é ignorada. Embora haja autores que não mencionam, em materiais didáticos, as variantes inovadoras de futuro (como

⁸ No mesmo caso, Faraco e Moura (1996b) citam apenas “Vamos sair”.

⁹ No mesmo caso, Faraco e Moura (1996b) citam apenas “Vou sair” e “Vai partir”.

André (1990), Almeida (2009) e o Novo Manual Nova Cultural (1993)), há outros que o fazem, inclusive os gramáticos. O que pretendemos levantar é o fato de as menções às variantes inovadoras estarem sempre atreladas à fala, ao discurso coloquial ou a textos informais. Pretendemos, no entanto, mostrar que essas variantes inovadoras já ocupam contextos mais formais, como os textos jornalísticos.

Para encerrarmos esta seção, julgamos oportuno citar dois autores, o primeiro, Câmara Jr (1967), por explicar sobre as três formas de codificação do tempo futuro com as quais trabalhamos. Primeiramente, Câmara Jr (1967) destaca o valor modal que o futuro tem. Em seguida, avança a possibilidade de o futuro ser expresso pelo presente, desde que usado em relação a um tempo imediato ou próximo, sobre o qual se tem mais controle.

Esponaneamente, o futuro surgiu menos como um tempo do que como um modo. O impulso linguístico que criou um futuro gramatical não foi o de situar o processo como posterior ao momento em que se fala, mas o de assinalar uma atitude do sujeito falante em relação a um processo assim posterior ao momento da enunciação. Para o teor indicativo de franca asserção as formas do presente servem satisfatoriamente de expressão de processos por acontecer. Pode-se dizer que essas formas abarcam o futuro na sua categoria temporal. Para o processo que se vai dar, o sujeito falante prolonga a atualidade que vive, e o futuro se resolve linguisticamente em presente. (CÂMARA JR, 1967, p. 25).

Câmara Jr (1967), ao dissertar sobre locuções verbais, também explica como a perífrase IR + infinitivo pode servir para codificar o tempo futuro e associa essa variante ao futuro indeterminado (iniciando-se no tempo atual):

Entre esses tipos de locuções verbais, destaca-se um em que a significação temporal já é primordial: o que se constrói com o auxiliar *ir* (vou falar, vou chegar etc.). Aí, o futuro já se mostra diferenciado do presente, mas não – à maneira das formas em -r- – como tempo “absoluto” em princípio: é um tempo por vir que se estende do tempo atual sem solução de continuidade, ou, nos termos de EDOUARD PICHON, “um prolongamento dinâmico do nosso presente” (D-LII. 98). Podemos dizer que é um futuro relativo, que coroa um processo cursivamente considerado, em vez da expressão “absoluta” ou autônoma de um processo por vir desligado do momento atual. (CÂMARA JR, 1967, p. 35).

Podemos fazer uma relação entre as descrições de Câmara jr (1967) e o distanciamento temporal. A partir do que foi dito, podemos inferir que o autor associa o

presente ao futuro imediato ou próximo; a perífrase ao futuro indeterminado e o futuro do presente ao futuro intermediário ou distante. Essa relação é confirmada pelos resultados de nossa pesquisa, como veremos no capítulo referente à análise dos dados.

O segundo gramático que escolhemos para finalizar esta seção é Teixeira (1920, p.79), que define verbo como sendo a “palavra variável, que enuncia uma ação, estado ou qualidade, indicando a *pessoa* e o *número* da pessoa ou coisa, a que se refere a afirmação, exprimindo o *tempo* a que ela também se refere, e significando o *modo* por que ela se faz.”¹⁰ Sobre o tempo, afirma serem “as flexões que êle [o verbo] toma, para exprimir a sua afirmação com referência ao *presente*, ao *passado*, ou ao *futuro*.” (TEIXEIRA, 1920, p. 80). No tocante ao tempo futuro, o autor o exemplifica com a oração *Os vindouros o saberão* e o divide em imperfeito ou absoluto e perfeito ou anterior. Não há menção a outras formas de expressão do futuro e, mesmo quando explana sobre o uso de auxiliares na construção do tempo composto, em oposição ao tempo simples, apenas os verbos *têr* ou *haver* são citados como formadores destas construções. Mais adiante, no entanto, ao falar especificamente sobre auxiliares, definidos pelo autor como aqueles que auxiliam a conjugação de outros [verbos] (p. 85), o verbo IR é citado, ao lado dos verbos *têr*, *haver*, *sêr*, *estar* e *andar*, como principais exemplos desse tipo de verbo. Neste momento, o autor define como *perifrástica* ou *composta*, a conjugação em que entra um verbo auxiliar. Entretanto, apesar da alusão à construção perifrástica com o verbo IR, não há referência à expressão de tempo futuro e os exemplos citados corroboram o exposto: *tenho de estudar*; *havemos de aprender*; *fui interrompido*; *vá dormir*; *anda a esconder-se*. O trato com as perífrases se dá breve e superficialmente, o que é reconhecido e explicado pelo autor em nota de rodapé:

Os conhecedores de outras *Gramáticas* talvez estranhem que o autor desta passasse de relance pelo assunto das conjugações perifrásticas.

Não houve esquecimento, nem advertência: houve o propósito de não levar aos estudiosos de uma *Gramática* elementar para o labirinto, quase inextricável, dos vários e inconciliáveis processos, com que os gramáticos em geral se têm ocupado de conjugações perifrásticas.

Diversificam tanto as hipóteses, em forma e significado, e são tantos os verbos auxiliares de outros, que os tratadistas de perífrases verbais ainda não assentaram taxonomia indiscutível, nem descobriram moldura, em que se possa enquadrar todas aquelas hipóteses. TEIXEIRA (1920, p. 95).

¹⁰ Grifos de Teixeira (1920).

Com o excerto acima, Teixeira (1920) nos traz o cenário de estudos sobre as conjugações perifrásticas da época e enriquece o panorama que pretendemos traçar. Primeiramente, não nos parece espantosa a dificuldade com a qual os gramáticos da época se depararam, uma vez que esbarramos nela ainda hoje. Por outro lado, parece-nos mais interessante atestarmos o interesse de pesquisadores do início do século XX por um assunto que, ainda hoje, não goza de definições pacíficas e, definitivamente, não se deu por encerrado. Apesar de sabermos que os estudos linguísticos vivenciaram notável avanço nas últimas décadas, o comentário de Teixeira (1920) ainda se mostra atual. Mesmo diante de outra conjuntura, ainda hoje, definições e/ou distinção entre termos como *tempo composto*, *perífrase* e *locução verbal* causam confusões e controvérsias entre gramáticos tradicionais e linguistas. Além da existência de variadas hipóteses e da taxonomia dissonante, muitos gramáticos contemporâneos também optam por não se aprofundarem no terreno, ainda nebuloso, das construções perifrásticas, relegando este estudo à Academia. Essa escolha é bastante frequente, como vimos, nas Gramáticas Escolares, que, acreditamos, correspondem à Gramática elementar citada por Teixeira (1920). Aparentemente, o autor furtou-se a se aprofundar na discussão acerca das perífrases por julgá-la muito hermética para o público ao qual se destinava sua Gramática. Provavelmente, esse também seja o argumento para a supressão do assunto nas Gramáticas Escolares atuais.

Apesar de ser um assunto complexo, levar os alunos a adentrarem nesse “labirinto” ainda na fase escolar poderia fazê-los entender melhor a dinâmica linguística. Por exemplo, sem o aprofundamento da questão, é provável que os estudantes não discutam, ainda na escola, a possibilidade de o tempo futuro ser expresso por uma construção perifrástica do tipo IR + infinitivo. Com essa omissão, o ensino escolar tende a limitar-se à Gramática Tradicional e a afastar-se da língua em uso. Esse comportamento pode ser estendido a muitos outros pontos controversos da Língua Portuguesa e faz com que, num intervalo de quase cem anos, tenhamos avançado no debate entre Gramática Tradicional e vernáculo, mas não tenhamos conseguido levar, à contento, essa discussão para as escolas.

2.1 Perífrases

Achamos oportuno estender nossa revisão gramatical ao tratamento dado às perífrases, uma vez que uma das variantes com as quais trabalhamos é formada a partir de uma construção perifrástica. Essa definição também nos parece salutar para a continuação de nossa pesquisa, pois, conforme dissemos, é frequente a confusão que gramáticos tradicionais e

linguistas fazem de termos como *tempo composto*, *perífrase* e *locação verbal*. As formas verbais compostas são uma criação do latim vulgar e foram amplamente usadas nas línguas românicas, como o português. Apesar de antigas e amplamente utilizadas, as formas compostas ainda não gozam de definição pacífica e uníssona entre os especialistas. Pontes (1973) comenta esta difícil delimitação:

O primeiro problema que encontramos no estudo da tradição gramatical é a falta de definição rigorosa dos termos usados e, conseqüentemente, o emprego, por autores diversos, de termos idênticos com significados diferentes. Isto é o que acontece também com a designação de Locução Verbal (LV), que é usada por autores diferentes com um sentido que varia desde a acepção mais abrangente até a mais restrita. Alguns autores designam como LV qualquer sequencia verbal com uma certa coesão interna, de tal modo que funcione como um verbo simples; outros separam certas sequencias verbais que denominam *Tempos Compostos* (TC) e consideram as restantes como locuções. Tanto na acepção mais ampla como na mais restrita, LV costuma ser sinônimo de Conjugações Perifrásticas (CP). (PONTES, 1973, p.15).

Bragança (2008)¹¹, que, assim como nós, trabalhou com a expressão de futuro e usou textos do jornal impresso como um de seus *corpora*, também buscou definir construções perifrásticas e esbarrou na difícil delimitação sobre o que é tempo composto e o que é perífrase. Ao tratar desta diferenciação, Bragança (2008) aponta que Said Ali (1966), apesar de definir verbos auxiliares, não difere construções perifrásticas de tempo composto. Semelhantemente, Cunha e Cintra (1985) não distinguem as duas formas, e chamam de locução verbal o conjunto composto por formas auxiliares mais verbos principais.

Os três autores utilizam, portanto, o critério sintático para a sua definição e apresentam os seguintes verbos como sendo auxiliares: *ser*, *estar*, *ter* e *haver*. Contudo, Cunha e Cintra citam que outros verbos, tais como *ir*, *vir*, *andar*, *ficar* e *acabar*, podem funcionar como auxiliares e podem ligar-se ao infinitivo do verbo principal para indicar tempo ou certas marcas de aspecto no desenvolvimento de ações.

¹¹ Bragança (2008) trabalhou com entrevistas com universitários e com editoriais de jornais. Ressaltamos que, em paralelo à apresentação da pesquisa que fizemos sobre perífrases, descreveremos a pesquisa que Bragança realizou sobre o mesmo assunto, citando alguns dos autores usados por ela. Isso porque, interessa-nos o percurso empreendido pela autora, e suas contribuições, uma vez que ela também trabalha com o tempo futuro e também esbarrou nos problemas de definições que nos levaram a criar esta seção.

Ainda de acordo com a pesquisa realizada por Bragança (2008), Bechara (2004) define locução verbal ou construção perifrástica como sendo as diversas formas de ligação de um verbo auxiliar com verbos no infinitivo, particípio ou gerúndio, tidos como verbos principais. O autor faz uma ressalva ao dizer que a aproximação de dois ou mais verbos não constitui, necessariamente, uma locução verbal. A intenção do falante é que define se se trata de uma locução ou não. Com isso, Bragança (2008) constata que:

há muitos termos para a construção *verbo auxiliar + verbo principal*, sendo ora chamados de tempos compostos, ora de construção perifrástica ou ambos os termos tratados como locuções verbais. A definição para cada um é, no entanto, vaga e ainda vem acompanhada da problemática da mistura de critérios (BRAGANÇA, 2008, p. 39)

Pontes (1973) também conclui que não há, até então, estudo que dê conta do vasto leque de denominações e definições das locuções verbais em português:

Não existe ainda um estudo particular e exaustivo das locuções verbais em nossa língua. Todas as gramáticas tocam no assunto, mas nenhuma o aprofunda. Para se recolher informações a respeito é necessário fazer um estudo de muitos autores, que se repetem em muitos pontos, mas discordam em muitos outros. De modo geral, os nossos autores não se preocupam com definições rigorosas nem com a justificação de seus pontos de vista. (PONTES, 1973, p. 22).

Antes de procedermos com a revisão, é necessário definirmos o que é sintagma verbal. Castilho (2012) é sintético ao dizer que sintagma verbal é a construção nucleada pelo verbo, mas pormenoriza o estatuto da categoria verbal, ao apresentar suas propriedades gramaticais, semânticas e discursivas.

De acordo com autor, as propriedades gramaticais levam em consideração sua morfologia e sua sintaxe. Para a morfologia, o verbo (V) apresenta a seguinte regra:

V → morfemas-vocábulo prefixais + radical + morfemas flexionais sufixais

O radical é constituído por raiz mais vogal temática; morfemas flexionais sufixais são os sufixos modo-temporais; e morfemas-vocábulo prefixais “compreendem os verbos auxiliares *ser, estar, ter, buscar, haver, ir* etc., que operam como Especificadores do sintagma verbal, cujo núcleo serão formas nominais: particípio, infinitivo e gerúndio. Esse conjunto de expressões organiza as perífrases” (CASTILHO, 2012, p. 393).

Já para a sintaxe, verbo é a palavra que tem seus argumentos articulados pelo princípio da projeção. Como substantivos deverbais, advérbios e adjetivos também subcategorizam argumentos, ressaltamos a necessidade de, para construir uma definição, citar critérios diversos. Por isso, prosseguimos com a definição de sintagma verbal, apresentando, agora, as propriedades semânticas: verbos são as palavras que expressam os estados de coisas, ou seja, ações, estados e eventos.

Finalizando a definição, de acordo com as propriedades discursivas, verbo é a palavra que “(i) introduz participantes no texto, via processo de apresentação, por exemplo; (ii) que os qualifica devidamente, via processo de predicação; (iii) que concorre para a constituição dos gêneros discursivos, via alternância de tempos e modos” (CASTILHO, 2012, p. 399).

Definição concluída, é salutar expormos, também, a tipologia do sintagma verbal, que é composta por três tipos: o sintagma verbal simples, cujo núcleo é preenchido por um verbo pleno; o sintagma verbal composto, cujo núcleo é preenchido por um verbo pleno numa forma nominal (infinitivo, particípio ou gerúndio), especificado por um verbo auxiliar; e sintagma verbal complexo, que é o verbo suporte.

Não parece difícil aproximar as construções perifrásticas dos sintagmas verbais compostos. Voltamos, então, à definição de perífrase. Ainda recorrendo à Bragança (2008, p. 25), temos que, de acordo com “Borba (1976, p. 93), *perífrase* é a ‘expressão de relações gramaticais por meio de formas livres’. Ex.: verbo IR na estrutura *ir* + infinitivo, cujo traço semântico mais evidente é de tempo e não de movimento” Línguas que fazem largo uso de construções perifrásticas, como o português, são chamadas de analíticas; ao contrário, línguas sintéticas, como o latim, fazem menos uso destas formas.

Outra definição que podemos retirar de Bragança (2008, p. 25) é a de Du Bois (1978, p. 464), para quem *perífrase* é “como uma figura de retórica, vinculada à sintaxe, que se apresenta como uma sequência de palavras que substituem e definem um termo, parafraseando-o. Ex.: *Ela ficará boa* pode ser substituída por *Ela vai ficar boa*.”

Por fim, Bragança traz a definição de Mattoso Câmara:

Mattoso Câmara (2002, p. 191) afirma que a perífrase é apresentada “por meio de uma expressão sintática” e que pode ser de dois tipos: lexical e morfológica. Interessa para esta pesquisa a perífrase morfológica, definida como uma locução gramatical em que um termo auxiliar exerce as noções gramaticais apenas, ou significação interna, e deixa as noções semânticas externas para o vocábulo principal. Nas construções perifrásticas, o verbo IR apresentaria, assim, matiz temporal, cabendo ao verbo principal a significação externa. (BRANÇANGA, 2008, p. 26).

Já em Barboza (1924) se tem essa ideia de que, em construções formadas com verbos auxiliares, cabe ao verbo principal a carga semântica e ao auxiliar, a expressão de modo, tempo, número e pessoa. Ao dissertar sobre conjugações formadas com o *verbo substantivo*¹² Ser e seus auxiliares, o autor afirma:

Essas formas são invariáveis em qualquer das conjugações compostas do verbo Ser com seus auxiliares; porque a ideia principal de Existência ou começada, ou continuada ou acabada, he sempre a mesma e invariável desde o princípio da conjugação, até o fim. O que varia são os Modos, os tempos, os Numeros, e as Pessoas; e por isso as terminações indicativas destas ideias pertencem todas aos verbos auxiliares, que se conjugam (sic.) como outros verbos e passam (sic) por todas estas variações. Estes verbos considerados como Auxiliares, não tem a mesma aceção, que tem, quando se tomam em sua significação primitiva, como verbos activos, transitivos, ou intransitivos [...] (BARBOZA, 1924, p. 195).

Sobre esse esvaziamento de sentido, Pereira (1924) afirma: “Na perda paulatina de seu conteúdo significativo, como dissemos, tais verbos se tornaram simples auxiliares na formação de tempos compostos, alheios ao latim, servindo apenas para indicar relações de – *tempo, modo, numero e pessoa*” (PEREIRA, 1924, p. 464). Vale ressaltar que, como aponta o autor, o verbo auxiliar cuja significação interna foi perdida, mantém seu sentido original quando não está compondo conjunções: “Quando, porém, esses dois verbos não se acham em conjunção com o particípio do passado ou com o infinitivo regidos da prep. de, nas expressões periphrásticas de tempos verbais, conservam o valor predicativo original, como em – *tenho livros, ha homens.*” (PEREIRA, 1924, p. 464).

Convém lembrar, ainda, que, mesmo na composição de construções perifrástica, pode haver a manutenção de alguns traços semânticos, por exemplo, no caso da perífrase IR + infinitivo, codificadora de tempo futuro, o verbo *ir*, apesar de cumprir, dentro da perífrase, uma função gramatical, ainda conserva o traço semântico de deslocamento, no caso, não no espaço, mas no tempo. Ainda em relação ao valor que assumem dentro das perífrases, Pereira (1924) destaca que, mesmo cumprindo mera função gramatical, os auxiliares guardam algumas especificidades:

¹² Barboza (1924) dividia a categoria dos verbos em três tipos: *Verbos Substantivos*, *Verbos Auxiliares* e *Verbos Adjectivos*. Essa classificação, usual na época, tornou-se obsoleta há bastante tempo.

Não obstante a obliteração de sentido e o conseqüente valor idêntico dos dois auxiliares, a língua faz hodiernamente nítida discriminação entre *ter* e *haver* nas locuções infinitivas preposicionaes, v. gr., entre – *ter de partir* e *haver de partir*. Nestas fórmulas periphásticas, chamadas de *linguem projectada*, não ha mera expressão de futuridade, mas á Idea de futuro aggrega-se, com o verbo *ter*, a Idea de promessa ou resolução: a futuridade indicada pelo primeiro é obrigatoria e a indicada pelo segundo é permissiva: tenho de partir e hei de partir, eu tinha de partir, e eu tinha de partir, eu tive de partir e eu houve de partir, etc. (PEREIRA, 1924, p.465).

Obviamente, não temos a pretensão de encerrar esta antiga discussão, tampouco de apresentar os limiares que distinguem (ou não) tempos compostos e conjugações perifrásticas. Passaremos, então, para um esboço acerca dos processos de gramaticalização nos verbos, uma vez que trabalhamos com uma perífrase em processo de gramaticalização.

Dentre os fenômenos de gramaticalização dos verbos, o mais interessante é a passagem de verbo pleno para verbo funcional e, depois, para verbo auxiliar, como mostra a sequência abaixo, retirada de Castilho (2012):

Verbo pleno > Verbo funcional > Verbo auxiliar

Por verbos plenos entende-se aqueles que funcionam como núcleos de predicado. Já por verbos auxiliares, entende-se que são aqueles que acompanham verbos nucleares na forma nominal, codificando aspecto, tempo, modo e voz. Por fim, verbos funcionais são aqueles que transferem o papel de núcleo do predicado para os constituintes a sua direita, como os verbos de ligação.

A sequência acima, vale ressaltar, não é uma sequência obrigatória, mas sim uma generalização. Além disso, os limites entre um verbo e outro são meramente metodológicos, posto que não podem ser identificados, pois estão em um *continuum*. Em conformidade com a sequência apresentada por Castilho (2012), Pereira (1924, p. 463) descreve o processo pelo qual os verbos *ter* e *haver* passaram até tornarem-se auxiliares:

Os verbos *ter* e *haver*, empregados como *auxiliares*, não eram como taes (sic.) empregados na v. ling. Até o sec. XVI guardaram elles o valor que tinham originalmente em latim de verbos *concretos*, isto e, conservaram seu conteúdo significativo. Sómente depois do sec. XVI é que se foram esvasiando de sentido, e se foram tornando meros verbos de relação ou *abstractos*, quando seguidos de participio passado e participio preposicional (tenho estudado, tenho de estudar). Deste modo foram-se, poupo a pouco, entrando na categoria de verbos *auxiliares*. (PEREIRA, 1924, p.463).

Com essa breve revisão, buscamos situar o leitor acerca do tratamento dado ao futuro do presente na tradição gramatical. O levantamento de gramáticas anteriores e posteriores à NGB, bem como os esboços sobre perífrases e gramaticalização nos verbos, também alicerçou a construção das nossas hipóteses e a análise de nossos resultados.

3 EMBASAMENTO TEÓRICO

Neste capítulo discorreremos acerca das teorias que embasam nossa pesquisa, a Sociolinguística e o Funcionalismo, e da intercessão das duas teorias, intitulada Sociofuncionalismo.

3.1 Sociolinguística

Nosso trabalho, tal qual o propomos, não encontraria espaço de realização até a década de 1960. Até então, estudos que tomassem a fala como escopo e a entendessem como objeto passível de sistematização não encontravam suporte nos teóricos da época. Em 1961, quando o americano Willian Labov iniciou-se na Linguística, o então estudante decidiu pesquisar a língua “tal como usada na vida diária por membros da ordem social” (LABOV, 2008) e esbarrou em um programa linguístico ainda limitado por barreiras ideológicas que abnegavam o estudo empírico da mudança linguística e da estrutura interna da variação.

Revisando a literatura sobre o tema, Labov descobriu, e elencou, algumas dessas “barreiras ideológicas” para o estudo da língua na vida cotidiana, tais como o princípio estrutural saussuriano que apartou os estudos sincrônicos dos diacrônicos, ou as observações que davam conta de que a mudança sonora não podia, *a priori*, ser observada diretamente. “Bloomfield defendia a regularidade da mudança sonora contra a evidência irregular do presente declarando (1933, p. 364) que quaisquer flutuações que pudéssemos observar seriam apenas casos de empréstimo dialetal” (LABOV, 2008, p. 14) e Hockett considerou a mudança fonológica lenta demais para ser observada e a mudança estrutural muito rápida, afastando, assim, de acordo com Labov, o estudo da mudança linguística do programa da época. Para o autor, a variação livre seria, possivelmente, a restrição mais importante, uma vez que, para Bloomfield, alguns enunciados eram o mesmo, não tendo, portanto, necessidade de serem estudados. Dessa forma, a estrutura interna da variação, juntamente com as pesquisas de mudança em andamento, também foi relegada.

Em contrapartida ao que vinha sendo feito até então, principalmente pelos gerativistas, Labov insistiu em incluir nos estudos linguísticos os aspectos sociais e trouxe para a academia aquilo que aprendera fora dela:

Uma década de trabalho fora da universidade como químico industrial tinha me convencido de que o mundo cotidiano era rebelde, mas consistentemente rebelde, desconcertante no início, mas recompensador em longo prazo para aqueles que se apegavam a seu caráter racional. (LABOV, 2008, p. 13).

O que o americano percebeu, e levou para a universidade, foi que a vida cotidiana, apesar de aparentemente desconexa, deve ser estudada e pode ser sistematizada. Levando isso para seu trabalho como linguista, também defendeu a possibilidade de sistematização da variação existente na língua falada.

Assim, Labov desconsiderou tais barreiras e encontrou apoio intelectual em Uriel Weinreich, professor cuja resistência era uníssona a sua, e que foi responsável por orientá-lo em sua dissertação de mestrado e tese de doutorado, respectivamente os trabalhos sobre Martha's Vineyard¹³ e sobre Nova York¹⁴, que serviriam de base para as demais pesquisas que buscam apreender dados do mundo secular, como a nossa. Também na Columbia University, Labov conheceu Marvin Herzog, com quem, a pedido de Weinreich, escreveria, em 1968, um ensaio sobre os *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* (WEINREICH, HERZOG, LABOV, 2006). O ensaio foi incorporado ao trabalho sobre Martha's Vineyard e também ao estudo sobre Nova York. A “desobediência” de Labov, a intuição à frente de seu tempo de Weinreich e o empenho de Herzog no estudo da dialetologia plantaram as bases para todos os estudos subsequentes acerca da variação e da mudança linguística.

Em 1963, na ilha de Martha's Vineyard, Labov empreendeu uma investigação acerca dos padrões sociais na mudança linguística. Para tanto, escolheu tratar da alteração na posição fonética dos primeiros elementos dos ditongos /ay/ e /aw/. A ilha de Martha's Vineyard fica localizada em Dukes, no estado de Massachusetts (Estados Unidos) e é dividida em duas partes (*up-island* e *down-island*, respectivamente, ilha alta e ilha baixa), nas quais viviam 6.000 nativos vineyardenses divididos em quatro grupos étnicos: o grupo de descendentes de velhas famílias de origem inglesa (Mayhews, Nortons, Hancocks, Allens, Tiltons, Vicentes, Wests, Pooles); o grupo de ascendência portuguesa, imigrantes de Açores, da Madeira e Cabo Verde; o grupo de remanescentes indígenas de Gay Head; e o grupo composto por povos de diferentes origens: ingleses, franco-canadenses, irlandeses, alemães e poloneses. Este grupo, que soma 15% da população total, não foi levado em consideração no

¹³ Publicado inicialmente em Word, 19: 273-309 (1963). Uma versão abreviada foi apresentada no 37o Encontro Anual da Sociedade Americana de Linguística em Nova York, em 29 de dezembro de 1962. Usamos a tradução brasileira, cuja referência é: LABOV, William; tradução Marcos Bagno; Martha Maria Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

¹⁴ LABOV, W. The Social Stratification of English in New York City. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1996. Usamos a tradução brasileira, cuja referência é: LABOV, William; tradução Marcos Bagno; Martha Maria Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

estudo, pois não apresenta força social coesa. O elevadíssimo número de veranistas que invadiam a ilha nos meses de junho e julho também foi desconsiderado por Labov.

Após entrevistas preliminares com nativos vineyardenses, chamou atenção de Labov a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/, que diferia do padrão comum do sudeste da Nova Inglaterra (LABOV, 2008, p. 27). Para o autor, a escolha da variável linguística a ser estudada na comunidade de fala merecia extremo cuidado, devendo esta ser um item frequente, estrutural e altamente estratificado.

Primeiro, queremos um item que seja frequente, que ocorra tão reiteradamente no curso da conversação natural espontânea que seu comportamento possa ser mapeado a partir de contextos não estruturados e de entrevistas curtas. Segundo, deve ser estrutural: quanto mais integrado o item estiver num sistema mais amplo de unidades funcionais, maior será o interesse intrínseco do nosso estudo. Terceiro, a distribuição do traço deve ser altamente estratificada: ou seja, nossas explorações preliminares devem sugerir uma distribuição assimétrica num amplo espectro de faixas etárias ou outros estratos ordenados da sociedade. (LABOV, 2008, p. 26).

O autor também pontua outros critérios, como a contraditória questão da saliência. Por um lado, o desejo do linguista era encontrar um item que fosse saliente tanto para ele quanto para os falantes, para que ele pudesse estudar as relações entre atitudes sociais e comportamento linguístico. Por outro, a consciência da saliência poderia produzir dados propositalmente distorcidos, comprometendo, assim, a confiabilidade dos dados. No caso da variável escolhida por Labov, a centralização dos ditongos, trata-se de um aspecto saliente para o linguista, mas não para os falantes, o que resguarda a coleta de dados de distorções conscientes.

A metodologia usada por Labov para a coleta de dados foi uma entrevista que oferecesse vários exemplos de (ay) e (aw) na fala espontânea, na fala emocionalmente carregada, na fala monitorada e no estilo leitura. Como forma de obter um controle suplementar sobre entrevistas gravadas em fita, o autor também fez observações em situações espontâneas (nas ruas, em lanchonetes etc.); afinal, o interesse de sua pesquisa era pelo vernáculo dos vineyardenses. Nessas observações, Labov tomava nota e, quando possível, gravava a fala das pessoas. Esses dados, contudo, não integraram o *corpus* da pesquisa. Das 69 entrevistas feitas resultou um *corpus* formado por, aproximadamente, 3.500 ocorrências de (ay) e 1.500 ocorrências de (aw).

Labov constatou uma elevação geral da centralização dos ditongos na ilha de Martha's Vineyard e encontrou fatores – linguísticos e extralinguísticos – que influenciavam tal tendência. Contudo, um fator extralinguístico chamou, sobremaneira, a atenção do autor: a centralização tinha, claramente, um significado social. O traço fonético de centralização dos

ditongos revelava o desejo do vineyardense de identificar-se como pertencente à ilha. Isso porque, diante das insistentes investidas dos veranistas, havia um esforço por parte das antigas famílias de origem inglesa de resistirem às pressões econômicas e sociais e reforçarem seu “*status* de nativo”. A pesquisa em Martha’s Vineyard foi o primeiro trabalho a utilizar o modelo teórico-metodológico desenvolvido por Labov, intitulado Sociolinguística Quantitativa (ou Teoria da Variação e Mudança Linguísticas).

O termo Sociolinguística foi fixado em 1964, em um congresso realizado na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, organizado por William Bright. O termo surgiu com a proposta de denominar uma subárea da Linguística capaz de correlacionar aspectos linguísticos e sociais. Labov, tido como iniciador desse modelo, não foi o primeiro a trabalhar a relação entre língua e sociedade. Aliás, essa relação, de tão inseparável, chega a tornar o termo redundante, motivo que fez o próprio Labov relutar bastante em aceitá-lo: “Por vários anos, resisti ao termo *sociolinguística*, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem sucedida que não é social.” (LABOV, 2008, p. 13).

Essa difícil dissociação também dificulta a delimitação sobre quem teria sido o primeiro a trabalhar com a Sociolinguística. Sobre essa questão, Tarallo (2007, p. 7) afirma que “[...] podem ser chamados de sociolinguistas todos aqueles que entendem por língua um veículo de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana”. E arremata dizendo que, nesses termos, Ferdinand de Saussure seria um sociolinguista.

A Sociolinguística, conforme vimos no trabalho sobre Martha’s Vineyard, tem como objeto de estudo o vernáculo, ou seja, a língua em uso. Sendo assim, é de seu interesse observar, descrever e analisar a língua em seu contexto social. Para tanto, é tomado como ponto de partida uma comunidade de fala, que, no dizer de Labov (2008, p. 188) “[...] não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todos as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”. Toda comunidade de fala é caracterizada por diferentes modos de falar, intitulados variedades linguísticas. Por sua vez, ao conjunto dessas variedades dá-se o nome de repertório verbal. As variedades linguísticas mostram que nenhuma língua é homogênea e a Sociolinguística encara a heterogeneidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico (ALKMIM, 2008, p. 33).

No dizer de Weinreich, Labov e Herzog (2006):

Os fatos da heterogeneidade, até agora, não se harmonizaram bem com a abordagem estrutural da língua. [...] se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar

eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda, isto é, enquanto passa por períodos de menor sistematicidade. [...] Esta parece ser a questão fundamental com que a teoria da mudança linguística tem de lidar. A solução, argumentaremos, se encontra no rompimento da identificação de estruturalidade [structuredness] com homogeneidade. [...] Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e., real), a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 35-36).

Ainda para entendermos esse modelo de “heterogeneidade ordenada”, devemos introduzir o conceito de *variável linguística*, ou seja, “um elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 105). Essa variável é composta por um conjunto de *variantes*, que, dentro da Sociolinguística Variacionista são entendidas como diferentes formas de se dizer a “mesma coisa” em um “mesmo contexto discursivo” com o “mesmo valor de verdade”.

Essas definições foram questionadas por Lavandera (1978, p. 171-182), que defendeu que a noção de variável sociolinguística poderia ser facilmente aplicável dentro do nível fonológico, mas que seria inadequado estendê-la para outros níveis, como o sintático e o discursivo, uma vez que estruturas dos níveis morfológico, sintático e lexical apresentam significado próprio que não poderia ser compartilhado com formas alternadas, carecendo, assim, de uma teoria do significado. Lavandera também aventou que, nem sempre, os fatores sociais seriam responsáveis por condicionar ou determinar uma variação.

Labov (1978), por sua vez, replicou que a noção de variável sociolinguística poderia ser estendida para além do nível fonológico, pois as análises sempre levam em consideração aspectos sociais, mesmo que estes, em alguns casos, não sejam apontados como condicionamentos estatisticamente significativos. O linguista argumenta, ainda, que o significado ao qual se refere na definição de *variantes*, é o representacional. Ou seja, há, sim, uma equivalência semântica entre as variantes, uma vez que é o significado representacional que prevalece na identificação das formas em alternância. Em contrapartida a Lavandera, que propõe um modelo teórico mais coeso, que demonstre apenas a correlação das escolhas linguísticas com o espectro social, Labov arremata dizendo que propõe um modelo de gramática da língua, que leve em conta os múltiplos usos que seus falantes fazem dela nas mais variadas situações comunicativas.

Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 104) definem código ou sistema como um “complexo de regras ou categorias inter-relacionadas que não podem ser misturadas aleatoriamente com as regras ou categorias de outro código ou sistema” e sustentam que os falantes alternam, com frequência, códigos no meio de um enunciado, de uma frase ou de uma oração. É o trato com a variação linguística que faz da Sociolinguística indispensável para a

nossa pesquisa. A ideia de que as línguas são inerentemente variáveis é antiga; essa variabilidade foi alvo de interesse, por exemplo, dos membros do Círculo Linguístico de Praga. Contudo, os estudos da época focavam na variabilidade do indivíduo, como opções gramaticais aleatórias, em detrimento da busca de regularidades inerentes no processo de variação. Para Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 107), faltou aos teóricos da Escola de Praga maior rigor formal. Os autores argumentam que “não basta apontar a existência ou a importância da variabilidade: é necessário lidar com os fatos de variabilidade com precisão suficiente para permitir incorporá-los em nossas análises da estrutura linguística.”

É, então, mais especificamente, o rigor formal com que a Sociolinguística Variacionista trabalha com a variação que a aproxima de nosso referencial teórico, uma vez que não pretendemos estudar regras que se aplicam “frequentemente”, “ocasionalmente” ou “às vezes”, mas sim, com uma variável linguística bem definida e pertencente a uma estrutura linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 107). Em nosso estudo sobre a variável linguística futuro do presente, queremos mapear os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a escolha por uma das variantes em uso, a saber: (1) a forma sintética; (2) a forma perifrástica; e (3) a forma no presente do indicativo com valor de futuro.

A variável linguística sofre influência de uma série de fatores internos e externos à língua, sendo, por isso, denominada variável dependente. Já os fatores que podem condicionar a variável linguística são chamados de variáveis independentes, já que não mantêm relação de dependência nem com a variável dependente, nem entre si. Os fatores condicionadores internos à língua, chamados de linguísticos, são aqueles pertencentes aos níveis fonológico, morfológico, lexical, sintático, semântico e discursivo. Já os fatores condicionadores externos à língua, denominados extralinguísticos, são todos aqueles que “não servirem de pretexto e co-texto à variável (isto é, tudo aquilo que não é estritamente linguístico)” (TARALLO, 2007, p. 46). Encaixam-se neste grupo os fatores individuais ligados ao falante (como sexo, etnia, faixa etária), os fatores sócio-geográficos (como classe social, região de origem, escolarização, profissão) e os fatores contextuais (grau de formalidade e tensão discursiva). Conforme exposto, em nossa pesquisa, trabalharemos com fatores linguísticos como *extensão do vocábulo*, *marca de futuridade*, *polaridade*, dentre outros; e com fatores extralinguísticos, como *jornal e editoria*.

Por estarem intrinsecamente ligados à variação linguística, os fatores linguísticos e sociais também estão intimamente inter-relacionados ao processo de mudança linguística. Isso porque as variantes de uma mesma variável permanecem em alternância, e, de maneira

geral, podem estabilizar esta variação, seguindo em co-existência, ou desencadear uma mudança linguística, situação na qual as variantes entram em uma disputa, um “duelo de morte”, como metaforizou Tarallo (2007), do qual apenas uma das formas sobrevive. Como corolário do que foi exposto, temos que “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”. Guy (2011) faz um cotejo entre a linguagem e a genética ao afirmar que, na linguagem, assim como na genética, nem todas as mudanças são bem sucedidas; algumas inovações podem aparecer e, no seu curso, simplesmente desaparecer.

A mudança linguística começa quando “a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada”. Ou seja, as gramáticas nas quais este processo se desenvolve são as “gramáticas das comunidades de fala” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 125-6). A mudança linguística pode ser examinada em um recorte temporal específico (tempo aparente), análise que, comumente, revela que a inovação é mais utilizada por falantes jovens; ou em diferentes recortes temporais (tempo real), com o fito de observar como o uso das variantes mudou durante o intervalo entre as amostras.

No tocante à variação do futuro do presente em português, temos uma forma que, historicamente, apresentou um comportamento cíclico que parece se manter. Conforme veremos mais adiante, ao longo da história, as formas sintética e perifrástica alternaram na ocupação das posições padrão e não-padrão. Atualmente, esta alternância parece perdurar, uma vez que a forma padrão, a sintética, vem sendo cada vez menos usada, principalmente na fala, ao passo que a forma não-padrão, a perifrástica, é cada vez mais frequente, não apenas na oralidade, mas também em gêneros mais formais, como os gêneros jornalísticos dos quais extrairemos o *corpus* de nossa pesquisa.

3.2 Funcionalismo

Como acreditamos que a variável linguística por nós estudada está submetida a pressões linguísticas e extralinguísticas, achamos necessário a inclusão de hipóteses e explicações de uma teoria que contemple também as pressões do uso. Trouxemos, então, ao nosso referencial teórico, o Funcionalismo Linguístico.

O Funcionalismo não é uma teoria monolítica, posto que está associada a diversos modelos teóricos. Ainda assim, tem em comum entre as abordagens o contato empírico com os dados, entendendo a linguagem como um instrumento de comunicação e de interação

social. Givón (1995) afirma que todos os funcionalistas adotam o postulado da não-autonomia da gramática, ou seja, a noção de que a língua, assim como a gramática, precisa de parâmetros pertencentes a toda a situação comunicativa, como interação social, variação e mudança e cultura, para ser eficientemente entendida e descrita. Essas ideias, acreditamos, podem nos ajudar a entender de maneira mais holística o fenômeno sintático-discursivo com o qual trabalhamos.

Os funcionalistas podem ser divididos, segundo Nichols (1984), em três grandes grupos: conservadores, moderados e extremados. Neves (1997) adverte que boa parte das características atribuídas aos funcionalistas são, mais especificamente, predicados dos funcionalistas extremados, ou seja, aqueles cuja escola funcionalista relega às formas apenas o papel da codificação, por rejeitar a realidade da “estrutura como estrutura” e acreditar que as regras gramaticais baseiam-se unicamente nas funções desempenhadas nos contextos de uso. As escolas mais conservadoras, por sua vez, limitam-se a apontar as inadequações do formalismo ou do estruturalismo, sem, contudo, apresentar um modelo alternativo de análise das estruturas gramaticais. E por fim, o funcionalismo moderado é aquele que, além de atestar as limitações dos modelos formalistas, sugere um modelo de descrição e análise funcional das formas linguísticas.

O Funcionalismo moderno foi desencadeado na Costa leste dos EUA, nos anos de 1970 e surgiu como uma reação à linguística formalista. Contudo, o pensamento funcionalista já podia ser visto bem antes, como assinala Pezatti (2007), em linguistas anteriores a Saussure, como Whitney von der Gabelentz e Herman Paul; nos estudiosos do Círculo Linguístico de Praga ou mesmo na tradição antropológica americana de Sapir e seus seguidores.

O objeto de estudo desta teoria é baseado no uso real, não tendo, aqui, dissociação entre sistema e uso, tal como acontecia no Estruturalismo, com a divisão entre *langue* e *parole* proposta por Saussure, ou no Gerativismo, com a separação entre competência e desempenho formulada por Chomsky. Assim, enquanto a linguística formal gera explicações a partir da própria estrutura, a linguística funcional trabalha com as funções que essas unidades estruturais exercem na língua cotidiana.

Por trabalhar com a linguagem em uso no contexto social, o Funcionalismo explica os fenômenos linguísticos com base nas relações que, dentro do contexto socio-interacional, envolvem falante, ouvinte e informação pragmática de ambos. Em suma, “o compromisso principal do enfoque funcionalista é descrever a linguagem não como um fim

em si mesma, mas como um requisito pragmático de interação verbal.” (PEZATTI, 2007, p. 168).

Se até então a semântica gozava de pouca atenção, no Funcionalismo os papéis se invertem. Nele, é a sintaxe que está subordinada à semântica, e não o contrário, como acontecia no Gerativismo. Assim, temos a pragmática como o componente mais abrangente, já que a linguagem está subordinada ao uso, no interior do qual se estudam a semântica e a sintaxe, nessa ordem hierárquica.

Retornemos, agora, aos motivos pelos quais incluímos o Funcionalismo em nosso embasamento teórico. Basicamente, o fizemos para usarmos o princípio de marcação na análise e interpretação de nossos resultados e para utilizarmos o processo denominado gramaticalização, que abarca o que vem acontecendo com forma perifrástica IR + infinitivo como codificadora de tempo futuro. Trataremos, primeiramente, do princípio e, em seguida, do conceito da gramaticalização.

Dentre as diversas escolas funcionalistas, selecionamos especificamente Givón, pertencente à linha norte-americana. Givón (1995) concebe ao Funcionalismo um começo inusitado. De acordo com o autor, a língua humana combina as funções de representação do conhecimento e comunicação do conhecimento representado e encontra na biologia seu melhor ponto de partida, uma vez que essa disciplina, em seu entendimento, foi profundamente funcionalista por mais de dois mil anos. Para Givón, o funcionalismo em biologia remete a Aristóteles, responsável por conduzir, mais ou menos sozinho, as duas escolas que dominaram o pensamento biológico grego: Demócrito e Empédocles. O linguista remete ao filósofo grego para descrever o princípio que rege o Funcionalismo, a correlação entre forma e função. Entretanto, para Givón, não existe uma relação isomórfica, de um-para-um, entre forma e função, posto que tanto a forma (código) quanto a função (mensagem) submetem-se às pressões do uso. Isso porque, “a par de apresentarem situações de polissemia e homonímia, estão sujeitas a pressões diacrônicas que provocam tanto desgastes fonéticos nas formas ocasionando neutralizações, como expansões de sentido originando alterações de mensagem” (COAN, 1997, p. 28).

Essas concepções fazem do funcionalismo givoniano uma base bastante fecunda para nossa pesquisa, uma vez que nos permite analisar o tempo como categoria não-discreta, discursiva; e “além disso, ao apresentar a gramática como instrumento de codificação linguística que envolve as funções cognitivo-comunicativas de significação lexical, semântico-proposicional e pragmático-discursiva, ela abre um espaço para a discussão das hipóteses discursivo-pragmáticas” (GIBBON, 2000, p. 25) que traçamos.

Em linhas gerais, Givón (1995) caracteriza a visão funcionalista da linguagem a partir de um conjunto de premissas, quais sejam: a) a linguagem é uma atividade sociocultural; b) a estrutura serve a funções cognitivas ou comunicativas; c) a estrutura é não-arbitrária, motivada, icônica; d) mudança e variação estão sempre presentes; e) o sentido é contextualmente dependente e não-atômico; f) as categorias não são discretas; g) a estrutura é maleável e não-rígida; h) as gramáticas são emergentes; e i) as regras da gramática permitem algumas exceções/vazamentos.

Sua abordagem é orientada pelos princípios de iconicidade¹⁵ e de marcação. Nunes (2003, p.104) explica que “a relação comumente considerada nos estudos sobre iconicidade na linguagem diz respeito à motivação icônica, que corresponde ao reflexo, nos elementos estruturais, de relações análogas existentes na estrutura semântica.” Quando Givón admite que a iconicidade não exige uma relação biunívoca entre forma e função, permitindo que haja várias formas para uma função e várias funções para uma forma, tem-se, como corolário disso, a existência de uma gramática flexível, aberta a inovações. Decorre daí a noção de gramática emergente, de Hopper (1987), sobre a qual falaremos mais adiante. Os subprincípios icônicos são três: i) princípio da quantidade – que prevê a correlação entre quantidade de informação e quantidade de codificação; ii) princípio da proximidade – que correlaciona proximidade cognitiva de entidades com proximidade de unidades no plano da codificação; e iii) princípio da ordem sequencial – que orienta a ordenação linear semântica e pragmaticamente (GIVÓN, 1995).

Givón (1995) também postula o princípio meta-icônico da marcação, segundo o qual, categorias marcadas cognitivamente tendem a ser também marcadas estruturalmente, mas reforça que tal formulação é idealizada. Givón (1995) elenca três critérios para se avaliar a marcação, os quais devem ser verificados, *a priori*, independentemente, e depois correlacionados entre si, a fim de se evitar circularidades: i) complexidade estrutural – uma estrutura marcada é mais complexa do que uma não marcada; ii) distribuição da frequência – a estrutura marcada normalmente é mais frequente do que a não marcada; iii) complexidade cognitiva – a estrutura marcada é cognitivamente mais complexa do que a não marcada.

Também recorremos a Givón para iniciarmos uma breve análise diacrônica do futuro do presente do latim ao português dos dias atuais. Nunes (2003) mostra que, historicamente, o futuro do presente teve um comportamento cíclico:

¹⁵ Apesar da exposição acerca do princípio de iconicidade, trabalharemos apenas com o princípio da marcação.

A forma lexical “*habeo*”, de acordo com a perspectiva histórica apresentada anteriormente, reduziu-se a uma unidade morfológica – sufixo – (*amarei*), depois de longo processo evolutivo e hoje encontra uma forma concorrente de estrutura idêntica à do passado (Presente do indicativo do verbo IR + infinitivo do verbo principal). (NUNES, 2003, p. 17)

Esse comportamento enquadra-se no desenvolvimento cíclico das formas gramaticais proposto por Givón. De acordo com o autor, o surgimento de uma forma nova pressupõe a extinção de uma forma antiga, num processo sucessivo, como um ciclo.

A teoria de Givón pode ser esquematizada da seguinte maneira:

discurso > sintaxe > morfologia > Zero (> discurso)

Esquema que pode ser perfeitamente preenchido por:

(amare habeo > amar’ aio > amareio > amarei)

O ciclo parece se manter, uma vez que, na atualidade, vemos as formas sintética do futuro do presente e perifrástica (IR + infinitivo) concorrerem entre si assim como, no passado, coexistiram no latim as formas sintética de prestígio de desinência em *-bo* ou em *-am* e a perífrase do latim vulgar “infinitivo + habeo”.

Nesta pesquisa, tomamos as formas aqui estudadas como gramaticalizadas, uma vez que são cada vez mais frequentes nos mais variados gêneros do *continuum* oral-escrito, atingindo até os gêneros mais formais. O que mostra que este comportamento cíclico deve permanecer vivo e dinâmico, como a língua. O fato de as línguas estarem constantemente variando e mudando fez com que surgisse um questionamento: como as línguas, mesmo variando e mudando, permanecem as mesmas? A resposta é que as línguas são regidas por duas forças, uma que as impulsiona para a variação e outra, uma contraparte fixa, que faz com que elas busquem regularidades. Com isso, “aquilo que foi criado para atender a necessidades específicas, a contextos específicos, passa, então, a funcionar como uma das regras da comunidade, e nisso reside a regularidade, a força que une, que gramaticaliza a estrutura linguística, tornando em ‘bem comum’ o material que antes era restrito a um indivíduo ou a um contexto estrutural.” (BRAGANÇA, 2008, p.15)

Entende-se por gramaticalização o processo de mudança linguística que trabalha, sobremaneira, com o conceito de “gramática emergente”, que surge a partir de novas funções para formas já existentes e de novas formas para funções já existentes. Como no exemplo de Nunes:

Tome-se como exemplo a antiga perífrase verbal de futuro, na qual o verbo *habere* tinha função de verbo auxiliar. No transcorrer dos séculos, passou a centralizar a noção de futuridade. O processo evolutivo não cessou mais e, no campo da morfologia, o que era um verbo absoluto passou a constituir uma forma contracta

(*habeo>hei*) que não se estagnaria como uma forma independente. O verbo, que antes concentrava a noção de futuridade, seria aglutinado ao verbo da locução (*cantarei*), formando assim uma nova flexão de futuro, a de forma simples. (NUNES, 200, p. 15-16)

Como já antecipamos, ao conceito de gramática emergente subjaz o entendimento de Hopper (1987) de que a gramática das línguas vai sendo constituída de partes cujo estatuto é negociado na fala, ou seja, vai sendo sempre construída, sempre modificada, não existindo, portanto, gramáticas acabadas, finalizadas, mas sim, constantes processos de gramaticalização.

O termo gramaticalização foi usado pela primeira vez pelo francês Meillet e denomina o processo que envolve estágios, princípios e parâmetros, divisões meramente didáticas, uma vez que não é possível fazer uma separação entre os fatores. Esse processo trata do estudo de duas formas, uma livre das restrições gramaticais, e outra que está sujeita às restrições normativas da língua, estudo que pode ser sincrônico, com variações entre classes sociais ou faixas etárias, por exemplo, ou diacrônico, uma vez que trata da evolução de um termo da língua (ou de uma língua).

A gramaticalização pode acontecer nos mais variados níveis (lexical, fonológico, morfológico e sintático) e tem sido objeto de estudo de variadas pesquisas de viés funcionalista e formalista. No tocante aos estudos sobre gramaticalização dos verbos, um dos aspectos mais interessantes é sua passagem de verbo principal para verbo funcional, como ocorre com a perífrase IR + INFINITIVO, nosso objeto de estudo:

Inicialmente com noção espacial (Vou à faculdade), uma mudança semântica provoca um rearranjo estrutural na cadeia lingüística, e IR passa a funcionar contiguamente a outro verbo. Cristalizado nessa posição, IR tem se especializado para expressar tempo (Vou sair), uma noção mais gramatical, embora não tenha perdido o primeiro sentido, ainda comum na língua. (BRAÇANÇA, 2008, p. 21).

Como bem coloca Nunes (2003), não é possível prever quanto tempo uma forma sedimentada permanece na língua, uma vez que cada povo, e cada língua, tem uma dinâmica própria. O que há de certo é que as línguas mudam e que essas mudanças geram outras, como num ciclo. É o caso da locução de futuro que, apesar de parecer (e ser?) moderna, é uma herança do latim vulgar e está na língua há mais de dois mil anos.

3.3 Sociofuncionalismo

Denomina-se Sociofuncionalismo o quadro resultante da combinação entre a Sociolinguística e a corrente norte-americana do Funcionalismo. O termo, nascido no

PEUL/RJ¹⁶ (*Programa de Estudos sobre o Uso da Língua*), vem sendo cunhado para designar estudos que tomam a “variação linguística do ponto de vista da função discursiva e a explica com base em princípios funcionais” (TAVARES, 2003, p. 98). Até o final da década de 1980, os estudos variacionistas e os estudos funcionalistas eram feitos separadamente. A partir de então, o Funcionalismo Linguístico voltado ao estudo da gramaticalização (principalmente as propostas de Hopper, Heine e Givón) e a Sociolinguística variacionista laboviana começaram a ser considerados também conjuntamente (como em PAREDES DA SILVA, 1993; NEVES, 1999; NARO; BRAGA, 2000). No entanto, coube a Tavares (2003), ao lado de Gorski (2006), uma sistematização mais consistente entre os pontos de convergência e de divergência entre as duas vertentes teóricas.

Conceber um modelo que contemple os pressupostos e conceitos das duas teorias pode transparecer a ideia de que estas sejam incompletas quando apartadas. Sobre essa questão, May (2009, p. 70) argumenta que seria radical assumir essa postura, uma vez que “tanto a sociolinguística quanto o funcionalismo linguístico vêm progredindo nas últimas décadas e nos oferecendo análises cada vez mais coerentes de inúmeros fenômenos ligados às línguas naturais”; ainda assim, o autor defende que a junção das teorias faz com que uma amplie os horizontes da outra, emergindo uma terceira proposta, mais completa e capaz de melhor subsidiar as pesquisas linguísticas.

Paiva e Duarte (2006, p.146-7) também reconhecem o valor do uso conjunto de teorias e destacam que a inter-relação entre teoria da mudança e uma teoria da linguagem é a principal questão do programa elaborado por Weinreich, Labov e Herzog, cujo legado tem sido bastante rico no Brasil. De acordo com as autoras, a experiência tem mostrado que o diálogo entre a sociolinguística variacionista e teorias voltadas para fatos categóricos, como a teoria funcionalista e a teoria gerativista, principalmente na versão de princípios e parâmetros têm se mostrado fecundas.

Mesmo que não entremos nesse mérito, subjaz a esse casamento teórico uma série de questionamentos, dentre os quais, Tavares (2003) destaca:

Uma teoria é um pacote completo e talvez nem todos os seus pressupostos sejam encaixáveis em outra teoria, o que traz implicações para o casamento teórico que devem ser visitadas. É o todo do funcionalismo¹⁷ e do variacionismo que é abarcado pelo sociofuncionalismo ou apenas certos aspectos de cada um? Neste último caso, quais aspectos são priorizados e quais são deixados de lado? O peso de cada teoria é

¹⁶ O PEUL, Programa de Estudos sobre o Uso da Língua, reúne pesquisadores que se debruçam sobre o estudo da variação e mudança linguísticas na variedade de português falada e escrita no Rio de Janeiro.

¹⁷ Tavares (2003) assume a articulação entre os postulados de Hopper, Heine e Givón.

o mesmo ou uma delas predomina na tomada de decisões quando aspectos divergentes são encontrados? (TAVARES, 2003, p. 98)

Caso questões desse tipo não sejam elucidadas, é dificultoso proceder até com encaixamentos superficiais, como o *locus* do sociofuncionalismo dentro da Linguística, ou seja, onde essa teoria híbrida pode se situar: dentro da Sociolinguística, dentro do Funcionalismo ou em nenhum dos dois? No primeiro caso, tratar-se-ia de uma extensão da teoria variacionista que abarcasse aspectos funcionalistas, como a gramaticalização. No segundo, o funcionalismo é que seria ampliado para dar conta de englobar aspectos da teoria variacionista. A última opção seria a ocupação de um espaço independente, pertencente a uma terceira teoria que contemplasse os postulados das duas vertentes. Seria, portanto, uma vertente, uma linha de pesquisa, uma nova teoria?¹⁸

A proposta de consenso de Tavares (2003, p. 101) é a de uma *conversa na diferença*¹⁹, pautada pelo “ajuste dinâmico, contextual e transitório entre conceitos e pressupostos teórico-metodológicos advindos de cada modelo ‘mãe’”. De modo que cada pesquisa incorpore os conhecimentos necessários de cada uma das teorias e rearranje-os para dar conta de seus objetivos. No dizer de Tavares (2003):

O casamento teórico não incorpora os conceitos de cada teoria ‘mãe’ exatamente como foram propostos originalmente, mas sim se fundamenta na interpretação dada a eles pelos pesquisadores casamenteiros que levam avante a junção. Não se trata da soma ou da combinação de pressupostos teórico-metodológicos de um modelo e de outro, e sim do estabelecimento de pressupostos que resultam da conversa entre os modelos. A cada conversa ocorrem novas convergências e os conceitos são alterados, definindo-se como seres voláteis, transitórios, filiados ao momento e, dessa guisa, sujeitos a re-interpretações e a revisões constantes. Em decorrência, na trajetória de avanço das discussões, o sociofuncionalismo constitui-se e reconstitui-se. (TAVARES, 2003, p.102).

Tavares (2003) aponta para a dificuldade de se negociar e ajustar pressupostos dada a ampla gama de termos, conceitos e procedimentos metodológicos próprios que cada modelo científico carrega, mas argumenta que a tarefa de comparar teorias ponto a ponto é tão árdua quanto desnecessária, uma vez que a análise de alguns poucos aspectos já mostra se uma confluência é possível ou não. No caso do Funcionalismo norteamericano e da

¹⁸ Um questionamento de Tavares (2003, p. 101)

¹⁹ Pires de Oliveira (1999, p. 317) *apud* Tavares (2003) defende que o melhor caminho para o fazer científico não é o do projeto único, mas sim, o da *conversa na diferença*, pois “quanto mais conversamos, mais os conceitos circulam, mais revisões são necessárias, mais conhecimento comum é gerado” e não é preciso que estejamos “atrás do mesmo objetivo final para produzirmos conhecimento compartilhado”.

Sociolinguística variacionista, essa compatibilidade parece existir, mesmo que por vezes superficialmente, em muitos pontos. Tavares (2003, p. 104-5) elenca-os:

- (a) Prioridade atribuída à *língua em uso*, cuja natureza heterogênea abriga a variação e a mudança.
- (b) Como a língua não é dissociada de seu uso, os fenômenos linguísticos que constituem o alvo das investigações são analisados em situações de comunicação real em que falantes reais interagem.
- (c) A língua não é estática. Ao contrário, está continuamente se movendo, mudando e interagindo.
- (d) O fenômeno da mudança linguística recebe um lugar de destaque, e é entendido como um processo contínuo e gradual.
- (e) A mudança é disseminada gradualmente ao longo do âmbito linguístico e do âmbito social, como alterações contínuas em termos de frequência.
- (f) Dados sincrônicos e diacrônicos são tomados complementarmente com o intuito de obtenção de prognósticos de mudança mais refinados e confiáveis. As diferentes fatias sincrônicas são entendidas como imbricadas, pois a mudança linguística está sempre progredindo ao longo do tempo.
- (g) Crença no princípio do uniformitarismo, segundo o qual as forças linguísticas e sociais que agem hoje sobre a variação e a mudança são em princípio as mesmas que atuaram em épocas passadas. A melhor fonte para a análise linguística são os dados atuais, uma vez que permitem a observação direta e mais completa de um maior número de ocorrências sobre as quais se pode tecer hipóteses acerca de fatias de tempo passadas.
- (h) Análise de aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos.
- (i) A frequência das ocorrências é destacada.
- (j) Há relação entre os fenômenos linguísticos e a sociedade que usa a língua. A mudança espalha-se de forma gradual ao longo do espectro social, considerando-se fatores como região, geração, classe social, por exemplo. É comum haver diferença entre falantes mais velhos e mais jovens, no caso de mudança em progresso. (TAVARES, 2003, p. 104-5).

Esse casamento teórico também encontra pontos de difícil compatibilidade. Usemos como exemplo a tentativa de emparelhamento entre o foco de estudo da teoria variacionista e dos estudos funcionalistas, respectivamente: o estudo da variação e mudança linguística e o estudo da gramaticalização. A gramaticalização, de modo geral, estuda o comportamento de uma forma que desempenha diferentes funções, ao passo que o interesse da variação e da mudança recai sobre o estudo de uma função (um significado) e as diferentes formas que a marcam. Essa diferença de objeto de estudo (*diferentes formas versos uma forma só*) não impede o diálogo entre os modelos teóricos. Tavares (2003) encontra um ponto de conciliação:

O princípio de estratificação, proposto por Hopper (1991) como uma das maneiras de se diagnosticar a ocorrência da gramaticalização, permite a convergência entre tais objetos de estudo, pois prevê que, dentro de um domínio funcional, emergem continuamente novas camadas para marcar funções que em geral já são marcadas por outras formas, mais antigas no ramo. Se, por conta da gramaticalização, um elemento se torna uma das camadas de um certo domínio, a análise somente será completa se também forem levadas em conta as demais formas que competem com o elemento mais recente, pois são as inter-relações entre todas as camadas que definem os rumos do domínio como um todo e de cada elemento em particular. Emparelha-se assim o objeto dos estudiosos da gramaticalização com o objeto dos estudiosos da variação, dando origem ao objeto dos sociofuncionalistas: diferentes

formas – *camadas* ou *variantes* ou *camadas/variantes* – que convivem em um mesmo ambiente, gerando o que pode ser definido como uma *situação de estratificação/variação*. (TAVARES, 2003, p.108).

Há, contudo, que se questionar se esse emparelhamento é fidedigno, ou seja, se as camadas (de um mesmo domínio)/variantes (de uma mesma variável) correspondem ao mesmo *significado* (conforme a teoria variacionista) ou a mesma *função* (conforme o funcionalismo). Para Tavares (2003, p. 109), há uma conciliação possível desde que haja um afrouxamento que permita o tratamento variável de formas que compartilhem funções discursivas.

Alguns pontos, no entanto, parecem ter incompatibilidades incontestáveis. Por exemplo, dentro da perspectiva variacionista, a mudança decorre da variação, sendo esta requisito para que aquela ocorra. Já para os funcionalistas, o viés é oposto: é a variação que decorre da mudança. No caso, a possibilidade de conciliação entre os pontos de vista é encarar que a variação e a mudança decorrem uma da outra, podendo a variação ser encarada como ponto de partida e ponto de chegada da mudança linguística, ou a mudança como ponto de partida e ponto de chegada da variação, entendimento que pode ser aceito dado o caráter cíclico da gramaticalização. A essa perspectiva subjaz uma relação entre *mudança por gramaticalização* e o fenômeno da *variação linguística* resumida por Tavares (2003) da seguinte forma:

...no decorrer de seu desenvolvimento, um certo item passa a desempenhar múltiplas funções (*uma forma* com mais de uma função – perspectiva da gramaticalização). Nessa trajetória, seu uso pode se expandir para um domínio funcional já codificado por outro item, passando a disputar com ele o direito à marcação da função (*mais de uma forma* com uma função – perspectiva da sociolinguística). Surge, então, um ponto de variação, passível de ser solucionado por especialização das formas ou pelo desaparecimento de uma ou mais das variantes, soluções essas relacionadas ao próprio percurso de gramaticalização individual das formas, o que nos permite pensar, para cada forma ‘gramaticalizanda’, em um percurso de mudança com estágios do tipo: ‘...GRAMATICALIZAÇÃO ⇒ VARIAÇÃO ⇒ GRAMATICALIZAÇÃO ⇒ VARIAÇÃO...’ (TAVARES, 2003, p. 110).

Nesse ciclo, temos o estudo da variação como uma etapa da mudança em que convergem os percursos de gramaticalização seguidos por cada uma das formas envolvidas e o estudo da gramaticalização como averiguação de diferentes etapas de variação ao longo do tempo. Nesse ciclo contínuo, cujas pontas não podem ser amarradas devido à impossibilidade de saber se o que surgiu primeiro foi a variação ou foi a mudança, “a variação pode ser solucionada devido à especialização ou desaparecimento sofrida por uma ou mais das formas

alternantes, essa mudança por gramaticalização pode levar à nova variação, que pode ser solucionada devido a uma nova mudança...”. (TAVARES, 2003, p. 110).

Expomos, acima, alguns dos itens apontados por Tavares (2003) como de fácil, moderada e difícil compatibilidade entre os preceitos da Sociolinguística e do Funcionalismo. A contribuição da pesquisadora é de grande valia para aqueles que, como nós, optam pelo estudo da língua em uso, uma vez que sua bem-sucedida *conversa na diferença* respaldou um duplo enfoque teórico, intitulado *sociofuncionalismo*, capaz de alicerçar, de maneira mais ampla, os objetivos de estudos desse tipo.

Apesar da possibilidade aventada, aqueles cuja pesquisa tem esse modelo híbrido como referencial teórico têm de encarar o desafio de tomar para si uma conversa ainda em andamento. Não que teorias como o Funcionalismo e a Sociolinguística estejam completamente bem definidas e sejam estanques. Não, até porque, se assim o fossem, não teriam se aberto para a expansão que desembocou em uma terceira teoria (ou vertente de uma das teorias existentes?). Ainda assim, a adoção de uma abordagem cujas arestas ainda esperam (ou não) para serem aparadas, requer do pesquisador um posicionamento teórico-metodológico mais rígido, para que se saiba o quê e quanto de cada teoria se quer utilizar. Desse modo, essa ausência de *locus* do sociofuncionalismo vem gerando múltiplas possibilidades de encaixamento dessa nova abordagem dentro da matriz de estudos linguísticos.

Tavares (2003) faz um levantamento com pesquisadores que trabalham com o sociofuncionalismo e constata que estes situam de diferentes formas a perspectiva teórica que assumem, o que parece o reflexo esperado diante de uma abordagem que não pode ser encarada particularmente como sociolinguística ou funcionalismo, nem, tampouco, como produto exato da soma entre as teorias:

Alguns deles [dos pesquisadores] a colocam [a perspectiva teórica] sob os auspícios da sociolinguística variacionista, embora apontem haver modificações ou divergências em relação à proposta original. Como foram incorporados aspectos vindos de outros campos, especialmente referentes às perspectivas funcionalistas de ver a língua, parece que a associação de postulados defendida resulta em uma espécie de sociolinguística variacionista estendida. Em contraste, outros pesquisadores parecem assumir um lugar no entremeio, asseverando uma abordagem teórica dupla: “teoria funcionalista” com “orientação variacionista dominante”, “princípios e métodos da sociolinguística laboviana associados a interpretações funcionalistas dos resultados”, “incorporação de aspectos discursivos e de processamento na análise variacionista, que alinha o grupo a paradigmas funcionalistas de estudo da linguagem”. Por vezes, o entremeio parece mais voltado à sociolinguística: “orientação variacionista dominante” (tratar-se-ia de uma extensão da sociolinguística?), por vezes ao funcionalismo: “que alinha o grupo a paradigmas funcionalistas de estudo da linguagem” (tratar-se-ia de uma extensão do funcionalismo?). (TAVARES, 2003, p.124)

Conforme dissemos, é esperado que pesquisadores que adotaram o sociofuncionalismo posicionem-se em relação a esta decisão. Como pertencemos a este grupo, faremos o necessário posicionamento, ressaltando, é claro, que nosso diálogo entre Sociolinguística e Funcionalismo deve ser ampliado, de modo que ao longo do caminho, alguns preceitos não citados aqui podem ser incluídos. Primeiramente, usaremos alguns dos pontos de convergência entre as teorias “mães” citadas por Tavares (2003) para justificar nossa postura sociofuncionalista: trabalhamos com a natureza heterogênea da língua em uso, através da análise de dados extraídos de situações reais de comunicação e representativos dentro de uma comunidade de fala; entendemos a língua como não estável, passível de processos de variação/estratificação e mudança/gramaticalização. De modo geral, assemelhamo-nos a um dos grupos que Tavares (2003, p. 124) descreveu: adotamos “princípios e métodos da sociolinguística laboviana associados a interpretações funcionalistas dos resultados”. No caso, usaremos os princípios funcionalistas de Iconicidade e de Marcação na interpretação de nossos resultados e lidaremos com outros domínios funcionais, como a modalidade, para investigar a expressão de tempo futuro. Além disso, teceremos alguns comentários acerca do processo de gramaticalização pelo qual a perífrase IR + infinitivo vem passando como codificadora de tempo futuro em Língua Portuguesa.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresentaremos o *corpus* de nossa pesquisa; os procedimentos de coleta de dados; o envelope de variação; os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos (que serão controlados como possíveis motivadores da variável sob análise), as hipóteses levantadas para cada grupo de fatores e o programa estatístico utilizado para análise quantitativa dos dados. No tocante à natureza da pesquisa, utilizamos como método o indutivo, partindo de questões particulares para questões mais gerais, conforme Lakatos e Marconi (1992). De acordo com esses autores, ao lado do método estatístico, costuma-se adotar outro(s) método(s) necessário(s) à realização da pesquisa, como no caso da documentação indireta, que utilizaremos para a coleta de dados dos gêneros jornalísticos.

4.1 Corpus

Nosso trabalho visa a descrever como a mídia impressa cearense atual expressa a codificação do tempo futuro. Diante da impossibilidade de contemplarmos todos os textos que compõem essa mídia, escolhemos uma amostragem capaz, no nosso entender, de representá-la. Para tanto, optamos por trabalhar com os quatro jornais que compõem a mídia impressa cearense, quais sejam: *Diário do Nordeste*, *O Povo*, *O Estado e Aqui CE*. Coletamos dez edições de cada jornal, levando em consideração três editorias: *Política*, *Esporte* e *Entretenimento*.

Labov (2008) chama atenção para a importância da confiabilidade dos dados. A esse respeito, Guy e Zilles (2007) advertem que devemos atentar-nos para que os procedimentos de coleta de dados não sejam, de alguma forma, enviesados, ao ponto de afetar a variação estudada. Cientes de que uma coleta de dados corrompida nos levaria a resultados deturpados, redobramos nossa atenção na coleta e codificação de nossos dados. Para tanto, adotamos uma série de critérios no sentido de garantir paridade entre os periódicos e, principalmente, para tentarmos construir um *corpus* fiel ao nosso propósito de estudar a mídia impressa cearense atual. Sobre esta busca por um *corpus* fidedigno e sobre os critérios adotados para se chegar a este fim, falaremos a seguir. Utilizamos dois tipos de critérios: os que tinham o fito de equiparar a coleta dos jornais e os que pretendiam afastar as distorções provenientes do problema de autoria²⁰. Começamos, então, pelos critérios de equiparação, os

²⁰ Explicaremos e debateremos esse tópico mais adiante.

quais alicerçaram a escolha do mês de coleta, dos dias da semana, da quantidade de dias e das editorias.

4.1.1 Critérios de equiparação

a) Mês:

Apesar de nossa coleta de dados ter sido realizada em março de 2014, optamos por coletar edições de janeiro deste ano. Isso porque o jornal *Aqui CE* teve sua circulação suspensa²¹ em meados de fevereiro, o que impossibilitaria a coleta do mês de março. Preferimos janeiro a fevereiro por acreditarmos que, em seus últimos dias de circulação, o jornal pode ter enfrentado intempéries que, de alguma forma, alteraram sua estrutura ou conteúdo.

b) Dias:

Em princípio, acreditávamos que seria preciso a coleta de todo o mês de janeiro para termos dados suficientes para a análise. Contudo, no decorrer da coleta, entendemos que apenas duas semanas já nos gerariam uma quantidade satisfatória de dados. Nas quarenta edições coletadas (dez de cada jornal), encontramos 2.184 dados, sem contarmos os contextos de restrição, nos quais é possível permutarmos duas das variantes, mas não as três. No texto abaixo, por exemplo, o uso do futuro ao invés do presente não parece alterar o valor de verdade da asserção. Já se substituíssemos *pode* e *podem* pelas perífrases *vai poder* e *vão poder*, o sentido seria comprometido.

(01) PMDB **PODE** APOIAR PSDB NO CEARÁ - Peemedebistas **PODEM** decidir, hoje, antecipação de convenção para definir apoio à reeleição de Dilma. Dirigentes da sigla cogitam abandonar petistas e ingressar no palanque tucano. (Aqui CE, edição de 06 de janeiro de 2014, editoria de Política).

c) Exclusão dos sábados e domingos:

A exclusão dos dois dias da semana se deu porque, quando em atividade, o jornal *Aqui CE* não circulava aos domingos²² e *O Estado*, nem aos sábados, nem aos domingos. Para equiparar os quatro jornais, optamos pela coleta das edições de segunda à sexta-feira. Além

²¹ O *Aqui CE* não se posicionou oficialmente sobre o fim do jornal, apenas deixou de circular, motivo pelo qual preferimos dizer que o jornal teve a circulação suspensa ao invés de falarmos sobre seu fechamento.

²² Por algum tempo, o *Aqui CE* também não era distribuído aos sábados.

disso, mesmo no caso dos jornais *Diário do Nordeste* e *O Povo*, que possuem distribuição diária, há diferenças consideráveis nas publicações que chegam às bancas aos sábados e domingos, como o maior uso das chamadas “matérias frias”, cujo assunto, apesar de relevante, não está necessariamente atrelado a um fato do dia ou em andamento, e a reprodução de matérias de conteúdo nacional e internacional, produzidas por agências de notícias.

d) Início:

Coletamos os exemplares dos quatro jornais do dia 2 ao dia 15 de janeiro de 2014, excetuando-se sábados e domingos. Não iniciamos pelo dia 1º porque, nesse dia, não houve circulação de nenhum dos jornais.

e) Editorias:

O *Diário do Nordeste* e *O Povo*, por serem jornais mais extensos, apresentam mais editorias e cadernos especiais do que o *Aqui CE* e o *O Estado*²³, ainda assim, todos possuem estrutura diferenciada. A escolha das editorias de *Política*, *Esporte* e *Entretenimento* se deu por serem seções presentes nos quatro jornais e por apresentarem características bastante distintas entre si, principalmente, o grau de formalidade, fator que acreditamos ser influente na escolha das variantes de codificação de tempo futuro. Além de estarem presentes nos quatro jornais, acreditávamos que essas editorias apresentariam mais dados de tempo futuro do que, por exemplo, a editoria de *Polícia*²⁴, que versa, via de regra, sobre o que já aconteceu, como assaltos, assassinatos etc.

f) Número de páginas

Em cada jornal, há considerável diferença no número de páginas de uma editoria para outra. Tal disparidade também é vista de um jornal para outro. Entretanto, o conteúdo

²³ Mais adiante, descreveremos cada um dos jornais.

²⁴ A prática jornalística está, basicamente, atrelada ao “factual”, o que favorece o uso do presente do indicativo em detrimento dos outros tempos. Ainda assim, todos os tempos verbais podem ser contemplados em todas as editorias. O que argumentamos, aqui, é que algumas editorias podem comportar melhor o tempo futuro do que outras.

textual propriamente dito se equivale na maioria dos casos, pois, o excedente de páginas em alguns jornais ou editorias é, por vezes, preenchido por muitas fotos, ilustração e colunas assinadas por jornalistas que não pertencem à mídia cearense. É o caso, por exemplo, do caderno de entretenimento do jornal Diário do Nordeste, intitulado Zoeira, que tem, em média, doze páginas, ocupadas, principalmente, por fotos, colunas nacionais e seções como horóscopo e palavras cruzadas. Assim, como é comum no gênero, os elementos gráficos ocupam mais espaço que o textual.

g) Conteúdo utilizado:

Nos quatro jornais, utilizamos todo o conteúdo textual disponível nas três editorias com as quais trabalhamos, o que inclui, além do texto das matérias, temas²⁵, títulos, subtítulos²⁶, legendas de fotos, colunas etc. Vale ressaltar que, em caso de texto repetido, os dados só foram codificados uma vez. Isso acontece, por exemplo, quando um trecho do texto é destacado da matéria com o fito de chamar atenção do leitor²⁷.

h) Conteúdo descartado:

Em todos os jornais, descartamos da coleta de dados as seções que, sabidamente, não são escritas por jornalistas, como horóscopo, previsões, passatempos, programação de cinema e televisão, sinopse de filmes etc. Também desconsideramos as colunas reproduzidas de jornais de circulação nacional.

i) Conteúdo considerado:

Conforme dissemos, trabalhamos com textos das editorias *Política*, *Esporte* e *Entretenimento*. É salutar ressaltarmos que respeitamos a distribuição dos textos proposta por cada jornal. Com isso, queremos dizer que existem matérias ou colunas que, de acordo com

²⁵ Conhecido como *chapéu*, vem acima do título e traz uma informação curta, de uma ou duas palavras, relacionada à matéria.

²⁶ Comumente, abaixo do título, há um parágrafo introdutório e curto, responsável por introduzir, ambientar ou contextualizar o leitor acerca do assunto tratado na matéria. Esse textículo é conhecido como *sutiã* ou *bigode*.

²⁷ Esse destaque é chamado de *olho*.

seu conteúdo, poderiam pertencer a mais de uma editoria. Respeitaremos, contudo, a editoria na qual o texto está inserido. Vejamos o exemplo abaixo:

(02) COPA DO MUNDO E ELEIÇÕES

Muitos temas SERÃO²⁸ destaque neste ano que está começando, mas dois OCUPARÃO espaços especiais: a Copa do Mundo e as eleições. O êxito da Canarinho RENDERÁ frutos ao governo? Pode ser. Se ganhar a Copa, logo a imagem do time vitorioso SERÁ associada à política dominante. Mas ainda assim há algumas ponderações. A Copa, com os holofotes internacionais, também PODERÁ ser campo fértil para a oposição promover protestos. Essa disputa fora dos campos EXIGIRÁ perspicácia porque (sic.) faca de dois gumes. (Diário do Nordeste, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Esporte).

Se considerarmos apenas o conteúdo, o texto acima poderia, sem prejuízo, pertencer tanto à editoria de *Esporte*, quanto à de *Política*. Entretanto, como foi publicado na editoria de *Esporte*, todos os dados desse texto foram codificados como sendo da editoria de *Esporte*.

Como dissemos, os critérios supramencionados, que visavam à paridade entre os jornais, foram fáceis de serem traçados e seguidos. Outros, no entanto, exigiram a análise específica de cada caso. Dedicaremos uma seção para tratarmos desses critérios.

4.1.2 O problema da autoria

Para averiguarmos como a mídia impressa cearense codifica o tempo futuro atualmente, seria imprescindível que trabalhássemos com textos genuinamente cearenses, ou seja, escritos pelos jornalistas que compõem essa mídia, sejam eles cearenses ou não²⁹. Essa missão, aparentemente simples, apresenta pormenores complexos. Isso porque, atualmente, o simples fato de um texto estar publicado em um jornal não significa que ele tenha sido escrito por um jornalista desse periódico. Labov (2008, p. 26) afirma que “é necessário muito engenho e arte para detectar e eliminar a distorção por parte dos informantes”. Aqui, precisamos de engenho e arte para lidarmos não com informantes, mas com o novo jeito de se

²⁸ Destaques nossos.

²⁹ Isso porque estamos trabalhando com o texto jornalístico e não com os jornalistas. Logo, é o texto que deve ter sido escrito por um jornalista que componha essa mídia, seja ele cearense ou não. Além disso, seria difícil averiguarmos a origem dos autores dos textos, porque, como veremos, identificar a própria autoria dos textos já configura um desafio.

fazer jornalismo. Com o advento da *Internet* e das novas tecnologias midiáticas, o fluxo de informações se dá por tantas vias, que é difícil precisar sua origem.

Por exemplo, matérias sem assinatura³⁰ podem ter sido escritas pelos repórteres dos jornais, como é o esperado, mas também podem ter sido reproduzidas de agências de notícias, de jornais de abrangência nacional, de grandes portais de notícia, de *press-release*³¹ etc. Cada jornal opta por apresentar ou não a assinatura da matéria. Dos quatro jornais com os quais trabalhamos, o *Aqui CE* era o único jornal que não assinava nenhuma das matérias. Nos outros três, essa identificação é facultativa. A questão é ainda mais complexa. A reprodução dos textos das fontes supracitadas pode ser apenas parcial. Ou seja, mesmo matérias assinadas podem conter trechos não autorais³². Por exemplo, em uma matéria – assinada ou não –, o jornalista pode escrever um texto próprio, porém, com alguns trechos de outras matérias. Por exemplo, a reprodução literal de dados apresentados em um *release*.

Além disso, de modo geral, os jornais locais têm autorização para reproduzir colunas publicadas em jornais de circulação nacional. A autorização de reprodução pode ser devido à compra da coluna, ou por uma parceria entre os jornais ou, ainda, por pertencerem ao mesmo grupo, como, por exemplo, o caso do *Aqui CE*, que reproduzia a coluna política da jornalista Tereza Cruvinel, colunista do *Correio Braziliense*, publicação do *Diários Associados*, mesmo grupo a que o periódico cearense pertencia.

Cientes disso, e com o fito de coletarmos um *corpus* fidedigno, adotamos uma série de critérios sobre os quais falaremos a seguir.

a) Conteúdo local:

Salvo algumas exceções³³, optamos por coletar textos que falassem sobre o Ceará. Apesar de o foco da Sociolinguística ser o “como se fala” e não o “sobre o que se fala”, a opção pelo conteúdo local aumenta as chances de o texto ter sido escrito por um jornalista que compõe a mídia cearense, uma vez que as matérias que tratam de assuntos nacionais e internacionais são, comumente, reproduzidas de agências de notícias ou jornais maiores, pois os jornais locais, de modo geral, não têm correspondentes para produção de conteúdo próprio.

³⁰ Identificação do repórter que escreveu a matéria.

³¹ Comunicado através do qual um indivíduo, empresa ou organização divulga para a imprensa uma informação, um evento, um produto etc. É produzido por assessores de imprensa e destinado aos jornalistas, que decidem se irão ou não divulgar aquela informação. Não raro, o *release*, que deveria apenas dotar o jornalista de informações para a escrita da matéria, acaba sendo publicado no jornal sem nenhum tipo de alteração.

³² Utilizamos o termo autoral para nos referirmos ao texto cuja autoria pertence a quem o assina. Obviamente, entendemos que todo texto possui uma autoria –mesmo que desconhecida–, logo, todo texto é “autoral”.

³³ Excetua-se os casos em que a matéria foi comprovadamente escrita por um jornalista que compõe a mídia impressa cearense.

Os jornais *Diário do Nordeste* e *O Povo* separam, nas editorias de *Política* e de *Esporte*, o conteúdo local do nacional e internacional. Já os jornais *Aqui CE* e *O Estado* não fazem claramente essa divisão, de modo que tivemos que fazer, caso a caso, a identificação e a separação do conteúdo local, dos demais conteúdos. Nessa divisão, buscamos coletar textos “genuinamente cearenses” e descartar os textos reproduzidos.

b) Conteúdo descartado:

Como dissemos, retiramos da coleta os dados provenientes de textos que não são escritos por jornalistas. Com o descarte, reforçamos nosso cuidado em analisar apenas dados escritos por aqueles que verdadeiramente compõem a mídia cearense impressa atual. Sendo assim, eliminamos o conteúdo produzido por profissionais de outras áreas (no caso dos responsáveis pelo horóscopo, passatempos, programações de cinema, teatro e televisão *etc.*) e por jornalistas que compõem a imprensa de outros estados (no caso, os autores das colunas reproduzidas de jornais de circulação nacional).

c) Busca na *Internet*:

Empenhamo-nos em identificar, caso a caso, se os textos publicados nos jornais locais eram autorais ou reproduzidos. Para tanto, lançamos mão do recurso da busca na *Internet*. Aqui, no entanto, residem dois problemas. O primeiro, sobre o qual já falamos, é que o texto pode ser apenas parcialmente autoral; o segundo, e mais delicado, é que, nos casos em que identificávamos que o texto publicado no jornal local também havia sido publicado em vários outros *sites* e jornais, de modo geral, não tínhamos como precisar a fonte. Ou seja, esse texto poderia ter sido reproduzido do jornal local ou pelo jornal local. No primeiro caso, o texto pertenceria à mídia cearense, no segundo caso, não. Esforçamo-nos em entender se se tratava de um texto pertencente ao jornal ou reproduzido. No caso de dúvida, descartamos o texto.

d) Falhas de identificação:

Como dissemos, atualmente, é difícil identificarmos com precisão a autoria de um texto. Por isso, apesar de nosso esforço, é possível que tenhamos errado em alguma dessas identificações. Ou seja, podemos ter excluído textos da mídia cearense ou incluído na análise

textos que não pertencem à mídia impressa local. Para estes casos, argumentamos que, se o texto foi publicado é porque ele passou pelo crivo, no mínimo, de um ou dois jornalistas que compõem a equipe do jornal local: o repórter e o editor. Obviamente, o argumento não é suficiente, porque, se o fosse, bastaria para que incluíssemos, indiscriminadamente, todos os textos publicados, pois todos eles passaram pelo aval dos jornalistas locais. Entretanto, como empreendemos grande esforço na identificação da autoria e lançamos mão desse recurso apenas para casos eventuais, acreditamos que o argumento seja aceitável.

Com os critérios acima, buscamos construir um *corpus* fidedigno, capaz de alicerçar satisfatoriamente nossa pesquisa. Acreditamos que essa deve ser uma preocupação constante daqueles que se dedicam à pesquisa quantitativa e, em especial, daqueles que adotam um *corpus* extraído de jornais impressos. Isso porque o jornalismo impresso vem passando por transformações decorrentes da convergência entre mídias e, em especial, da adoção de características próprias do *webjornalismo* e da *Internet* como um todo. Essa preocupação é relativamente recente. É provável que, há vinte anos, um pesquisador não precisasse levantar nenhuma dessas questões para realizar um estudo semelhante ao nosso. Há dez anos, caso a preocupação existisse, ela, certamente, não exigiria tantos cuidados. Com o passar dos anos, essa preocupação deve ser ainda mais acurada. Com isso, argumentamos que é preciso construir, e atualizar constantemente, uma metodologia para o adequado trabalho com um *corpus* impresso.

Também é interessante que conste dessa metodologia a caracterização dos jornais com os quais se pretende trabalhar. É o que faremos a seguir.

4.1.3 Os jornais

Neste subtópico, apresentaremos um breve histórico dos jornais *O Estado*, *O Povo*, *Diário do Nordeste* e *Aqui CE*, ressaltando suas características, principalmente às relacionadas à linguagem adotada por eles. Além de melhor caracterizar nosso *corpus*, pretendemos encontrar indícios que caracterizem cada um dos jornais de acordo com seu grau de formalidade. Isso nos ajudará na construção de nossas hipóteses e na análise dos dados e, certamente, irá nos oferecer subsídios para entender a relação dos jornais com as variantes aqui estudadas.

Para construir essa caracterização, buscamos informações no *site* dos jornais. Após a caracterização, descreveremos a estrutura de cada uma das editorias com as quais trabalhamos, destacando 1) o nome que a editoria recebe no jornal; 2) o número médio de páginas da editoria; 3) se as colunas apresentadas no jornal são escritas por jornalistas que compõem a mídia cearense ou se são reprodução de colunas veiculadas em jornais de circulação nacional; 4) se algum conteúdo foi descartado da coleta de dados; e 5) se o jornal apresenta divisão clara – normalmente por seção – entre conteúdos local e nacional.

4.1.3.1 O Estado

O Jornal O Estado³⁴ é o mais antigo dos jornais cearenses ainda em circulação. Fundado em 1936 por um grupo de políticos do Partido Social Democrata (PSD) – à época comandado pelo deputado federal José Martins Rodrigues –, o jornal nasceu em um período no qual era comum políticos possuírem jornais impressos que serviam para divulgar suas causas partidárias.

O Estado reconhece períodos de instabilidade ao longo de sua existência. Por exemplo, enquanto estava sob o domínio do PSD, a sustentabilidade do jornal estava diretamente relacionada à situação política do partido: “quando o PSD estava no poder, o Jornal estava bem. Quando era o UDN que governava, o Jornal ia mal. E assim foi até quase fechar [...]” (O ESTADO CE).

Em sua segunda fase, comandada pelo advogado, jornalista e delegado da Polícia Civil Venelouis Xavier Pereira, o jornal “passou a ser uma empresa, recuperou suas finanças e passou a dar lucro e a se desenvolver”. O jornal alterna momentos de ascendência e de decadência e momentos de maior e menos conservadorismo, como pode ser visto em sua relação com a Ditadura Militar, eclodida em 1964, um ano após o jornal ter saído do domínio político.

O Jornal O Estado, no primeiro momento, apoiou o movimento de 1964, mas, logo em seguida, entrou na oposição e teve início uma série de perseguições em que seu Diretor, Venelouis Xavier Pereira, foi perseguido. Inúmeras vezes o jornalista compareceu aos órgãos militares para prestar “esclarecimentos”. (O ESTADO CE)

³⁴ Todas as informações desse tópico estão disponíveis em: O ESTADO CE. **JORNAL O ESTADO: Independente como você!.** Disponível em: <<http://www.oestadoce.com.br/empresa>>. Acesso em: 19 jul. 2014.

O comportamento oscilante se repete com o prematuro apoio à candidatura do então jovem empresário Tasso Jereissati ao Governo do Ceará, seguido de sucessivas denúncias contra a gestão de Jereissati. Descontente, o Governo “suspende a veiculação de anúncios e publicidade oficial no Jornal, contribuindo para o início de uma das piores fases que se tem notícia na história do Jornal O Estado”. Esse período de “perseguição” e “resistência” perdurou por vinte anos, nos quais se manteve na posição de oposição ao Governo do Estado:

Foram 20 anos de resistência, onde todo o Estado ficou de joelhos à nova ordem, que somente o Jornal O Estado resistira, fazendo a voz da oposição do Ceará. Esse período difícil, onde o Jornal não pode crescer, ao contrário, teve uma redução significativa em sua circulação, perdurou até a morte do seu Diretor Presidente, Venelouis Xavier Pereira. (O ESTADO CE).

A nova fase do Jornal O Estado, comandada pelos herdeiros de Venelouis Xavier Pereira, é entendida como um “ressurgimento” e é marcada por uma permanente tentativa de recuperação econômica. Com o tempo, o jornal conseguiu aumentar sua equipe, seu número de assinantes e sua circulação.

Coincidência ou não, esse histórico de altos e baixos parece refletir na nossa dificuldade de definir o jornal *O Estado* e de classificá-lo, por exemplo, quanto ao grau de formalidade, nosso principal intuito com esta descrição. Sendo assim, demos ênfase ao histórico de *O Estado* por acreditar que ele reflete, como dissemos, a dificuldade de conceituação do que ele é hoje. Ou seja, um jornal que, historicamente, foi meio de difusão partidária e empresa; que, assumidamente, apoiou e fez oposição a ditaduras e governos; e que teve momentos de apogeu e de decadência, e que se mantém ainda em atividade e administra a “contradição” de ser um jornal tradicional, porém “pequeno”. Por ser o mais antigo do Estado, mantém certo tradicionalismo e, ao mesmo tempo, investe em inovações para concorrer com os demais jornais em circulação atualmente. Além disso, por não ter o apoio de um grande grupo de comunicação, como acontece com o *Diário do Nordeste*, permanece alternando momentos de maior e menor estabilidade econômica. Com isso, é natural que alterne equipes e posturas, fazendo, assim, com que as características que o definem não sejam tão fixas. Recentemente, o jornal investiu em tecnologia e adquiriu novos equipamentos, além da “contratação de colunistas e jornalistas e a abertura de novas editorias”.

Não encontramos, no *site* do jornal, nenhuma referência à linguagem adotada pelo periódico, mas sim, um empenho holístico de modernização: “O Jornal foi modernizado com uma diagramação mais leve e atrativa. E é nesse sentido que *O Estado* acompanha as inovações do século XXI, onde a rapidez da informação pauta os meios comunicacionais”.

O jornal circula de segunda à sexta-feira.

- Estrutura:

a) Política:

Nome da editoria: Política;

Páginas: duas;

Colunistas: todos da mídia cearense;

Conteúdo descartado: seção “Nacional”;

Apresenta conteúdos local e nacional em seções diferentes: sim.

b) Esporte:

Nome da editoria: Esporte;

Páginas: duas;

Colunistas: todos da mídia cearense;

Conteúdo descartado: conteúdo não-local;

Apresenta conteúdos local e nacional em seções diferentes: não.

c) Entretenimento:

Nome da editoria: Arte & entretenimento;

Páginas: três;

Colunistas: todos da mídia cearense;

Conteúdo descartado: Resumo das novelas; Programação de Cinema;

Apresenta conteúdos local e nacional em seções diferentes: não.

4.1.3.2 *Diário do Nordeste*

Fundado em 19 de dezembro de 1981 e pertencente ao maior grupo de comunicação do Estado do Ceará, o *Sistema Verdes Mares (SVM)*, o *Diário do Nordeste* é o único jornal cearense com circulação em todos os municípios do Estado. De acordo com o *site*

do SVM³⁵, o jornal detém 78% do mercado de jornais de Fortaleza, e veicula, diariamente, “os mais diversos fatos e acontecimentos de todo o estado”, sempre comprometido com a verdade, a ética, a liberdade. Ainda segundo o *Sistema Verdes Mares*, o *Diário do Nordeste* possui preocupação ambiental, aliando “tecnologia de ponta, qualidade de impressão e economia de papel”. Não há referência ao tipo de linguagem adotada, há, apenas, menção à diagramação³⁶ e ao *layout*, definidos como mais modernos e atrativos, “favorecendo o maior dinamismo na transmissão das informações”.

No *site* do Diário do Nordeste³⁷, encontramos os valores e a missão do periódico:

Nossa Missão: Prover informação com independência, imparcialidade e respeito pelos princípios éticos, contribuindo para a formação da cidadania, com sustentabilidade, e sendo um instrumento de defesa dos valores democráticos. (DIÁRIO DO NORDESTE, 2014).

Nenhum dos valores³⁸ apontados pelo jornal se refere diretamente à linguagem e os únicos que podem ser aplicados a todos os aspectos, inclusive à linguagem, são: inovação e qualidade. O *Diário do Nordeste* possui circulação diária.

- Estrutura:

a) Política:

Nome da editoria: Política;

Páginas: uma ou duas;

Colunistas: da mídia cearense;

Conteúdo descartado: conteúdo não-local;

³⁵ SISTEMA VERDES MARES/DIÁRIO DO NORDESTE. Disponível em: <<http://midiakit.verdesmares.com.br/veiculo/principal/2>>. Acesso em 5 mai .2014.

³⁶ Relançado em 2009, de acordo com o site do SVM.

³⁷ DIÁRIO DO NORDESTE. Expediente. Fortaleza, 29 jan .2014. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/servicos/expediente-1.784437>>. Acesso em: 19 jul .2014.

³⁸ Os valores apontados pelo Diário do Nordeste são: Comprometimento com o negócio; Cordialidade, respeito e confiança; Credibilidade; Entusiasmo; Ética; Independência; Inovação; Responsabilidade socioambiental; Qualidade e Valorização de pessoas.

Apresenta conteúdos local e nacional em seções diferentes: sim.

b) Esporte:

Nome da editoria: Jogada;

Páginas: duas a quatro;

Colunistas: da mídia cearense;

Conteúdo descartado: Ficha técnica de jogadores; placar de jogos *etc.*;

Apresenta conteúdos local e nacional em seções diferentes: não.

c) Entretenimento:

Nome da editoria: Zoeira;

Páginas: doze (média);

Colunistas: da mídia local e nacional;

Conteúdo descartado: reprodução de colunas nacionais; Resumo das novelas; Programação de Cinema; passatempos *etc.*;

Apresenta conteúdos local e nacional em seções diferentes: não.

4.1.3.3 *O Povo*

O jornal *O Povo*, fundado em 7 de janeiro de 1928 por Demócrito Rocha, possui distribuição regional³⁹ e periodicidade diária. Em 1989, lançou uma Carta de Princípios⁴⁰, assinada por um conselho editorial⁴¹, da qual constam os princípios de Liberdade; Imparcialidade e Lealdade; Democracia; Justiça; Ética; Política e Ideologia; Regionalidade; Cultura e Educação; e Modernidade. Nenhum dos princípios versa diretamente sobre a linguagem e apenas Modernidade e Regionalismo parecem poder se aplicar a todos os quesitos, inclusive, à linguagem. Modernidade é definida na Carta de Princípios como:

³⁹ Abrange todas as regiões do Ceará, apesar de não circular em todos os municípios, como o Diário do Nordeste.

⁴⁰ Originalmente lançada em 1989, foi republicada pelo Ombudsman em 2 de fevereiro de 2012. Na ocasião, os princípios foram reiterados. In: O POVO. 07 fev.2012. **Carta de Princípios O POVO**. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/ombudsman/2012/02/07/notombudsman,2779900/carta-de-principios-do-opovo.shtml>>. Acesso em: 19 jul .2014. Originalmente escrita em 1989.

⁴¹ O Conselho Editorial responsável por elaborar, aprovar e tornar pública a Carta de Princípios do O POVO foi composto por: Demócrito Rocha Dummar; José Raymundo Costa; Osvaldo Euclides de Araújo; Rachel de Queiroz; Antônio Pádua Campos; Paulo Bonavides; Adísia Sá; Carlos D'Alge; Paulo Elpídio de Menezes Neto e Walfrido Salmito.

Mais do que uma questão de estilo, a modernidade importa em um processo contínuo de renovação das formas de pensar e de agir, intensificadas com os anseios e as aspirações da sociedade, com o respeito indispensável pelas opiniões sobre os fatos e as idéias. Fiel aos compromissos que lhe deram origem, ao tempo da sua fundação, O POVO tem o espírito voltado para a inovação e a modernidade, associando passado e presente como condição e antecipação do futuro. (O POVO, 2012).

O Povo define a informação como bem essencial na sociedade moderna, a qual se “incorpora e se associa ao patrimônio da comunidade e aos direitos do cidadão”. Nesse sentido:

O POVO fundamenta os seus objetivos e as condições do pleno exercício da sua missão no reconhecimento do papel superior da Imprensa, posta a serviço da verdade, na defesa da livre manifestação das idéias, do princípio da divergência e do espírito crítico, como condição da preservação das prerrogativas democráticas da cidadania. (O POVO, 2012).

À Carta de Princípios do jornal, soma-se o Código de Ética da Empresa Jornalística *O POVO*⁴² no qual a entidade se define como “uma empresa/instituição entranhada na vida dos cearenses” e aponta tradição e modernidade como características marcantes.

Somos Instituição e Empresa. Integradas, cada uma deve dar suporte à outra. Nossos interesses e nossos deveres nos obrigam a bem identificar os limites de cada uma, que não devem conflitar, mas serem harmonizados, sem sobreposição. A união desses dois conceitos surge do fato de lidarmos com a informação, bem essencial nas sociedades contemporâneas e patrimônio da comunidade, o que confere a O POVO papel decisivo na difusão das idéias, na aceleração da economia, na elevação do padrão de cidadania, enfim, em todas as instâncias do interesse coletivo e privado. Tal consciência nos impele a lançar e tornar públicos nossos princípios e compromissos empresariais. (O POVO, 2012).

⁴² O POVO. 7 fev 2012. **Código de Ética da Empresa Jornalística O POVO**. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/ombudsman/2012/02/07/notombudsman,2779903/codigo-de-etica-da-empresa-jornalistica-o-povo.shtml>>. Acesso em: 19 jul .2014.

O jornal apresenta Programa Editorial⁴³ bem definido, no qual afirma que seu compromisso maior é com o leitor, a quem cabe controlar – aprovando ou censurando – seu resultado final. Ainda assim, por refletir a própria sociedade, por vezes, “pode vir a desagradar a pequenos e a grandes grupos de leitores, no cumprimento do seu papel de informar e opinar”. Ainda no Programa Editorial, o jornal dá diretrizes sobre como a informação deve ser passada ao leitor:

A informação será sempre passada ao leitor de maneira precisa, exata, substantiva, respeitando-se os limites da privacidade e do bom senso. Adotaremos uma atitude crítica e fiscalizadora dos atos das pessoas, empresas, instituições e poderes públicos, sendo tal postura aplicável a particulares e à empresa privada, quando se configurar, clara e continuamente, agressão aos direitos individuais, à comunidade e ao interesse público. (O Povo, 2012).

Algumas das características supracitadas parecem se referir, também, à linguagem, ainda que isso não seja diretamente exposto no texto, são elas: precisão, exatidão e substancialidade.

- Estrutura:

a) Política:

Nome da editoria: Política + Economia;

Páginas: duas (média);

Colunistas: conteúdo local;

Conteúdo descartado: conteúdo de Economia, matérias de agências de notícias;

Apresenta conteúdos local e nacional em seções diferentes: sim.

b) Esporte:

Nome da editoria: Esportes;

Páginas: cinco (conteúdo local + nacional);

Colunistas: conteúdo local;

Conteúdo descartado: conteúdo nacional;.

Apresenta conteúdos local e nacional em seções diferentes: não.

⁴³ Apresentado no Código de Ética da Empresa Jornalística O POVO.

c) Entretenimento:

Nome da editoria: Vida & Arte;

Páginas: oito (média);

Colunistas: conteúdo local;

Conteúdo descartado: Resumo das novelas; Programação de Cinema; Passatempos *etc.*;

Apresenta conteúdos local e nacional em seções diferentes: não.

4.1.3.4 *Aqui CE*

O *Aqui CE* é a versão cearense do jornal de linha popular do Grupo Diário Associados. A publicação segue os moldes dos demais jornais *Aqui* existentes no país⁴⁴, com formato *berliner*⁴⁵ e conteúdo objetivo. O jornal passou a circular em Fortaleza e regiões adjacentes, em julho de 2012, e teve circulação suspensa em fevereiro de 2014. Nem o *site* do jornal, nem o site do *Diários Associados* apresenta descrição sobre o impresso, por isso, utilizaremos a descrição de outros jornais do mesmo modelo para tentarmos inferir algumas das características do periódico cearense. O *Aqui MG*⁴⁶ e *Aqui Betim*⁴⁷ são descritos como “um jornal popular, em formato prático, de fácil leitura e manuseio”, com “forte penetração junto aos públicos BC”.

A descrição do *Aqui MA* parece caracterizar bem o caráter popular dos jornais *Aqui*:

Aqui MA: O jornal *Aqui MA* é voltado para a população da classe C da Grande São Luís (MA). Com qualidade gráfica e editorial moderna e atrativa, o *Aqui MA* oferece conteúdo dirigido ao seu leitor de maneira simples e objetiva. É um jornal original na sua apresentação, que explora as imagens nos melhores ângulos e

⁴⁴ Atualmente, há jornal *Aqui* em Belo Horizonte, Brasília, Recife, São Luís e Betim (MG).

⁴⁵ Também conhecido como *Berlinense*, *Berlinês* ou *midi*, é um formato de jornal compacto, estreito e curto, com, aproximadamente, 470X315 milímetros, tamanho ligeiramente maior do que o formato *Tabloide*.

⁴⁶ DIÁRIOS ASSOCIADOS. *Aqui MG*. Disponível em: <http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculos.php?co_veiculo=28>. Acesso em: 19 jul .2014.

⁴⁷ DIÁRIOS ASSOCIADOS. *Aqui Betim*. Disponível em: <http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculos.php?co_veiculo=54>. Acesso em: 19 jul .2014.

estrutura seu conteúdo editorial com informações rápidas, tendo como principais editoriais Polícia, Política, Esporte e TV. (DIÁRIOS ASSOCIADOS⁴⁸).

Apesar da boa caracterização, a descrição não fala exatamente sobre a linguagem utilizada, ainda que a referência ao conteúdo possa ser estendida à linguagem. Essa referência é feita na descrição oficial do *Aqui PE*.

Aqui PE: Com um formato dinâmico, ágil e acessível, o Aqui PE começou a circular pelas ruas da Região Metropolitana de Recife em 11 de agosto de 2008, vendido a um preço bem acessível a seu público-alvo, as classes C e D: R\$ 0,50. E não é apenas no preço do exemplar que o Aqui PE se identifica com o leitor. Seu conteúdo editorial diferenciado e moderno, com linguagem simples e notícias interessantes sobre o cotidiano é seu ponto forte. E a publicação também aposta na interatividade com o leitor, por meio de promoções diversas. O Aqui PE, um dos veículos de comunicação dos Diários Associados, é um jornal com um conteúdo informativo e objetivo. Tem como linha editorial, o tripé básico: Cidades/Polícia, Entretenimento e Esportes. Hoje é uma das principais fontes de informação diária das classes C e DE de Pernambuco, que representam mais da metade dos lares brasileiros. [...]. (DIÁRIOS ASSOCIADOS⁴⁹).

O *Aqui PE* apresenta a definição mais completa, da qual podemos retirar as principais características do modelo de jornal que o *Aqui* prega. Primeiramente, é interessante que, dos quatro jornais com os quais trabalhamos, o *Aqui* é o único que faz referência ao tipo de linguagem adotada. O impresso é assumidamente popular, destinado aos públicos C e D e possui linguagem simples e conteúdo objetivo.

Por fim, destacamos uma matéria publicada no jornal Estado de Minas, também do grupo *Diários Associados*, na véspera do lançamento do jornal *Aqui CE*:

Depois de Belo Horizonte, Brasília, Recife, São Luís e Betim (MG), chegou a vez de Fortaleza. A capital cearense passa a contar com o Aqui Ceará, jornal diário que nasce com a proposta de oferecer conteúdo de qualidade e credibilidade sobre temas

⁴⁸ DIÁRIOS ASSOCIADOS. Aqui MA. Disponível em: <http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculos.php?co_veiculo=26>. Acesso em: 19 jul .2014.

⁴⁹ DIÁRIOS ASSOCIADOS. Aqui PE. Disponível em: <http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculos.php?co_veiculo=32>. Acesso em: 19 jul .2014.

de interesse da população. No Aqui Ceará, a informação será apresentada de forma direta e objetiva, nos moldes da fórmula vencedora apresentada nos jornais que circulam atualmente em Minas Gerais, Distrito Federal, Pernambuco e Maranhão. A primeira edição chega às bancas amanhã. “É mais um esforço do grupo em investir na concretização de novos projetos e ampliação de um produto com grande penetração na classe C. O lançamento reforça a estratégia de expansão do nosso grupo”, ressalta o presidente dos Diários Associados, Álvaro Teixeira da Costa. (ESTADO DE MINAS, 2012⁵⁰).

Citamos a matéria acima para ratificar nossa estratégia de usar a definição dos demais jornais da linha *Aqui* para inferirmos as características do *Aqui CE*. O periódico cearense, em princípio, apresentava circulação diária, depois, deixou de circular aos domingos. Apesar de ter deixado de circular em fevereiro de 2014, achamos oportuno mantê-lo dentre os jornais que compõem a mídia impressa cearense por acreditarmos que suas especificidades, decorrentes de seu caráter assumidamente popular, poderiam enriquecer sobremaneira nossa pesquisa.

- Estrutura:

a) Política:

Nome da editoria: Política;

Páginas: duas;

Colunistas: da mídia cearense e nacional;

Conteúdo descartado: reprodução de coluna nacional;

Apresenta conteúdos local e nacional em seções diferentes: sim, na maioria das vezes.

b) Esporte:

Nome da editoria: Esportes;

Páginas: quatro (média);

⁵⁰ ESTADO DE MINAS. Jornal *Aqui* chega ao Ceará. 08 jul .2012. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2012/07/08/interna_nacional,304860/jornal-aqui-chega-ao-ceara.shtml>. Acesso em: 19 jul .2014.

Colunistas: da mídia cearense;

Conteúdo descartado: tabela de jogos, placar *etc.*;

Apresenta conteúdos local e nacional em seções diferentes: não.

c) Entretenimento:

Nome da editoria: Geral / Lazer & Cia;

Páginas: sete (média);

Colunistas: da mídia cearense;

Conteúdo descartado: Resumo das novelas; Programação de Cinema e TV, humor, passatempos, horóscopo *etc.*;

Apresenta conteúdos local e nacional em seções diferentes: não.

4.2 Envelope de variação

Nesta seção, apresentaremos e exemplificaremos nossas três variantes dependentes: o futuro do presente, o futuro perifrástico e o presente do indicativo. Também citaremos nossas nove variantes independentes e os fatores que as compõem.

4.2.1 Variável dependente

Em nosso estudo acerca da expressão do tempo futuro, trabalharemos com um envelope de variação composto por três variantes, uma conservadora e duas inovadoras, expostas abaixo:

a) Futuro do presente:

(03) Quando um sujeito se despede da vida, quem DARÁ testemunho dele? Quem são aqueles que SABERÃO dizer quem foi, como agia ou o que dizia? (Diário do Nordeste, edição de 12 de dezembro de 2012, editoria de entretenimento).

b) Futuro perifrástico⁵¹:

⁵¹ A variante IR + infinitivo apresenta-se sob duas formas: IR no presente + infinitivo (ex.: *vou cantar*) e IR no futuro + infinitivo (ex.: *irei cantar*). Tomamos as duas como uma única variante, apesar de entendermos que existem diferenças entre elas, como o grau de formalidade prototipicamente ligado a cada uma. Fizemos essa opção diante da disparidade de dados de cada variante: 1181 dados apresentados sob a forma de futuro do presente sintético, 706 de presente e apenas 297 de perífrase, desses, somente doze do tipo IRÃO + infinitivo e

(04) Os amantes da folia de Momo já podem começar a se animar. O ano mal começou e amanhã já tem bloco na rua nos preparativos do pré-carnaval. Neste sábado (4), o Baqueta Bloco de Ritmistas VAI FAZER a festa dos cearenses. A concentração acontece na sede do bloco (Praia de Iracema). Os ensaios continuam durante todos os fins de semana -11, 18 e 25- de janeiro e para participar da folia é cobrado o valor de R\$ 10. (Diário do Nordeste, edição de 03 de janeiro de 2014, editoria de entretenimento).

c) Presente do indicativo:

(05) Os cariocas da Bangalafumenga FAZEM show amanhã, no Aterrinho da Praia de Iracema. A apresentação faz parte do pré-carnaval e É aberta ao público”. (Diário do Nordeste, edição de 14 de fevereiro de 2014, editoria de entretenimento).

Em todos os casos supracitados, apesar de haver variação, o contexto de futuridade deve permanecer o mesmo, não comprometendo, assim, o significado referencial do enunciado. Ainda assim, é possível controlar a variável a fim de averiguar quais contextos favorecem uma ou outra forma linguística. Para tanto, os dados devem ser submetidos a uma análise quantitativa.

Aqui, achamos oportuno pontuarmos uma questão, levantada por Oliveira (2006, p. 174). A autora reconhece a utilização do *presente do indicativo* com o valor de futuro, mas argumenta que, apesar de ser mencionado por gramáticos, não há prescrição, na tradição gramatical, do *presente* como indicador de *futuro*. Para Oliveira (2006), o *presente do indicativo* é um tempo não-marcado morfologicamente, que precisa de um contexto de futuridade para ser empregado com valor de futuro⁵². Posto isso, a autora afirma que os dados de sua pesquisa⁵³ apontam para um comportamento estável do *presente* com valor de *futuro* no decorrer dos séculos, só notando um uso mais expressivo a partir do século XX. Em

41 dados do tipo IRÁ + infinitivo. Outro argumento é que, apesar das diferenças, acreditamos que o futuro perifrástico como um todo é entendido como uma variante inovadora, já é encontrado até em contextos mais formais, como o jornal impresso, mas, em comparação com o futuro do presente ou mesmo com o presente do indicativo, esse uso ainda é reduzido, o que nos leva a crer que a forma não sofre estigma, mas também não goza do mesmo prestígio das demais.

⁵² Na verdade, o presente do indicativo é um tempo verbal não-marcado morfologicamente, portanto, como bem diz Thomas (1969, p.116), é necessário que haja um determinado contexto de futuro para que o presente possa ser empregado com esse valor: “The simple present may be used whenever the time of action is made clear by an adverb of time, by any other expression of time, or by the context”. (OLIVEIRA, 2006, p. 174).

⁵³ Oliveira (2006) trata, nas perspectivas variacionista e funcionalista, da expressão do futuro verbal na norma culta – falada e escrita – de Salvador e do Rio de Janeiro, através de um estudo em tempo real de curta duração (do tipo tendência) com dados empíricos recolhidos nas décadas de 1970 e de 1990. A autora usa, ainda, dados do século XIII ao XX (tempo real de longa duração) para investigar o processo de auxiliarização do verbo IR na formação do futuro perifrástico com o infinitivo.

princípio, Oliveira (2006) realizou rodadas ternárias, confrontando *futuro simples*, *futuro perifrástico* e *presente*. Como havia poucos dados de *presente*, a autora achou melhor investir em rodadas binárias, para que o comportamento do *presente* não se dissolvesse no tratamento dos dados. A partir da análise das rodadas binárias, Oliveira concluiu que o *presente* não concorre diretamente com o *futuro perifrástico*, mas sim, coexiste com este, realizando-se ao longo dos séculos em certos contextos específicos.

Num processamento binário dos dados (presente X futuro simples e presente X futuro perifrástico), o que se percebeu é que o uso dessa variante se mantém, sistematicamente, em alguns contextos. Segundo as evidências, trata-se de uma variante que não concorre propriamente com o futuro perifrástico, mas sim com a forma de futuro simples. Do ponto de vista da mudança, parece que essa variante não faz parte do ‘tabuleiro de xadrez’. (OLIVEIRA, 2006, p.175).

Ainda assim, considerando-se o contexto jornalístico, tomaremos o *presente* e a *perífrase IR + infinitivo* como variantes inovadoras em relação à variante conservadora *futuro do presente* e buscaremos averiguar quais contextos favorecem o uso de cada uma das formas.

4.2.2 Variáveis independentes

- 1) Extensão do vocábulo:
 - a) *Verbo com uma sílaba*⁵⁴;
 - b) *Verbo com duas sílabas*;
 - c) *Verbo com três ou mais sílabas*.

- 2) Marca de futuridade:
 - a) *Pista temporal de natureza semântica*;
 - b) *Pista temporal de natureza pragmática*.

- 3) Polaridade:
 - a) *Afirmativa*;
 - b) *Negativa*.

⁵⁴ Em se tratando de perífrase, será considerado apenas o verbo no infinitivo.

- 4) Pessoa do discurso:
- a) *Quem fala – singular [eu];*
 - b) *Quem fala – plural [nós; a gente];*
 - c) *Com quem fala – singular [tu; você];*
 - d) *Com quem fala – plural [vós; vocês];*
 - e) *De quem ou sobre o que fala – singular [ele; ela];*
 - f) *De quem ou sobre o que fala – plural [eles; elas].*
- 5) Distanciamento temporal:
- a) *Futuro imediato ou próximo;*
 - b) *Futuro intermediário ou distante;*
 - c) *Futuro indeterminado.*
- 6) Tipo de verbo:
- a) *Atividade;*
 - b) *Achievement;*
 - c) *Accomplishment;*
 - d) *Estado.*
- 7) Editoria:
- a) *Política;*
 - b) *Esporte;*
 - c) *Entretenimento.*
- 8) Veículo:
- a) *O Povo;*
 - b) *Diário do Nordeste;*
 - c) *O Estado;*
 - d) *Aqui CE.*
- 9) Origem:
- a) *Matéria;*

b) *Coluna.*

4.3 Hipóteses

Propusemos, para cada um dos grupos de fatores, uma hipótese, que testaremos através da análise estatística dos dados coletados. Levantamos também duas hipóteses gerais que subjazem todas as outras nesta pesquisa. A primeira é, considerando que a forma padrão da expressão do futuro do presente em Português é a sintética, mas que as formas inovadoras futuro perifrástico e presente com valor de futuro vêm encontrando bastante aceitação entre os falantes, gostaríamos de saber se essas formas já atingem contextos mais formais, como os textos jornalísticos, e se sim, como é a aceitação⁵⁵ das variantes inovadoras em comparação com a variante padrão? A esse respeito, acreditamos que, em Língua Portuguesa, a forma verbal futuro do presente vem perdendo espaço, já estando quase extinta da oralidade. Seu lugar está sendo ocupado pela forma perifrástica (IR + infinitivo) e pelo verbo no presente com valor de futuro, que já ocupam até os contextos mais conservadores, como a escrita e os gêneros jornalísticos, motivo que nos leva a crer que as formas novas são bem aceitas e não estigmatizadas.

A segunda questão que levantamos diz respeito ao princípio da marcação, proposto por Givón (1995). Queremos verificar se as formas mais marcadas ocorrem em contextos mais marcados e as menos marcadas em contextos menos marcados, ou se a tendência de uso dessas formas é garantir um equilíbrio discursivo contextual. Acreditamos que o princípio da marcação seja satisfatoriamente aplicado em alguns contextos, mas que a predominância seja de equilíbrio.

A seguir, apresentaremos as hipóteses, tal qual as pensamos no início da pesquisa. No decorrer da coleta e da codificação dos dados, os grupos de fatores sofreram algumas alterações, sobre as quais falaremos no capítulo de análise dos dados. .

a) Extensão do vocábulo

Gibbon (2000), baseando-se em Santos (1997), levanta como hipótese referente à extensão do vocábulo que, quanto maior for o verbo (considerando-se o número de sílabas do verbo no infinitivo, ao qual é acrescido o verbo IR no presente), mais provável é o uso do

⁵⁵ Relacionamos aceitação ao uso. Como o jornalismo exige rigor formal, o uso de variantes inovadoras parece implicar aceitação dessas formas.

presente do indicativo, em detrimento da perífrase. O grupo foi selecionado como mais relevante, na rodada final, na influência do uso de perífrase, contrariando a hipótese proposta. Contudo, Gibbon (2000, p.104-105) ressalta que o resultado está comprometido, uma vez que “ao presente do indicativo foram acrescentados os dados de verbo IR (com uma sílaba) e nesses dados não existe a ocorrência da forma *vou ir*. Quando esses dados são retirados da rodada, o grupo de fatores número de sílabas não é significativo”, revelando que a perífrase não é inibida porque o verbo tem uma sílaba, mas sim, porque IR, que tem uma sílaba, inibe categoricamente a perífrase. Assim como Santos, e diferentemente de Gibbon, trabalhamos com a forma sintética, a perifrástica e o presente do indicativo, por isso, adotaremos a hipótese daquela autora, que defende que quanto mais sílabas o verbo tiver, maior a possibilidade de perífrase ou do presente do indicativo, pois o futuro do presente acrescenta uma nova sílaba ao verbo, tornando-o maior e *mais “pesado” ao ritmo da Língua Portuguesa*.

b) Marca de futuridade

Oliveira (2006) defende que a presença de circunstanciador de tempo futuro, quer na forma oracional, quer na forma sintática, é um dos contextos que condiciona o uso do presente na expressão do tempo futuro. Baseando-se nisso, Bragança (2008, p. 127) destaca que a “forma perifrástica emerge da necessidade de evidenciar a modalidade inerente ao futuro e, gradativamente, passa a codificar tempo futuro, numa função mais gramatical” e aventa a hipótese de que a forma sintética inibe outras marcas de futuro e a forma perifrástica favorece essas marcas para reforçar o aspecto de tempo. Os resultados de Bragança dão conta que “nos contextos em que não há marcas temporais explícitas, a forma sintética prevalece”, corroborando a hipótese com a qual também trabalharemos. Diante disso, acreditamos que *pista temporal de natureza pragmática* condicionará o futuro, uma vez que, tendo a marca morfológica de futuro, não há tanta necessidade de uma marca externa. *Pista temporal de natureza semântica*, por outro lado, deve condicionar o presente e a perífrase, uma vez que, por não terem marca interna de futuro, necessitam mais fortemente de uma marca externa que expresse futuridade.

c) Polaridade

Gibbon (2000) averigua o comportamento das variantes na presença ou ausência de negação e não obtêm resultados significativos, uma vez que as duas formas favorecem a presença de perífrase. Entretanto, vale ressaltar que, no levantamento de suas hipóteses e na análise de seus resultados, a autora faz um cotejo com Poplack e Turpin (1999), que trabalharam com o futuro do presente, o presente do indicativo e a forma perifrástica, no Francês. Na pesquisa destas, o grupo de fatores referente à presença ou ausência de negação obteve grande significância. Por isso, de acordo com os resultados de Poplack e Turpin (1999), acreditamos que, no tocante à polaridade, a negação irá favorecer o futuro do presente e a afirmação irá impulsionar a forma perifrástica e o presente do indicativo, uma vez que o futuro é a variante menos marcada e *afirmativa* é o fator menos marcado, ao passo que perífrase e presente são as variantes mais marcadas e a negação é o contexto mais marcado.

d) Pessoa do discurso

Inicialmente, este grupo era composto pelos fatores: primeira, segunda e terceira pessoa. Por isso, nossa primeira linha de pensamento focou esses fatores. No que diz respeito à pessoa do discurso, acreditávamos que a primeira pessoa (eu, tu, nós, a gente) e a segunda pessoa (tu, você e vocês) favoreceriam a forma perifrástica, pois, nesses contextos, o falante pode expressar maior intencionalidade e comprometimento com a asserção. Já a terceira pessoa (ele, eles), deveria favorecer o presente do indicativo, uma vez que, provavelmente, não há tanto compromisso com a ação expressa. Gibbon (2000) rodou, a princípio, as três pessoas do discurso separadamente, mas, na rodada final, amalgamou a primeira e a segunda pessoa sob o nome *interlocutor* (P1 e P2) e as contrapôs ao grupo *não-interlocutor* (P3). A hipótese da autora foi confirmada, uma vez que é a pessoa que representou os interlocutores (eu, nós, a gente, tu e você) que favoreceu a perífrase. Apesar das mudanças no grupo, nossa hipótese segue a mesma linha. Acreditamos que os fatores que correspondem à primeira e à segunda pessoas favorecerão a perífrase ou o futuro e os grupos que correspondem à terceira pessoa condicionarão o presente.

e) Distanciamento temporal

Esse grupo de fatores tem o objetivo de investigar o comportamento das variantes em relação ao distanciamento temporal. Para tanto, levaremos em consideração o *futuro imediato ou próximo*, o *futuro intermediário ou distante* e o *futuro indeterminado*.

Tradicionalmente, a forma perifrástica é usada para referir-se ao tempo próximo; já o futuro do presente está associado ao tempo distante; e o presente mantém relação com a ação eminente. Pontes (1982) *apud* Oliveira (2006) faz um estudo sobre o verbo no Português espontâneo de falantes cultos cariocas e encontra, para a expressão de futuro, apenas o presente do indicativo, para um futuro mais imediato, e a forma perifrástica, para expressar um futuro mais remoto. Por outro lado, Gibbon (2000, p. 94) conclui que “o tempo próximo parece ser o contexto mais apropriado para o uso da perífrase, talvez porque, estando mais próximo do momento de fala, o falante sinta-se mais comprometido, através da intenção e da certeza, com o fato que expressa”. Aceitando-se que diante de uma maior proximidade ao momento de fala, o falante se sinta mais comprometido com o enunciado, acreditamos que o *futuro imediato ou próximo* deve favorecer o uso da perífrase e do presente e o *futuro intermediário ou distante* e o *futuro indeterminado* devem favorecer o futuro do presente.

f) Tipo de verbo

Com esse grupo de fatores pretendemos investigar a influência que tem o tipo semântico do verbo do futuro do presente, do presente do indicativo e do infinitivo que acompanha o verbo IR na perífrase quando expressam futuro. Existem várias categorias semânticas de verbos com as quais poderíamos trabalhar neste grupo de fatores, como a classificação proposta por Vilela e Koch (2001) – adotada em Bragança (2008) – na qual os verbos estão distribuídos em: a) verbos de ação/atividade; b) verbos de processo; e c) verbos de estado. Em relação a esses tipos de verbo, Bragança (2008, p. 123) acredita que os “verbos são gradativamente atingidos pela forma nova, começando pelos verbos que denotam ação/atividade, passando pelos verbos de processo até atingir os de estado.” A hipótese da autora é parcialmente confirmada e parcialmente refutada. Seus dados da oralidade mostraram maior ocorrência da perífrase nos verbos de ação, conforme previsto, seguida dos verbos de estado e, depois, de processo, contrariando o esperado. Já os dados extraídos dos editoriais de jornais confirmaram a hipótese. Nesta pesquisa, trabalhamos com a tipologia quadripartida proposta por Vendler (1967), que permite uma análise composicional do aspecto. A classificação divide os verbos em: *atividade*, *accomplishment*, *achievement* e *estado*. Baseando-nos em Bragança (2008), acreditando que verbos que indiquem ação/atividade (*achievement*, *accomplishment*, *atividade*) devem favorecer a escolha da perífrase, uma vez que apresentam valor semântico de movimento e que é através desse tipo de verbo que a forma nova está se implementando tanto na oralidade quanto na escrita.

g) Editoria

Na análise isolada do *corpus* impresso, iremos investigar se a editoria (Política; Entretenimento; Esporte) na qual o dado se insere interfere na escolha da variante codificadora de tempo futuro. Acreditamos que, devido ao grau de formalidade de cada editoria, a forma sintética será mais encontrada na editoria de Política, seguida das editorias de Esporte e Entretenimento, e que a frequência das formas inovadoras será inversa: mais frequente em Entretenimento e Esporte e menos em Política.

h) Jornal

Por fim, averiguaremos a influência do jornal do qual o dado foi extraído na escolha da variante de codificação do futuro. Acreditamos que jornais mais conservadores apresentem maior resistência às variantes inovadoras, e jornais menos conservadores, maior abertura. Encaixamos os jornais, nesta ordem, de acordo com o grau de formalidade que atribuímos a cada um: Diário do Nordeste, O Povo, O Estado e Aqui CE, do mais formal para o mais informal. Esse encaixe não está ancorado em critérios objetivos, pois teríamos que traçar um comparativo acurado (que não deixaria de ser subjetivo) entre os jornais para que pudéssemos assinalar o grau de conservadorismo ou inovação de cada um. Acreditamos, sim, que o resultado da análise irá oferecer subsídios concretos para o desenvolvimento do perfil dos jornais. Àquele no qual as formas inovadoras apresentarem maior inserção, deve ser aquele cuja linguagem esteja mais aberta a inovações.

4.4 Análise estatística

As teorias formais desenvolveram fecundas pesquisas de caráter sincrônico, mas, em relação aos estudos diacrônicos, esbarraram em paradoxos até hoje não superados. O principal deles é o da mudança linguística. Isso porque, como estudavam a linguagem como um conjunto fixo de regras ou princípios, era difícil explicar como essa estrutura sólida poderia sofrer mudanças ao longo do tempo. Por sua vez, a Sociolinguística Variacionista, que integra os aspectos sociais e linguísticos do idioma, tem se desenvolvido, ao longo das últimas décadas, como um modelo de linguagem capaz de dar conta do paradoxo das mudanças linguísticas. Apesar de dar conta deste, a Sociolinguística também se depara com

paradoxos e enfrenta desafios, como, por exemplo, a necessidade de olhar, ao mesmo tempo, tanto para a estrutura interna da língua, quanto para seu contexto de uso. (TAGLIAMONTE, 2006, p.4).

De acordo com Guy (2007, p. 19)⁵⁶, para dar conta tanto da organização das formas linguísticas, quanto de sua significância social, o linguista precisa coletar uma grande quantidade de dados, tanto, que o autor chega a afirmar que “toda pesquisa dialetal, seja ela geográfica ou social, é inerentemente quantitativa”. Cientes dos desafios metodológicos decorrentes dessa “dualidade foco”⁵⁷, trabalhamos nossos dados, já devidamente codificados, através da Sociolinguística Quantitativa, submetendo-os ao programa computacional estatístico *Goldvarb X*, que gerou os pesos relativos que serviram de alicerce para nossa interpretação, à luz do Sociofuncionalismo. Com o uso do programa, realizamos três rodadas estatísticas, cada uma delas adotando uma das variantes como valor de aplicação.

Para Guy (2007, p. 20), a análise quantitativa deve seguir três fases, a saber: i) coleta de dados; ii) redução e apresentação de dados; e iii) interpretação e explicação dos dados. Naro (2010, p. 25), por sua vez, define a metodologia da Teoria da Variação como uma “ferramenta poderosa e segura”, capaz de subsidiar o estudo de qualquer fenômeno variável. Para o autor, as limitações do método resumem-se, tão somente, às limitações do pesquisador:

As suas limitações são as do próprio linguista, a quem cabe a responsabilidade de descobrir quais são os fatores relevantes, de levantar e codificar os dados empíricos corretamente, e, sobretudo, de interpretar os resultados numéricos dentro de uma visão teórica da língua. (NARO, 2010, p. 25).

Por codificação, entende-se a transformação “em código identificável pelos programas computacionais disponíveis tudo o que queremos que seja quantificado” (SCHERRE; NARO, 2010, p. 155). Os programas computacionais utilizados na análise de dados em estudos variacionistas denominam-se *Varbrul* ou *pacote Varbrul*, e foram introduzidos, em 1978, por Pascale Rousseau e David Sankoff (NARO, 2010, p. 22). A primeira versão do programa a ser amplamente utilizada foi implementada por Pintzuk em

⁵⁶ Tradução de Ana M. S. Zilles e Leonardo Z. Maya, In. GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. A versão original desse texto foi publicada em Dennis R. Preston (org.) (1993). *American Dialect Research*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, p.23-249 com o título *The Quantitative Analysis of Linguistic Variation*.

⁵⁷ Denominação de Guy (2007).

1988. (SCHERRE; NARO, 2010, p. 159). Esta versão, ainda anterior ao ambiente *Windows*, possuía as seguintes funções:

- 1) preparar os dados para serem submetidos a análises diversas (*Checktok* e *Readtok*);
- 2) produzir resultados percentuais os mais diversos, em função dos *infinitos desejos* do pesquisador, incluindo a preparação dos dados para análise de *pesos relativos* (*Makecell* e *Make 3000*);
- 3) projetar *pesos relativos* para análises binárias (*Ivarb* ou *Varb 2000*), ternária (*Tvarb*) e enária (*Mvarb*);
- 4) efetuar tabulação cruzada de duas variáveis independentes previamente estabelecidas (*Crosstab* ou *Cros 3000*);
- 5) efetuar pesquisa de dados pelas cadeias de codificação (*Tsort*) ou pelos contextos explicitados nos arquivos de dados (*Textsort*), seja para conferência de dados, seja para a criação de novos arquivos de dados (SCHERRE; NARO, 2010, p. 159).

Os programas da série *Varbrul* adotam o modelo logístico ou misto⁵⁸, que agrega características dos demais modelos de análise de dados utilizadas até então: o modelo aditivo⁵⁹, proposto por Labov em 1969, e o modelo multiplicativo, proposto por Henriquetta Cadergren e David Sankoff⁶⁰ em 1974. O programa estatístico com o qual trabalhamos, o *Goldvarb X*, é uma das novas versões do pacote *Varbrul* (SANKOFF; TAGLIAMONTE, 2005). Guy e Zilles (2007, p. 149) lembram que, a cada um dos programas da versão de 1988, correspondem janelas nas novas versões do programa⁶¹.

Guy e Zilles (2007, p. 165) resumem os aspectos relevantes do programa *Varbrul*:

[...] eles trabalham com níveis diversos de análises, efetuando comparações sucessivas e progressivas entre as variáveis independentes e projetando pesos relativos para os seus respectivos fatores. Este método, denominado *step up*, inicia-

⁵⁸ Modelo multiplicativo de aplicação e não aplicação (GUY; ZILLES, 2007, p. 169).

⁵⁹ O modelo proposto por Labov trabalhava com o somatório dos fatores contextuais, o que quer dizer que essa soma poderia ser superior a 100% ou inferior a 0%, produzindo, assim, um resultado não condizente com a realidade.

⁶⁰ Por sua vez, o modelo proposto por Henriquetta Cadergren e David Sankoff, substitui frequência por probabilidade.

⁶¹ Como o *Goldvarb 2001* e o *Goldvarb X*.

se no nível zero, com a projeção do *input*, efetua no nível 1 a comparação de cada uma das variáveis com a média global corrigida ou *input*; e trabalha sucessivamente até que as variáveis independentes adicionadas não sejam mais selecionadas, isto é, não tenham mais relevância estatística. (GUY; ZILLES, 2007, p. 165)

O nível de significância adotado pelo *Varbrul*⁶² é de 0,5. Primeiramente, o programa seleciona as variáveis significativas, ou seja, aquelas que rejeitam a hipótese nula e que mostram que a variação existente nos dados não é aleatória. O passo seguinte é o oposto. O método denominado *step down* se dá pela atribuição:

[...] de pesos relativos a todos os fatores de todas as variáveis independentes num só nível de análise. A seguir, com retiradas sucessivas e alternadas de cada uma das variáveis independentes, verifica-se se todas as variáveis efetivamente selecionadas não são eliminadas, se todas as variáveis são selecionadas não são também eliminadas e se há variáveis que não são nem selecionadas, nem eliminadas (GUY; ZILLES, 2007, p. 165).

O “produto final” apresentado pelo programa estatístico, ou seja, os pesos relativos, ao contrário do que pode parecer, não é o final da análise, mas sim, seu começo. Ciente dos resultados numéricos, o pesquisador saberá quais grupos de fatores são significativos na pesquisa e quais não são e poderá, a partir disso, começar verdadeiramente seu trabalho. Como argumenta Naro (2010, p. 25): “O progresso da ciência linguística não está nos números em si, mas no que a análise dos números pode trazer para nosso entendimento das línguas humanas”.

⁶² Lembramos que o mesmo vale para as novas versões do programa, como o *Goldvarb X*.

5 ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo, dedicado à análise dos dados, apresentaremos os resultados de nossa busca por descobrir quais são os fatores – quer linguísticos, quer extralinguísticos – que condicionam o uso de cada uma das variantes com as quais trabalhamos, a saber: futuro do presente sintético, perífrase (IR + infinitivo) e presente com valor de futuro. Trabalhamos os dados, já devidamente codificados, submetendo-os ao programa computacional estatístico *Goldvarb*, que realizou cálculos de frequência, apresentou os pesos relativos e identificou a ordem de significância de cada um dos grupos de fatores, servindo, assim, de alicerce para nossa interpretação, à luz do Sociofuncionalismo.

Como veremos mais adiante, realizamos três rodadas no *Goldvarb*, cada uma adotando uma das variantes como valor de aplicação. Dito isso, dividiremos este capítulo em três grandes seções, uma para cada rodada. Dentro delas, apresentaremos os resultados referentes a cada um dos grupos de fatores, apresentando-os pela ordem em que foram selecionados pelo programa e, por fim, pela ordem em que foram descartados⁶³: ‘*step-up*’ e ‘*step down*’, respectivamente (GUY; ZILLES, 2007, p. 164). Dentro da apresentação de cada grupo, procederemos à caracterização e exemplificação de seus fatores, seguida da descrição e análise dos resultados. Em todos os casos, buscamos correlacionar os números às nossas hipóteses e analisar os resultados a partir ao princípio funcionalista da marcação.

Para a coleta de dados, selecionamos e analisamos exemplares dos três jornais que, hodiernamente, compõem a mídia cearense impressa, são eles: *Diário do Nordeste*, *O Povo* e *O Estado CE*; além do jornal *Aqui CE*, que saiu de circulação, mas também foi considerado. Coletamos dez exemplares de cada periódico, referentes às duas primeiras semanas de janeiro de 2014, excetuando-se o dia 1o de janeiro, que não apresentou circulação de nenhum dos jornais, e os finais de semana, pois o jornal *Aqui CE* não apresenta circulação aos domingos e o jornal *O Estado*, nem aos sábados, nem aos domingos.

Nos quarenta periódicos coletados, encontramos 2.184 dados, dos quais, 1181 apresentados sob a forma de futuro do presente sintético (06), 706 de presente (07) e 297 de perífrase (08). Os exemplos que seguem ilustram a apresentação das dessas variantes:

(06) Respaldaado pela expressiva votação que o consagrou na eleição de 2010, o deputado federal

⁶³ Isso justifica porque a apresentação dos grupos não está dividida entre grupos linguísticos (formais e discursivos) e grupos extralinguísticos.

Edson Silva já está decidido de que DISPUTARÁ a reeleição no pleito deste ano. (Diário do Nordeste, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Política).

(07) O Ferroviário ESTREIA no Estadual 2014 no domingo, 5, contra o Crato, na Arena Castelão, às 17 horas. (Aqui CE, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Esporte).

(08) As declarações de Guimarães surgem no contexto de forte expectativa sobre as negociações e acordos para a disputa de 2014 no Ceará. O panorama é dos mais complexos: Eunício quer ser candidato ao Governo na aliança entre PT, PMDB e Pros. Mas Cid, protagonista do grupo, ainda não se manifestou sobre quem IRÁ DEFENDER para a sucessão. Em outra frente, o PCdoB avisou que VAI BRIGAR para se manter com a vaga no Senado, posto que, agora, o PT também quer ocupar. (O Povo, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Política).

A tabela abaixo esquematiza a aplicação e a porcentagem de cada uma das variantes, em cada um dos jornais, bem como nosso total de dados.

Tabela 01 – Número de dados das variantes futuro do presente, presente e perífrase

	Futuro	Presente	Perífrase	Total
Diário do Nordeste	308	133	65	506
O Estado	403	237	89	729
O Povo	284	139	70	493
Aqui CE	186	197	73	456
Total	1181	706	297	2184

Fonte: própria.

As quantidades de dados de presente (706) e de perífrase (297) nos jornais corroboram nossa hipótese de que, no Ceará, essas formas já atingem contextos mais formais, como os textos do jornal impresso. Quanto à aceitação dessas formas, podemos afirmar que eles não sofrem estigma, uma vez que são bastante usadas, em todos os jornais e em todas as editorias. Contudo, afirmar que as formas inovadoras gozam de prestígio parece-nos

precitado. Isso porque, apesar dessa inclusão, a ocorrência da forma conservadora futuro do presente sintético (1181) ainda é maior do que o somatório do uso das formas de presente e de perífrase (1003 dados, somados), o que parece revelar um entendimento de que aquela forma seja mais adequada do que estas. Há, ao nosso ver, uma considerável aceitação das formas novas, contudo, não há equidade de aceitação entre todas as variantes, mas sim, um entendimento de que uma forma é mais adequada do que as outras.⁶⁴

Du Bois e Votre (2012, p. 49), ao falarem sobre os princípios marcação e iconicidade, da Linguística Funcional, defendem que “ambos os princípios têm-se mostrado sólidos e relevantes na descrição de fenômenos de natureza morfossintática, e precisam ser testados empiricamente em termos de sua validade e adequação para a análise de procedimentos de natureza discursiva”. Essa análise contempla nosso desejo por descobrir se, no texto jornalístico, estruturas mais marcadas cognitivamente são, também, mais marcadas discursivamente, ou se há certo equilíbrio discursivo-funcional. Também por esse motivo, nosso foco recai sobre o princípio da marcação e seus subprincípios. Primeiramente, buscaremos aplicar os subprincípios da marcação – complexidade estrutural, distribuição da frequência e complexidade cognitiva – às variantes com as quais trabalhamos. De acordo com o subprincípio da complexidade estrutural, o elemento mais marcado costuma ser mais elaborado e longo do que um elemento não marcado. Desse modo, a perífrase parece-nos mais marcada, uma vez que apresenta maior quantidade de informação, mais massa fônica e maior massa estrutural.

Algumas construções são “obviamente” mais complexas, Em geral, pode-se postular que a extensão de uma construção se supõe correlativa a sua complexidade (embora não automaticamente). Portanto, o encaixamento de uma proposição em outra obviamente aumenta a extensão média da construção como um todo. O número de verbos por proposição é também uma medida aproximada de complexidade, já que, em geral, uma proposição é agrupada em torno do verbo. (GIVÓN, 2011, p. 116).

A estrutura marcada tende a ser mais complexa cognitivamente, nesse sentido, a perífrase, que apresenta estrutura maior, também seria a variante mais marcada. Há, no

⁶⁴ Testes de atitude linguística nos quais os usuários da língua pudessem analisar o uso das formas perifrástica IR + infinitivo e presente na expressão de futuro nos mais variados contextos (fala, escrita, gêneros textuais mais e menos formais em cada uma dessas modalidades da língua, por exemplo) nos dariam subsídios para afirmar que essas formas são, realmente, bem aceitas e não estigmatizadas. Por ora, argumentamos que o emprego dessas formas em textos jornalísticos escritos já podem ser tomados como evidência do seu grau de aceitação nesse tipo de texto.

entanto, pormenores mais complexos para a definição desse subprincípio, que “prevê que um elemento mais marcado é mais complexo/difícil de processar, no sentido de exigir mais memória, mais atenção e mais tempo de processamento” (DU BOIS E VOTRE, 2012, p. 59). Então, nesse sentido, o presente se mostra mais complexo, uma vez que demanda mais atenção e maior esforço cognitivo para ser interpretado com valor de futuro. O futuro sintético, por outro lado, já traz consigo a marca morfológica que indica futuridade, exigindo, portanto, menos esforço cognitivo para ser entendido.

Por fim, temos que, de acordo com a distribuição de frequência, uma estrutura marcada tende a aparecer com menor frequência no discurso. Nossos dados mostram, nesse sentido, que as formas mais marcadas são perífrase e presente, pois o futuro está com percentual muito alto, de modo que, em termos de frequência, as outras têm menos espaço. Como argumentam Du Bois e Votre (2012, p. 59), “em termos mais imediatos, esse subprincípio subentende que, à medida que uma expressão se torna familiar pelo aumento da frequência de sua ocorrência, essa expressão passa a ser interpretada como não marcada, não digna de nota e atenção peculiares”.

Sumarizando o que foi dito, temos que o futuro do presente é menos marcado do que a perífrase e o presente, uma vez que é mais frequente e menos complexo estrutural e cognitivamente. É estruturalmente menos complexo por ser uma forma sintética e, de modo geral, com menor quantidade de informação e massa fônica; e é cognitivamente menos complexo por ser “tipicamente identificado como a forma *default* que transmite significado primário de futuro” (MALVAR; POPLACK, 2008), ou seja, é mais fácil de ser interpretado como futuro. Além disso, é a forma mais corrente nos textos jornalísticos, não demandando, assim, atenção diferenciada do leitor.

A perífrase, por sua vez, é a variante mais marcada dentro do contexto dos textos jornalísticos, pois é a forma estruturalmente maior (complexidade estrutural), e menos frequente (distribuição de frequência). O somatório dessas duas características torna a perífrase uma forma mais marcada também cognitivamente, já que, por ser uma estrutura mais longa, é também mais complexa e, por ser menos comum no texto jornalístico, é provável que exija mais esforço de processamento e demande mais atenção por parte do leitor.

Listando as variantes de acordo com a marcação, teríamos o futuro sintético como forma menos marcada, o presente como forma mais marcada e, entre elas, a perífrase, que se apresenta como uma forma mais marcada do que o futuro, mas menos marcada em relação ao presente. Assim, de acordo com a distribuição de frequência, o presente é mais marcado, pois é menos frequente, é mais complexo estruturalmente, uma vez que costuma vir acompanhado

de advérbios e é mais complexo cognitivamente, pois necessita de pistas – semânticas e/ou pragmáticas – para que possa ser interpretado com valor de futuro.

Se o futuro é a forma menos marcada, então, o esperado seria que ele fosse a forma mais frequente. A oralidade contraria isso, o jornalismo, não. Apesar de o futuro do presente sintético estar caindo em desuso na oralidade (NUNES (2003) e GIBBON (2000) atestam isso), no texto jornalístico, como a tabela acima mostrou, ele ainda é a forma mais frequente.

Ao explanar sobre marcação discursiva e complexidade sintática, Givón (2011, p. 114) afirma que “*uma construção será considerada sintaticamente mais complexa se ela se afasta da rotina da estratégia de processamento de fala estabelecida pela norma, ou seja, o padrão neutro*”⁶⁵. Trouxemos esse argumento pois recorreremos a ele sempre que precisarmos reforçar que a marcação depende do contexto. Isso parece confirmar nossa ideia de que, no texto jornalístico, o futuro é menos marcado, porque, por ser a forma corrente, atrai menos a atenção do leitor do que as formas inovadoras.

Seguiremos aplicando o princípio da marcação na descrição e análise dos resultados. Também analisaremos se as variantes mais marcadas são usadas com os fatores mais marcados e se as variantes menos marcadas são usadas com os fatores menos marcados, como é esperado, segundo a ideia givoniana de que marcas levam a marcas.

5.1 Descrição dos resultados

Realizamos três rodadas no *Goldvarb*, a primeira, com o futuro do presente sintético como valor de aplicação, a segunda com o presente com valor de futuro e a terceira com a perífrase, conforme esmiuçaremos nas subseções subsequentes.

5.1.1 Futuro como valor de aplicação

Conforme dissemos, na primeira rodada do programa *Goldvarb* adotamos o futuro do presente sintético como valor de aplicação. Para esta rodada, o programa selecionou, nesta ordem, os grupos de fatores *tipo de verbo*, *extensão do vocábulo*, *editoria*, *jornal*, *origem*, *distanciamento temporal* e *pessoa do discurso* como condicionadores do futuro e descartou, nesta ordem, os grupos *marca de futuridade* e *polaridade*. A seguir, procederemos à

⁶⁵ Itálico do autor.

caracterização e exemplificação de cada um dos grupos de fatores, apresentaremos os resultados apontados pelo programa estatístico e os correlacionaremos com as hipóteses que levantamos.

5.1.1.1 Tipo de verbo

Adotamos para este grupo a tipologia proposta por Vendler (1967), a qual divide os verbos em: *atividade*, *accomplishment*, *achievement* e *estado*. Pensamos em acrescentar à proposta de Vendler verbos *dicendi*, pois verbos como *dizer*, *afirmar*, *exclamar* e *responder* configuram a base do texto jornalístico, que trabalha com o uso de citações. Entretanto, durante a análise de dados, constatamos que, apesar de realmente serem muito comuns nos textos jornalísticos, os verbos do tipo *dicendi* quase sempre aparecem codificando o presente ou o passado. Tomando como exemplo o verbo *dizer*, temos, no nosso *corpus*, apenas quatro dados codificando o futuro, em dois deles, sob a forma de futuro do presente (09 e 10) e em dois sob a forma de perífrase (11 e 12).

(09) Quem não se lembra da Barbie, aquela boneca loura dos olhos azuis que era a alegria das crianças de até dez anos de idade? Dificilmente alguém DIRÁ que não sabe quem é ou que não se deparou com ela em algum momento da vida. Criada em 1959 por Ruth Handler e Eliot Handler, a Barbie de hoje e de ontem foi inspirada na filha do casal que mesmo pré-adolescente continuava brincando com bonecas. Como os dois eram donos de uma fábrica de brinquedo, inventaram a Barbie, que foi lançada na Feira Anual de Brinquedos de Nova York, em março de 1959. (O Estado, edição de 09 de janeiro de 2014, editoria de Entretenimento).

(10) De olho na bola que rolava no Alcides Santos -Fortaleza x Icasa-, o torcedor tricolor não desgrudava o rádio do ouvido, ávido por saber os efeitos das mudanças anunciadas gongoricamente pelo presidente Osmar Baquit. O que lhe interessava era saber se tais mudanças seriam pra pior ou melhor. O tempo DIRÁ. (O Povo, edição de 15 de janeiro de 2014, editoria de Esporte).

(11) Costumo dizer que os governos duram quatro ou, às vezes, oito anos. Já os jornais e os jornalistas estarão sempre por aí. Os historiadores idem. Os pesquisadores e acadêmicos, também. Sempre ancorados na realidade, são estes que VÃO DIZER quem foi o que para as gerações futuras. Ainda bem. (O Povo, edição de 08 de janeiro de 2014, editoria de Política).

(12) O jornalista Nilton Almeida, ex-presidente do sindicato da categoria e ex-secretário de Cultura, foi designado pelo presidente do BNB, Ary Joel Lanzarin, como assessor de imprensa da instituição. Detalhe: ele é funcionário do banco há mais de 25 anos. Nilton, que durante sua trajetória soube cultivar muitos

amigos, teve o nome super bem recebido. – VÃO DIZER que estou puxando saco... – (O Povo, edição de 13 de janeiro de 2014, editoria de Política).

Como se pode ver, em todos os casos, o verbo *dizer* é usado de maneira impessoal, e não ligado à citação de uma pessoa, como é prototípico do texto jornalístico, até porque, em poucos casos seria possível afirmar categoricamente que *alguém dirá/vai dizer algo*. Além de serem poucos os exemplos desse tipo, há, nos quatro casos, contexto de restrição, pois o uso do presente do indicativo parece afastar o valor de futuro das asserções. Cientes disso, mantivemos, como fatores do grupo *tipo de Verbo*, apenas aqueles propostos por Vendler. Diante disso, passaremos, então, para a caracterização dos fatores que compõem este grupo.

De acordo com a tipologia vendleriana, os verbos dinâmicos podem ser do tipo *accomplishment*, *atividade* ou *achievement*. Eventos do tipo *accomplishment* são, além de mais dinâmicos, mais durativos e mais télicos. Durativos⁶⁶, por precisarem de mais do que “um átomo de tempo” para se realizarem, e télicos, por exigirem um fim natural para serem consideradas verdadeiros, por exemplo:

(13) Em cerimônia prestigiada por autoridades dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, o promotor de Justiça Ricardo Machado foi reconduzido, na noite de ontem, ao cargo de procurador geral de Justiça do Estado. A posse ocorreu na sede da Procuradoria Geral de Justiça -PGJ-, em Fortaleza. Ele VAI COMANDAR o Ministério Público Estadual -MPE- no biênio 2014/2015⁶⁷. (Diário do Nordeste, edição de 07 de janeiro de 2014, editoria de Política).

Como podemos ver, a ação de comandar o Ministério Público Estadual não é pontual, uma vez que acontecerá ao longo de dois anos. Entretanto, apesar do longo período, há um limite de atuação, um clímax, que é o final do ano de 2015, de modo que, ao término de 2015, será verdadeiro dizer que o promotor de Justiça Ricardo Machado comandou o Ministério Público Estadual (MPE) no biênio 2014/2015. Antes disso, a asserção não será verdadeira, assim como também não será considerada uma situação do tipo *accomplishment* se for interrompida antes do término de 2015. Na definição de Vendler, *accomplishments* são

⁶⁶ Usamos como recurso didático para a apresentação da tipologia de Vendler a caracterização a partir dos traços semânticos dinamicidade, duratividade e telicidade. Esse recurso é utilizado em Ilari e Basso (2004).

⁶⁷ Destaques nossos.

verbos que podem ser descritos de acordo com o seguinte esquema: “*A estava desenhando um círculo em um tempo t* significa que *t* é a extensão de tempo em que *A* desenhou o círculo”⁶⁸ (VENDLER, 1967, p. 106). Encaixando o exemplo acima no esquema, podemos dizer que o biênio 2014/2015 foi a extensão de tempo em que o promotor comandou (no caso, comandará) o MPE. O exemplo também é apropriado para caracterizarmos o tipo de adjunto que pode acompanhar esse tipo de verbo. Como necessitam de um final, *accomplishments* são compatíveis com adjuntos do tipo “*em X tempo*” (como “em uma hora”), que definem o tempo completo em que a ação ocorreu/ocorrerá.

Verbos do tipo *atividade* compartilham com *accomplishments* os traços de dinamicidade e duratividade, mas diferem destes por serem eventos atéticos, ou seja, não têm um ponto final definido, como em:

(14) Parece que o dentuço bom de bola, Ronaldinho Gaúcho, VAI JOGAR⁶⁹ no futebol turco. A torcida do Atlético-MG sentirá falta do cara? Talvez não, mas as amiguinhas dele – que são muitas, vão, com certeza. O colunista Léo Dias divulgou várias fotos do “harém” do jogador. Nas festinhas pra lá de badaladas, com cerveja no meio da canela, Ronaldinho abocanha geral. Fazer o quê, né? O cara é go\$to\$o. (Aqui CE, edição de 08 de janeiro de 2014, editoria de Entretenimento).

No exemplo acima, o verbo jogar é [+ dinâmico] porque exprime uma ação, é [+ durativo] porque essa ação não ocorre em um único instante temporal e é [- télico] por não exigir um fim natural. Ou seja, caso Ronaldinho Gaúcho comece a jogar no futebol turco e, após um ano, por exemplo, volte para o Atlético-MG, ainda assim, será verdade dizer que ele jogou no futebol turco. O esquema proposto por Vendler para este tipo de verbo é o seguinte: “*A estava correndo em um tempo t* significa que o instante de tempo *t* é uma extensão de tempo em que *A* estava correndo”⁷⁰ (VENDLER, 1967, p. 106). Sendo assim, a afirmação independe de um clímax para ser considerada verdadeira, é incompatível com locuções adverbiais do tipo “em uma hora” e co-ocorrem adjuntos do tipo “*por X tempo*” (como “por uma hora”), por não fazerem alusão ao término da ação, mas, tão somente, à sua duração.

⁶⁸ Tradução livre de TORRES (2009) para: “*A was drawing a circle at t* means that *t* is on the stretch in which *A* drew that circle”.

⁶⁹ Destaque nosso.

⁷⁰ Tradução livre de Torres (2009) para: “*A was running at time* means that time instant *t* is on a time stretch throughout which *A* was running”.

Se, por um lado, a telicidade difere *atividades* e *accomplishments*, por outro, esse traço semântico aproxima estes dos *achievements*. Verbos do tipo *achievement* também compartilham com os *accomplishments* do traço [+ dinâmico], o que os difere é o traço [+ - durativo]. Como dissemos, *accomplishments* correspondem a eventos [+ durativos]. Os *achievements*, por sua vez, são verbos [- durativos], pois correspondem a eventos pontuais, que ocorrem “em um único átomo de tempo”, como no exemplo abaixo:

(15) O mês de janeiro VAI COMEÇAR trazendo a Fortaleza pela segunda vez, dois anos depois, o maior nome da música eletrônica mundial: David Guetta, um dos melhores DJ’s do planeta RETORNA ao Brasil para uma Summer Tour. A turnê DESEMBARCA hoje na capital cearense, no Centro de Eventos do Ceará, com ingressos praticamente esgotados. Até o fechamento desta matéria -segunda, 6 de janeiro, às 15 horas- alguns setores já não ofereciam vendas. (O Estado, edição de 07 de janeiro de 2014, editoria de Entretenimento).

Para *achievements*, Vendler propõe o seguinte esquema: “A ganhou uma corrida entre t_1 e t_2 significa que o instante de tempo em que A ganhou a corrida está entre t_1 e t_2 ”⁷¹ (VENDLER, 1967, p. 106). Usando o exemplo acima, temos o *começo*, o *retorno* e o *desembarque* como eventos pontuais, que ocorrem em um único instante temporal. Vale lembrar que, mesmo que *começo* pressuponha uma continuidade da ação e que *retorno* e *desembarque* pressuponham a existência de uma ação anterior, ainda assim, o *começo*, o *retorno* e o *desembarque* são pontuais.

Esse tipo de verbo também pode co-ocorrer com advérbios do tipo “em X tempo”, entretanto,

Diferentemente do que acontece com *accomplishments*, adjuntos do tipo “em X tempo” com *achievements* referem-se a uma fase preparatória associada pragmaticamente ao evento em questão. Assim, em (17) [Paulo resolveu o problema em vinte minutos], o que levou vinte minutos foi toda a “maquinação” de Paulo em cima do problema, avaliando quais seriam as possíveis soluções, testando-as etc, a resolução propriamente dita não leva tempo. De fato, um advérbio que vete a agentividade do sujeito e, por consequência, seu envolvimento em uma fase preparatória de um evento torna o *achievement* incompatível com “em X tempo”, como em (20) [(?) João achou o quadro acidentalmente em vinte minutos]. (ILARI; BASSO, 2004, p.3).

⁷¹ Tradução livre de Torres (2009) para: “A won a race between t_1 and t_2 means that the time instant at which A won that race is between t_1 and t_2 ”.

Além dos verbos dinâmicos, Vendler também trabalha com verbos estáticos, que denotam eventualidades que se mantêm inalteradas ao longo do tempo. O autor propõe o seguinte esquema para esse tipo verbal: “*A amou alguém de t1 a t2* significa que em algum instante entre *t1 e t2* *A* amou essa pessoa”⁷² (VENDLER, 1967, p. 106).

(16) O petista ressaltou que tentou apresentar uma emenda ao projeto do Executivo com a intenção de corrigir o ponto criticado por ele, mas não conseguiu assinaturas suficientes. “Nós precisávamos de 14 assinaturas, mas a oposição só é composta por sete vereadores”, destacou. Para 2014, a meta SERÁ⁷³ a revisão do regimento interno da Câmara. (Diário do Nordeste, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Política).

Aplicando o esquema de Vendler ao exemplo acima, podemos dizer que, em todos os momentos de 2014, *é/será* verdade que a meta para o ano será a revisão do regimento interno da Câmara, pois este é um evento que não se modifica, no sentido de que não se desenrola no tempo. Com isso, podemos dizer que verbos do tipo *estado* são [- dinâmico], [+ durativo] e [- télico].

O quadro abaixo sintetiza os traços/matizes semânticos que utilizamos como recurso para apresentarmos a tipologia de Vendler:

Quadro 01 – Traços semânticos do grupo de fatores tipo de verbo

Fatores	Dinamicidade	Duratividade	Telicidade
Accomplishment	[+ dinâmico]	[+ durativo]	[+ télico]
Estado	[- dinâmico]	[+ durativo]	[- télico]
Atividade	[+ dinâmico]	[+ durativo]	[- télico]
Achievement	[+ dinâmico]	[- durativo]	[+ télico]

Fonte: própria.

⁷² Tradução livre de Torres (2009) para: “*A loved somebody from t1 and t2* means that at *any* instant between *t1* and *t2* *A* loved that person”.

⁷³ Destaque nosso.

Apresentaremos, a seguir, a caracterização específica dos fatores do grupo tipo de verbo tendo o futuro como valor de aplicação. O grupo *tipo de verbo* foi selecionado como mais relevante nas três rodadas realizadas. O grupo está dividido em quatro fatores – *atividade, accomplishment, achievement e estado* –, que podem ser exemplificados da seguinte maneira:

a) Atividade

(17) Temor? - O Painel, da Folha, traz uma notícia um tanto esquisita: os senadores Eunício Oliveira (CE) e Eduardo Braga -AM- estariam tentando junto ao presidente do Senado, Renan Calheiros, a garantia de que um deles PRESIDIRÁ o Senado, se perder a eleição para o governo do Estado. (O Estado, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Política).

b) Accomplishment

(18) Quando aceitou liberar o técnico Carlo Ancelotti para o Real Madrid, o dono do Paris Saint-Germain, Nasser Al-Ghanim Khelaifi, exigiu como contrapartida um amistoso no seu país natal, o Catar. E a dívida SERÁ paga nesta quinta-feira, 2, quando dois dos mais caros elencos do mundo se ENFRENTARÃO em Doha. (Aqui CE, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Esporte).

c) Achievement

(19) Em meio às naturais especulações com vistas às eleições deste ano, até porque a disputa envolve a sucessão do governador Cid Ferreira Gomes, não surpreende que o nome do atual prefeito de Fortaleza, Roberto Cláudio, não deixa de ser admitido como uma das opções do seu partido. Só que sempre que provocado neste sentido tem dito e repetido que o seu compromisso é com o povo de Fortaleza que o elegeu e consciente dessa responsabilidade para com a cidade e o seu povo, vai concluir os quatro anos de sua administração. E certo de que, por sua liderança, o governador Cid ESCOLHERÁ a quem sabe estar preparado para continuar o seu trabalho como governador. (O estado, edição de 03 de janeiro de 2014, editoria de Política).

d) Estado

(20) Sem uma política econômica que estabeleça uma média entre esses dois níveis, o Brasil PERMANECERÁ, por muito tempo, na condição de país rico pobre. (O Estado, edição de 03 de janeiro de 2014, editoria de Política).

A tabela abaixo apresenta os resultados referentes ao tipo de verbo no uso do futuro do presente sintético:

Tabela 02 – Uso do futuro *versus* perífrase e presente de acordo com tipo de verbo

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
Accomplishment	228 / 509	44.8	0.335
Estado	704 / 878	80.2	0.829
Atividade	150 / 379	39.6	0.305
Achievement	92 / 407	22.6	0.144

Fonte: própria.

Pela nossa hipótese, baseada em Bragança (2008, p.123), acreditávamos que a forma nova atingiria primeiramente os verbos que denotam ação/atividade, passando pelos verbos de processo até atingir os de estado. Com isso, podemos inferir que verbos de estado seriam mais resistentes à forma nova e co-ocorreriam mais frequentemente com a forma conservadora. Nossa hipótese foi confirmada, uma vez que verbos de *estado* condicionam fortemente o futuro sintético e os verbos tipo *accomplishment*, *atividade* e *achievement* o desfavorecem.

De acordo com o subprincípio da distribuição de frequência, elementos mais frequentes são menos salientes e, por isso mesmo, menos marcados. Assim, verbos dinâmicos são entendidos como menos marcados, uma vez que estão mais inseridos no uso linguístico cotidiano. Verbos estáticos, por sua vez, são entendidos como mais marcados, pois, por serem menos frequentes, tendem a chamar mais atenção.

Pelo princípio da marcação, o esperado é que o futuro, que é a variante dependente menos marcada, seja acompanhado por formas menos marcadas. No caso da tipologia verbal, o esperado seria maior incidência de verbos dinâmicos. Nossos resultados apontam dois caminhos possíveis. Por um lado, temos que o tipo de verbo que apresenta maior frequência e peso relativo é *estado* (respectivamente 80.2 e 0.829), o que iria de encontro à proposta de que a forma menos marcada no texto jornalístico (futuro) ocorreria em contextos menos marcados. Por outro lado, apesar de verbos de *estado* apresentarem maior

percentual e peso relativo, o somatório dos resultados referentes a verbos dinâmicos – *accomplishment*, *atividade* e *achievement* – nos oferece números mais robustos. Essa segunda leitura responde satisfatoriamente à proposta de Givón.

Resta à primeira interpretação uma lacuna: por que a forma menos marcada (futuro) não está acoplada às formas menos marcadas (verbos dinâmicos), como era esperado segundo o princípio da marcação? Uma resposta possível é que a marcação pode atuar em prol de um equilíbrio cognitivo contextual, segundo o qual, formas mais marcadas tendem a ocorrer em contextos menos marcados. E as formas menos marcadas, em contextos mais marcados. Isso garante um equilíbrio que resulta em um contexto nem totalmente marcado, nem totalmente não marcado. Esse raciocínio pode ser encontrado em Du Bois e Votre (2012), que propõem a redefinição e repostulação dos princípios de marcação e iconicidade e formulam dois novos princípios, de expressividade e de modularidade⁷⁴, que devem atuar, ao lado dos princípios propostos por Givón, como polos opostos de um *continuum*, “no sentido de que [...] nenhum fenômeno discursivo possa se explicar com a utilização de apenas um princípio. Por exemplo, o princípio da marcação será pertinente para certos procedimentos de marcação, enquanto o princípio da expressividade explicará outros” (DU BOIS; VOTRE, 2012, p. 68).

5.1.1.2 Extensão do vocábulo

A extensão do vocábulo foi o segundo grupo selecionado como mais relevante nesta rodada. O grupo está dividido em três fatores: *verbos com uma sílaba*⁷⁵, *verbos com duas sílabas* e *verbos com três ou mais sílabas*. No caso do *futuro*, no entanto, não há nenhum exemplo de verbo com uma sílaba. Deste modo, só exemplificaremos os fatores restantes, no caso:

a) Verbo com duas sílabas:

(21) A revista IstoÉ desta semana publica informação de que o governador Cid poderia apoiar a candidatura de Tasso Jereissati ao Senado. Essa hipótese está descartada. O candidato de Cid ao Senado é o

⁷⁴ Explicaremos melhor o princípio da expressividade no decorrer da análise. Du Bois e Votre (2012) propõem os pares de princípios marcação + expressividade e iconicidade + modularidade).

⁷⁵ No caso da perífrase, consideramos apenas o verbo no infinitivo que acompanha o verbo IR.

petista José Guimarães. E Tasso, se for candidato a senador, SERÁ numa chapa de oposição ao Governo Cid. (Aqui CE, edição de 13 de janeiro de 2014, editoria de Política).

b) Verbo com três ou mais sílabas:

(22) Muitos temas serão destaque neste ano que está começando, mas dois ocuparão espaços especiais: a Copa do Mundo e as eleições. O êxito da Canarinho RENDERÁ frutos ao governo? Pode ser. Se ganhar a Copa, logo a imagem do time vitorioso será associada à política dominante. Mas ainda assim há algumas ponderações. A Copa, com os holofotes internacionais, também PODERÁ ser campo fértil para a oposição promover protestos. Essa disputa fora dos campos EXIGIRÁ perspicácia porque faca de dois gumes. (Diário do Nordeste, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Esporte).

(23) Quando o assunto é novela, destaque para “Em Família”. No folhetim de Manoel Carlos, próxima novela do horário nobre da Globo, que ESTREIA em fevereiro, após o término de “Amor à Vida”, quem deve chamar atenção é Bruna Marquezine. Na trama, a atriz de 18 anos INTERPRETARÁ duas personagens. A protagonista Helena, quando jovem, e a filha da heroína -Júlia Lemmertz- no decorrer da história, quando o enredo avança alguns anos. (Diário do Nordeste, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Política).

A tabela abaixo apresenta os resultados referentes à extensão do vocábulo no uso do futuro do presente sintético:

Tabela 03 – Uso do futuro *versus* perífrase e presente de acordo com extensão do vocábulo

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
Verbo com três ou mais sílabas	582 / 1086	53.6	0.550
Verbo com duas sílabas	599 / 917	65.3	0.441

Fonte: própria.

Baseando-nos em Santos (1997), acreditávamos que, quanto mais sílabas o verbo tivesse, maior seria a possibilidade de *perífrase* ou do *presente do indicativo*, pois o *futuro do presente* acrescentaria uma nova sílaba ao verbo, tornando-o maior e *mais “pesado” ao ritmo da língua portuguesa*. Nossos resultados contrariam a hipótese, já que verbos mais extensos (com três ou mais sílabas) condicionam o tempo futuro. Além disso, apesar de apresentarem

pesos relativos bastante próximos, verbos com três ou mais sílabas favoreceram, mesmo que sutilmente, o uso do futuro do presente, ao passo que verbos com duas sílabas desfavoreceram, mesmo que levemente, o uso dessa variante.

Segundo o que prevê o princípio da marcação, por ser uma variante menos marcada, o futuro deveria acoplar-se a verbos menores, no caso, com duas sílabas, pois verbos maiores tendem a ser mais marcados. Verbos maiores costumam ser considerados mais complexos estruturalmente, e estruturas maiores tendem a exigir maior complexidade cognitiva⁷⁶, com isso, os subprincípios da complexidade estrutural e da complexidade cognitiva apontariam verbos maiores como mais marcados. O critério da distribuição de frequência mostra o mesmo. Os valores percentuais atestam que os verbos maiores são menos frequentes (53.6 contra 65.3 dos verbos com duas sílabas), logo, são mais marcados. Assim, se o futuro é menos marcado dentro do contexto jornalístico, ele deveria aparecer ligado a verbos menores, que são menos marcados, mas ele aparece com verbos maiores. Como dissemos anteriormente, mesmo com pesos relativos (PR) semelhantes, *verbos com três sílabas ou mais* (PR. 0.550) favorecem o uso do futuro, ao passo que *verbos com duas sílabas* (PR 0.441) desfavorecem.

Novamente, recorremos a Du Bois e Votre (2012) para explicarmos por que a forma menos marcada apareceu acoplada ao contexto mais marcado.

É preciso repensar o princípio de marcação, também, no que concerne à complexidade cognitiva, no sentido de que não é qualquer aumento de cadeia que vai implicar naturalmente um aumento das tarefas de decodificação. Por exemplo, não há a menor garantia de que [no caso da enumeração] o aumento de marcadores e de repetições corresponda ao aumento de processamento, pois que, ao contrário, a presença dos marcadores e de repetições torna explícita a direção da organização discursiva (DU BOIS; VOTRE, 2012, p. 61).

À essa proposta de formulação de princípio de contrabalanço ao princípio da marcação, Du Bois e Votre (2012, p. 61) chamaram de princípio de expressividade estilística. Assim, na correlação entre *futuro* e *extensão do vocábulo*, não necessariamente a maior quantidade de massa fônica e de massa estrutural dos *verbos com três ou mais sílabas* implicam mais trabalho de decodificação, pelo contrário, isso pode explicar a busca de um equilíbrio cognitivo contextual.

⁷⁶ À rigor, a complexidade cognitiva só seria satisfatoriamente aferida através de testes psicolinguísticos.

5.1.1.3 Editoria

Também acreditamos que a editoria na qual o dado está inserido poderia ter influência na escolha da variante codificadora de tempo futuro. Para isso, consideramos as editorias de *Política*, *Esporte* e *Entretenimento* e obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 04 – Uso do futuro *versus* perífrase e presente de acordo com editoria

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
Política	511 / 781	65.4	0.585
Esporte	449 / 842	53.3	0.497
Entretenimento	221 / 561	39.4	0.386

Fonte: própria.

Acreditamos que cada editoria apresenta grau de formalidade diferente, sendo *Política* a editoria mais formal e *Entretenimento*, a mais informal. Dito isso, esperávamos encontrar mais ocorrências da forma futuro do presente sintético, mais conservadora, em *Política*, seguida de *Esporte* e, por fim, de *Entretenimento*. O peso relativo atribuído pelo *Goldvarb* a cada fator deste grupo confirmou nossa hipótese. De maneira escalar, o uso foi mais frequente na editoria de *Política* (PR. 0.585), depois, em *Esporte* (PR. 0.497) e, em menor número, em *Entretenimento* (PR. 0.386). Ou seja, da editoria mais formal, para a mais informal. A quantidade de dados de futuro também avaliza nossa hipótese. *Política*, a editoria cujo conteúdo é mais formal, apresenta mais dados de futuro do presente, ao passo que *Entretenimento*, a editoria mais informal dentre as três, apresenta menos vezes a variante mais conservadora. O grupo foi o terceiro selecionado na influência do uso do futuro.

Para aplicarmos o princípio da marcação⁷⁷, temos, antes, o desafio de definirmos qual editoria é mais marcada e qual é menos marcada. O subprincípio da distribuição de

⁷⁷ Vale ressaltar que os princípios funcionalistas são mais comumente aplicados em fenômenos linguísticos. Ainda assim, empreenderemos esforço para aplicar o princípio da marcação às variantes extralinguísticas.

frequência não se aplica, uma vez que todas as três editorias fazem parte, diariamente, de todos os quatro jornais. Resta, então, tentarmos aferir a complexidade – estrutural e cognitiva – das editorias. Argumentamos que *Política* é a editoria que exige maior complexidade cognitiva e, por isso mesmo, é a mais marcada. Isso porque seu conteúdo está atrelado a fatos de maior impacto social, como a escolha e a atuação de governantes e a dinâmica dos Três Poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário). A editoria de *Entretenimento*⁷⁸, por sua vez, está mais relacionada a atividades de fruição, como programação de cinema, teatro TV *etc.* O *Esporte* parece situar-se entre as outras duas, apresentado conteúdo voltado ao lazer, sendo mais formal do que *Entretenimento*, mas menos formal do que *Política*. Por apresentar um conteúdo mais leve, a editoria de *Entretenimento* costuma usar linguagem mais informal, mais próxima da oralidade, com maior abertura a inovações, gírias *etc.* *Política*, ao contrário, é mais complexa estruturalmente, pois exige maior rigor normativo e menor abertura a inovações. Em relação à linguagem, *Esporte* também parece estar entre as outras duas. Não exige rigor normativo, como em *Política*, mas não chega a se aproximar da oralidade e do uso de gírias. Há, sim, o uso de algumas expressões mais informais típicas da linguagem esportiva. Dito isso, classificamos a editoria de *Política* como a mais marcada, seguida de *Esporte* e, por fim, de *Entretenimento*.

Pelo que prevê o princípio da marcação, como o futuro é menos marcado, o esperado seria que ele fosse mais comumente associado à editoria menos marcada, no caso, *Entretenimento*. Contudo, nossos resultados – *Política* (PR 0.585), *Esporte* (PR 0.497) e *Entretenimento* (PR 0.386) – atestam o contrário, o futuro está acoplado à editoria de *Política*. Poderíamos, diante disso, defender que, como o esperado para o texto jornalístico é a linguagem normativa, *Política* seria a editoria menos marcada, uma vez que atenderia ao esperado pelo gênero; e *Entretenimento* seria a editoria mais marcada por demandar mais atenção do leitor ao trazer inovações linguísticas para um gênero ainda conservador. Entretanto, o argumento não se sustenta, pois o leitor tem consciência de que cada editoria possui características próprias. Sendo assim, seria forçoso dizer que o leitor se surpreende ao encontrar, em *Entretenimento*, editoria sabidamente mais informal e fluída, uma linguagem também informal e leve, condizente com seu conteúdo. O que parece acontecer, neste caso, é claramente um equilíbrio cognitivo contextual, no qual a variante menos marcada, o futuro, é usada no contexto mais marcado, a editoria de *Política*. Ou dizer, simplesmente, e

⁷⁸ Lembrando que O Povo e o Diário do Nordeste possuem editorias voltadas para a cultura. Contudo, trabalhamos com as editorias que versam sobre entretenimento, lazer *etc.*

independente do princípio da marcação, que a editoria mais conservadora condiciona o uso da variante mais conservadora.

5.1.1.4 *Jornal*

O quarto grupo selecionado na primeira rodada foi *Jornal*. O grupo, composto pelos fatores *Aqui CE*, *O Estado*, *Diário do Nordeste* e *O Povo*, também foi apontado como relevante na frequência de uso do futuro do presente sintético. De acordo com nossa hipótese, as formas inovadoras deveriam apresentar maior inserção nos jornais cuja linguagem estivesse mais aberta a inovações e maior restrição nos jornais mais conservadores.

O primeiro passo foi tentarmos classificar os jornais, de acordo com o grau de formalidade de cada um, como mais conservadores ou mais inovadores. Em princípio, propusemos uma escala de formalidade na qual o *Diário do Nordeste* ocuparia o topo, como mais conservador, e o *Aqui CE*, o *sopé*, como o menos conservador e mais aberto a inovações. Entretanto, diante da dificuldade de encaixarmos, dentro da escala, os jornais *O Povo* e *O Estado*, entendemos que não dispúnhamos de critérios objetivos que alicerçassem nossa decisão. Partimos, então, para a caracterização dos jornais⁷⁹, que confirmou que o *Aqui CE* parece ser o mais informal dentre os jornais, uma vez que é, assumidamente, um jornal popular, de linguagem simples e destinado aos públicos C e D, mas que não revelou subsídios suficientes para classificarmos os outros três jornais. Fizemos, então, uma pesquisa com 48 leitores⁸⁰ de jornal impresso. Pedimos que os entrevistados enumerassem os jornais, de acordo com o grau de formalidade de cada um, encaixando-os em uma escala: do mais formal, para o menos formal (mais informal). Não especificamos os critérios para a definição de formalidade ou informalidade (como linguagem, conteúdo, *layout etc.*), pois queríamos descobrir a imagem holística que as pessoas têm de cada jornal. Abaixo, apresentamos os resultados percentuais:

⁷⁹ A caracterização foi exposta na Metodologia.

⁸⁰ Participaram da pesquisa 48 pessoas, sendo 24 mulheres e 24 homens. 28 dos entrevistados tinham até 30 anos e 20, mais de trinta. Todos tinham ensino superior completo.

Tabela 05 – Grau de formalidade dos jornais

	1° (mais formal)	2°	3°	4° (mais informal)
Diário do Nordeste	70,83%	12,5%	16,66%	0%
O Estado	25%	8,33%	58,33%	0%
O Povo	4,16%	79,16%	16,66%	0%
Aqui CE	0%	0%	0%	70,83%

Fonte: própria.

O jornal *Diário do Nordeste* foi apontado por 70,83% dos entrevistados como o mais formal, seguido do *O Povo*, com 79,16% e do *O Estado*, com 58,33% e, por fim, como mais informal, está o *Aqui CE*, com 70,83%. Vale destacar que 29,17% dos entrevistados não conheciam o jornal *Aqui CE* e, por isso, decidiram não opinar sobre ele. Contudo, 100% das pessoas que o conheciam (que correspondem a 70,83% dos entrevistados) classificaram-no como o mais informal dentro da escala. Assim, de acordo com a pesquisa, o futuro do presente deveria apresentar maior peso relativo no *Diário do Nordeste*, seguido do *O Povo*, *O Estado* e *Aqui CE*. Os resultados obtidos para o uso do futuro *versus* perífrase e presente de acordo com o grupo *Jornal* foram os seguintes:

Tabela 06 – Uso do futuro *versus* perífrase e presente de acordo com jornal

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
Diário do Nordeste	308 / 506	60.9	0.619
O Estado	403 / 729	55.3	0.519
O Povo	284 / 493	57.6	0.528
Aqui CE	186 / 456	54.1	0.314

Fonte: própria.

Nossa hipótese foi confirmada se levarmos em consideração apenas os percentuais, ou seja, a frequência de uso. Nos jornais em que os traços de conservadorismo e inovação se mostram mais latentes, nossa expectativa, baseada na pesquisa, foi alcançada: o *Diário do Nordeste*, jornal cujo apego à tradição se mostra mais evidente, apresenta maior predisposição ao uso do futuro do presente sintético, ao passo que o *Aqui CE*, jornal que, dentre outras inovações, permite uma linguagem mais próxima da oralidade, apresentou menos uso da variante padrão (que caiu em desuso na oralidade). Em termos percentuais, o jornal *O Povo* ficou mais próximo do *Diário do Nordeste* e o *O Estado* mais próximo do *Aqui CE*. Entretanto, se levarmos em consideração os pesos relativos, que trabalham com a interação de todos os fatores, o comportamento dos jornais intermediários foi inverso. Todavia, esse resultado não contraria nossa caracterização dos jornais. *O Povo*, que apresenta a segunda maior vendagem do Ceará, apesar de não ser um jornal popular, como o *Aqui CE*, também é um periódico aberto a inovações, que ousa no texto e no *layout*, de modo que sua grande inserção no mercado não se traduz em conservadorismo. *O Estado*, por sua vez, apesar do histórico que alterna momentos de apogeu e de decadência, parece conservar certa tradição, de modo que não nos surpreende o fato de ser o segundo jornal que mais condiciona o uso do futuro do presente sintético, nossa variante conservadora. Por fim, como era esperado, o *Diário do Nordeste*, pertencente ao maior grupo de comunicação do Ceará e o periódico mais vendido no Estado é, dentre todos, aquele que mais adotou a forma conservadora de codificação do tempo futuro e, no lado oposto, está o *Aqui CE*, o jornal mais informal e que menos utilizou a variante mais formal.

Para aplicarmos o princípio da marcação, agrupamos, de um lado, *Diário do Nordeste*, *O Povo* e *O Estado*, que são os jornais mais tradicionais, no sentido de serem convencionais e, do outro, o *Aqui CE*, jornal popular e assumidamente informal. Primeiramente, pensamos no primeiro grupo como sendo mais marcado, uma vez que apresenta jornais mais formais (em comparação com o *Aqui CE*) e mais herméticos, e no *Aqui CE* como menos marcado, por ser mais leve, de linguagem simples e fácil compreensão. Contudo, o argumento descartado em relação à *Editoria*, encontra amparo em relação ao *Jornal*. O que é vigente no jornalismo impresso é o jornal convencional, que preza pela norma padrão e pela objetividade e se apresenta de maneira séria, imparcial e objetiva⁸¹. O *Aqui CE*, por outro lado, quebra a ideia de normatividade, seriedade e objetividade, e faz uso de gírias, piadas, regionalismos *etc.* Por exemplo, no dia 8 de janeiro, o jornal *Aqui CE* apresentou a

⁸¹ Mesmo que não sejam alcançados na prática, objetividade e imparcialidade são princípios jornalísticos.

capa abaixo:



Fonte: Aqui CE, 08 de janeiro de 2014.

No mesmo dia, o jornal *Diário do Nordeste* também trouxe como assunto principal o excesso de chuva na capital, Fortaleza, e nas cidades do interior do Ceará e apresentou como manchete: “Chuva provoca transtorno na capital e no interior”. Argumentamos, então, que o *Aqui CE* é mais marcado do que os outros jornais, uma vez que quebra com a expectativa esperada para um jornal. Assim, apesar de se apresentar uma linguagem mais leve e próxima da oralidade e do cotidiano das pessoas, chama mais atenção e, em um primeiro momento, exige mais esforço cognitivo para que se entenda a notícia por trás da piada. Ou seja, a manchete “Chuva provoca transtorno na capital e no interior” exige menos esforço cognitivo para ser entendida do que a manchete “E tome água”, que, apesar de reproduzir uma expressão típica do Ceará, pouco esclarece acerca do fato em si. Desse modo, para entender que a chuva provocou transtornos na capital e no interior no dia 8 de janeiro de 2014, bastou que o leitor do *Diário do Nordeste* lesse a manchete do jornal. Já o leitor do *Aqui*

CE, precisou i) inferir, a partir da manchete “E tome água”, que choveu, ii) ler “Boa no sertão, ruim na capital” para inferir que a chuva atingiu o interior e a capital e iii) e ler “Chove em 84 municípios”; “Casa desaba nas Goiabeiras”; “Árvores e postes caem e danificam carros”; “966 raios papocaram”; “19 ocorrências para a defesa civil e Instituto prevê inverno fraco”⁸² para, enfim, entender que o excesso de chuva provocou transtornos.

O grupo de fatores Jornal respondeu positivamente ao princípio da marcação, uma vez que a variante menos marcada, o futuro do presente sintético, acoplou-se aos jornais menos marcados, quais sejam: *Diário do Nordeste*, *O Povo* e *O Estado*.

5.1.1.5 Origem

O grupo de fatores *origem* não existia no início desta pesquisa. Ele foi pensado durante a coleta e codificação dos dados, quando percebemos haver muitas peculiaridades entre dados oriundos de matérias e dados oriundos de colunas⁸³. Por exemplo, no caso da pessoa do discurso, todos os casos dos fatores *Quem fala – singular* [eu] e de *Quem fala – plural* [nós; a gente] estão nas colunas, pois entra no discurso a fala do colunista. Da mesma forma, todos os dados de *Com quem fala – singular* [tu; você]; *Com quem fala – plural* [vós; você] também estão nas colunas, quando o colunista dirige-se ao leitor. As matérias, por sua vez, só possuem dados de *De quem ou sobre o que fala – singular* [ele; ela]; *De quem ou sobre o que fala – plural* [eles; elas].

O grupo *origem* foi o quinto selecionado no condicionamento de futuro do presente e pode ser exemplificado assim:

a) Coluna

(24) Na próxima segunda-feira, dia 6, ESTAREI com vocês na super Rádio Clube dentro do programa do Fran Silveira, informando tudo sobre os acontecimentos, inclusive meus famosos personagens. (O Estado, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Entretenimento).

b) Matéria

⁸² Os exemplos supramencionados não envolvem as variantes com as quais trabalhamos. Eles foram escolhidos por ilustrarem nosso argumento de que o jornal *Aqui CE* demanda mais esforço cognitivo para ser entendido.

⁸³ Como foi dito na Metodologia, todos os jornais e todas as editorias apresentam colunas.

(25) Para o bem ou para o mal, 2014 SERÁ um ano-chave para os arquirrivais cearenses. Em Porangabussu, o Ceará CELEBRA o centenário bem reforçado e com grande expectativa de retorno à Série A do Brasileirão, grande objetivo do ano que começa. No Pici, o Fortaleza VIVE o último ano da gestão de Osmar Baquit com novo estatuto e TENTA, pela quinta vez consecutiva, deixar o fundo do poço que é a Série C. Os dois times já começaram a pré-temporada e, após o breve recesso de fim de ano, RETORNAM hoje aos batentes. O Leão ESTREIA domingo e o Vovô ainda TREINA por duas semanas. (O Estado, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Esporte).

A tabela abaixo mostra a influência da origem do dado na escolha do futuro do presente sintético:

Tabela 07 – Uso do futuro *versus* perífrase e presente de acordo com origem

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
Matéria	727 / 1446	50.3	0.441
Coluna	446 / 726	61.4	0.615

Fonte: própria.

Foi no grupo origem que encontramos maior dificuldade na aplicação do princípio da marcação. Pensemos, primeiramente, na complexidade estrutural. Existem matérias e colunas dos mais variados tamanhos, de modo que não temos como aplicar esse subprincípio. Já o subprincípio da distribuição de frequência, se aplica, pois, apesar de existirem colunas em todas as editorias de todos os jornais com os quais trabalhamos, há sempre mais matérias do que colunas. Por fim, em relação à complexidade cognitiva, podemos dizer que as matérias tendem a ser mais formais e objetivas. Geralmente, apresentam *lead*⁸⁴ e uma estrutura denominada de “pirâmide invertida”, na qual as informações são apresentadas por ordem de importância dos fatos e não de acordo com a ordem cronológica dos acontecimentos. As colunas, por sua vez, não apresentam estrutura fixa, uma vez que respondem ao estilo do colunista que as escreve. Assim, as colunas podem apresentar textos mais informais, se assim

⁸⁴ O *lead* corresponde ao primeiro parágrafo de uma matéria ou, ainda, a um parágrafo destacado do texto, que tem a função de resumir o conteúdo da matéria através da resposta às seguintes perguntas: “O quê? e/ou Quem?, Onde?, Quando?, Como e Por que?”.

for o estilo do colunista, que simulem um bate-papo com o leitor, que relatem uma opinião pessoal *etc.* Vale destacar que não se trata, necessariamente, de textos opinativos e, principalmente, não são textos que atendem à estrutura dos textos dissertativo-argumentativos, como no caso do Editorial e do Artigo de Opinião. Desse modo, argumentamos que as matérias são menos marcadas, uma vez que são mais frequentes e estruturalmente previsíveis. E as colunas, mais marcadas, uma vez que são menos frequentes nos jornais e variam de acordo com o estilo de cada colunista⁸⁵.

Partindo do argumento acima, temos que o grupo *origem* responde negativamente ao princípio da marcação, uma vez que a forma menos marcada, o futuro do presente, aparece mais frequentemente ligada ao texto mais marcado, no caso, o das colunas. Recorremos, novamente, a Du Bois e Votre (2012, p.69), que propõem um paralelo entre os princípios de marcação e de expressividade:

Quadro 02 – Diferenças entre Princípio de marcação e Princípio de expressividade

Princípio de marcação	Princípio de expressividade
O Princípio de marcação é cognitivamente motivado em termos de esforços associados às tarefas de codificação.	O Princípio de expressividade é cognitivamente motivado em termos da expressividade e da eficácia, o que equilibra as tarefas de codificação.
Um elemento marcado será mais elaborado e mais longo	Um procedimento discursivo marcado pode ser menos elaborado e menos longo.
Um elemento marcado será menos frequente.	Um procedimento discursivo marcado pode ser mais frequente.
Um elemento marcado exigirá mais esforços de codificação.	Um procedimento discursivo marcado pode reduzir ou anular o esforço de codificação.

(DU BOIS; VOTRE, 2012, p. 69)

Dessa forma, o uso da variante menos marcada no contexto mais marcado pode ser justificado, de acordo com o princípio de expressividade, porque um procedimento

⁸⁵ Vale destacar que cada coluna possui um padrão interno, de estilo de linguagem, tamanho *etc.* e que respeita os limites físicos (tamanho, estrutura) do jornal.

discursivo marcado pode ser menos elaborado e menos longo. Assim, o uso do futuro do presente, que apresenta estrutura mais enxuta e marca morfológica de futuridade poderia reduzir o esforço cognitivo de codificação do discurso mais marcado, ao invés de aumentá-lo, como apontaria o princípio da marcação.

5.1.1.6 *Distanciamento temporal*

Poplack e Turpin (1999) e Gibbon (2000) também buscaram aferir a influência do distanciamento temporal no condicionamento das variantes de codificação do tempo futuro. As primeiras propuseram inicialmente uma escala temporal que ia de uma hora até séculos, partindo do momento de fala. A segunda, que adotou para o grupo o nome de *projeção de fato futuro*, também trabalhou inicialmente com uma escalaridade. No caso das duas pesquisas, a escala não apresentou resultados relevantes e os fatores foram amalgamados em apenas dois: *tempo próximo* e *tempo distante*.

Diante disso, excluímos a ideia de escalaridade e já iniciamos nossa análise apenas com os fatores que dessem conta do futuro próximo e do futuro distante. No entanto, entendemos que alguns dados não seriam contemplados por nenhum dos grupos anteriormente mencionados por não apresentarem qualquer especificação que determinasse se se tratava de um futuro próximo ou distante. Decidimos, então, criar um terceiro fator para encaixar esses dados: o futuro indeterminado. Desse modo, em nossa pesquisa, o grupo *distanciamento temporal* apresenta três fatores: *futuro imediato ou próximo*, *futuro intermediário ou distante* e *futuro indeterminado*.

a) Futuro imediato ou próximo:

Pertencem a este grupo os fatos previstos para acontecer no mesmo mês ou em até trinta dias.

(26) O presidente da Assembleia Legislativa, Zezinho Albuquerque -Pros-, anuncia: no próximo dia 30, LANÇARÁ⁸⁶ a campanha “Ceará sem Drogas!”. O objetivo é discutir saídas para o problema. (O Povo, edição de 09 de janeiro de 2014, editoria de Política).

(27) O prefeito Roberto Cláudio VAI ENVIAR à Câmara Municipal de Fortaleza, logo no início de

⁸⁶ Destaque e grifo nossos.

fevereiro⁸⁷, quando termina o recesso parlamentar, a mensagem com uma nova proposta de reajuste dos salários dos servidores do Município. O aumento sugerido deve ser de 5,91% para se igualar à inflação de 2013, calculada pelo IPCA -Índice de Preços ao Consumidor Amplo- e divulgada na última sexta-feira. (Diário do Nordeste, edição de 14 de janeiro de 2014, editoria de Política).

Consideramos o dado de (26) como *futuro imediato ou próximo* porque o lançamento acontecerá “no próximo dia 30”, ou seja, ainda em janeiro. Em (02), apesar de o envio estar previsto para ocorrer em fevereiro, o envio se dará em menos de trinta dias, uma vez que o jornal é de 14 de janeiro e a mensagem com uma nova proposta de reajuste dos salários dos servidores do Município será enviada à Câmara Municipal de Fortaleza “logo no início de fevereiro”. Assim, se consideramos como futuro imediato ou próximo qualquer fato previsto para acontecer em janeiro⁸⁸, estamos assumindo que consideramos até trinta dias como futuro imediato ou próximo. Por isso, incluímos esse segundo critério para a definição deste fator.

Também é importante destacarmos a existência de muitos eventos mais durativos, previstos para acontecer, por exemplo, ao longo de todo o semestre ou de todo o ano de 2014 ou, ainda, do biênio 2014/2015, como em:

(28) A jornalista Daniela Nogueira SERÁ Ombudsman do O POVO no mandato 2014/2015. Atual editora de Opinião, ela substituirá Erivaldo Carvalho, a partir de 7 de janeiro, data do aniversário de 86 anos do jornal. (O Povo, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Política).

Apesar de entendermos que o evento supracitado perdurará até um futuro distante, classificamos esse dado como *futuro imediato ou próximo* porque ele começa a ser verdadeiro ainda em um futuro imediato ou próximo. O exemplo (28) corrobora nossa decisão de classificar esses eventos mais durativos como *futuro imediato ou próximo*, uma vez que especifica o início da vigência da ação. No caso, o mandato de Ombudsman da jornalista Daniela Nogueira, que perdurará até o final de 2015 (futuro distante), terá início no dia 7 de janeiro, ou seja, em um futuro imediato ou próximo.

⁸⁷ Destaque e grifo nossos.

⁸⁸ Relembramos que coletamos dados das duas primeiras semanas de janeiro de 2014.

b) Futuro intermediário ou distante:

Pertencem a este grupo os fatos previstos para acontecer após o mês do enunciado ou após trinta dias.

(29) Dos 46 deputados estaduais eleitos em 2010, pelo menos seis já decidiram que não VÃO DISPUTAR a reeleição em outubro de 2014. (O Estado, edição de 14 de janeiro de 2014, editoria de Política).

(30) Quando o assunto é novela, destaque para “Em Família”. No folhetim de Manoel Carlos, próxima novela do horário nobre da Globo, que ESTREIA em fevereiro, após o término de “Amor à Vida”, quem deve chamar atenção é Bruna Marquezine. Na trama, a atriz de 18 anos INTERPRETARÁ duas personagens. A protagonista Helena, quando jovem, e a filha da heroína -Júlia Lemmertz- no decorrer da história, quando o enredo avança alguns anos. (Diário do Nordeste, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Entretenimento).

c) Futuro indeterminado

Consideramos como futuro indeterminado os dados em que não é possível determinarmos se se trata de um futuro imediato/próximo ou intermediário/distante.

(31) "A presidente pediu, em reunião, que todos os ministros que fossem concorrer às eleições deixassem os cargos até o fim de janeiro". Alexandre Padilha sobre está (sic.) preparado para deixar o Ministério da Saúde, inclusive, já fez sua mudança de Brasília para São Paulo onde DISPUTARÁ pelo PT o governo estadual. (Diário do Nordeste, edição de 09 de janeiro de 2014, editoria de Política).

(32) Graças a uma ação coordenada e plenamente apoiada pela bancada cearense o Ceará TERÁ assegurado para o exercício de 2014 recursos como poucas vezes conseguiu, aliás, como o deputado José Guimarães tem ressaltado. Ao todo estão garantidos R\$ 2 bilhões 575 milhões, inclusive, às emendas de bancada e individuais. Serão alcançadas as regiões de todo o Estado beneficiando, portanto, áreas fundamentais como as que envolvem saúde, educação, estradas, infraestrutura. E, como diz Guimarães, são recursos atrelados à Lei Orçamentária, portanto, independentemente dos projetos e programas que, aliás, a presidente Dilma já assegurou ao governador Cid para o Ceará. (Diário do Nordeste, edição de 09 de janeiro de 2014, editoria de Política).

Em (31), a marca morfológica de futuro indica o tempo no qual a ação deve ocorrer, entretanto, não há nenhuma referência específica à data, de modo que não é possível saber, a partir do texto, se se trata de um futuro imediato/próximo ou indeterminado/distante. É necessário conhecimento de mundo para inferir que o autor está falando da disputa eleitoral,

prevista para ocorrer em outubro de 2014, logo, um futuro distante. Dados como esse, sem especificação temporal, são mais comuns nos textos de colunas, que são mais sintéticos, informais e apresentam menor rigor formal. No caso das matérias, na maioria das vezes, ao responder às perguntas do *lead* (“O quê? e/ou Quem?, Onde?, Quando?, Como e Por que?”), o texto acaba especificando o período no qual a ação irá se desenvolver.

No caso do exemplo (32), apesar de ser em 2014, não há como dizer se se trata de um futuro próximo ou distante, nem com conhecimento de mundo, uma vez que, apesar de ter a verba assegurada, não há como dizer quando ela começará a ser liberada.

A seguir, partiremos para a caracterização específica dos fatores do grupo *distanciamento temporal* tendo o *futuro* como valor de aplicação. *Distanciamento temporal* foi o sexto grupo selecionado na influência do futuro do presente. O grupo de fatores *distanciamento temporal* apresentou os seguintes resultados:

Tabela 08 – Uso do futuro *versus* perífrase e presente de acordo com distanciamento temporal

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
Futuro imediato ou próximo	635 / 1338	47.5	0.456
Futuro intermediário ou distante	189 / 280	67.5	0.582
Futuro indeterminado	357 / 566	63.1	0.562

Fonte: própria.

Conforme dissemos na Metodologia, a tradição gramatical associa o futuro do presente ao tempo distante e o presente do indicativo ao futuro eminente. Estudos linguísticos, como o de Gibbon (2000), aventam que a perífrase parece estar associada ao futuro próximo. Assim, acreditávamos que o *futuro imediato ou próximo* deveria favorecer o uso da perífrase e do presente e o *futuro intermediário ou distante* e o *futuro indeterminado* deveriam favorecer o futuro do presente. Nossa hipótese foi confirmada, uma vez que o futuro do presente foi condicionado pelo *futuro intermediário ou distante* (com PR. 0.582) e pelo *futuro indeterminado* (com PR. 0.562) e foi desfavorecido pelo *futuro imediato ou próximo* (com PR. 0.456).

Na aplicação do princípio de marcação, temos que o *futuro indeterminado* parece mais complexo, uma vez que não apresenta marca temporal específica, enquanto o *futuro imediato ou próximo* e o *futuro intermediário ou distante* são menos marcados, pois apresentam projeção de futuridade definida. Em relação ao subprincípio da complexidade estrutural, pensamos no *futuro imediato ou próximo* como mais complexo, uma vez que este fator apresenta mais informações para dizer a mesma coisa. No caso, o contexto de futuridade é expresso pela marca morfológica da variante e por uma marca/pista que indique proximidade temporal. Assim, o futuro *imediato ou próximo* é mais complexo estruturalmente, mas é menos complexo cognitivamente, pois já traz a marca de futuridade especificada. Resta-nos, então, o subprincípio da distribuição de frequência como desempate. Desse modo, o *futuro imediato ou próximo* é menos frequente, logo, é mais marcado; o *futuro intermediário ou distante* é mais frequente, logo, é menos marcado; e que o *futuro indeterminado* é mais ou menos frequente, logo, é mais ou menos marcado. Em síntese, como o futuro é menos marcado, o esperado seria que ele ocorresse mais com o *futuro intermediário ou distante*, que é o menos marcado, seguido do *futuro indeterminado*, que é mais marcado do que o *futuro intermediário ou distante*, mas menos marcado do que o *futuro imediato ou próximo*. E é exatamente o que acontece, numa resposta positiva ao princípio da marcação.

5.1.1.7 Pessoa do discurso

Também buscamos aferir a influência da pessoa do discurso na frequência de uso das variantes aqui estudadas. Inicialmente, pensamos em trabalhar com a distinção entre primeira [eu; nós], segunda [tu; você; vós; vocês] e terceira pessoa [ele; ela; eles; elas], do singular e do plural. Contudo, teríamos que escolher entre os critérios formal e semântico para classificarmos a segunda pessoa do discurso. Optamos, então, pelo critério semântico e adotamos, para este grupo, fatores com as seguintes nomenclaturas: *Quem fala – singular* [eu]; *Quem fala – plural* [nós; a gente]; *Com quem fala – singular* [tu; você]; *Com quem fala – plural* [vós; você]; *De quem ou sobre o que fala – singular* [ele; ela]; *De quem ou sobre o que fala – plural* [eles; elas]. Entrando na análise específica da rodada com o futuro do presente como valor de aplicação, temos que este grupo foi o sétimo – e último – selecionado na influência de futuro do presente. A rodada com este grupo apresentou nocaute, pois só houve a ocorrência de um dado de *Com quem fala – singular* e nenhum dado de *Com quem fala – plural*. Nossa decisão, então, foi retirar esses fatores da rodada, até porque, o único

dado de *Com quem fala – singular* estava em contexto de restrição, como pode ser visto abaixo (e). Com isso, trabalhamos apenas com: *Quem fala – singular* [eu]; *Quem fala – plural* [nós; a gente]; *De quem ou sobre o que fala – singular* [ele; ela]; *De quem ou sobre o que fala – plural* [eles; elas].

Abaixo, apresentamos a caracterização dos fatores deste grupo, tendo o futuro do presente como valor de aplicação:

a) *Quem fala – singular* [eu]

(33) A partir de segunda-feira, ESTAREI com vocês na super Rádio Clube, a pioneira, dentro do programa do Fran Silveira, pela manhã, e, à tarde, no programa da Tetê, com notícias de sociedade. O convite foi do Henrique Gondim, diretor da emissora dos Diários Associados, onde iniciei minha carreira nos anos 60. (O Estado, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Entretenimento).

b) *Quem fala – plural* [nós; a gente]

(34) Sábado, dia 11 de janeiro de 2014, a Phantástica Club apresenta “Os 5 Sentidos”, a primeira off-club, que acontecerá no Clube do Médico, na Praia do Futuro. Com expectativa de duas mil pessoas, a festa busca a perfeição a partir da união dos cinco sentidos vitais ao corpo humano. O evento conta com atrações para todos os públicos. Na pista house, além dos residentes, Rachid Barros, Mila Mian e Tiago Fasano, TEREMOS como convidados especiais os DJ’s Bruno Ramos de Maceió, Arthur Valleti, residente da San Sebastian Salvador, e a dupla Altar, de renome internacional, composta pelos DJ’s Macau e Vmc. (O Estado, edição de 08 de janeiro de 2014, editoria de Entretenimento).

c) *De quem ou sobre o que fala – singular* [ele; ela]

(35) Desculpe a ignorância, O PMDB MANTERÁ a presidência do Senado, em 2015, mesmo se o PT conseguir uma bancada maior? (Aqui CE, edição de 03 de janeiro de 2014, editoria de Política).

d) *De quem ou sobre o que fala – plural* [eles; elas]

(36) Até agora nada. Os lutadores cearenses do UFC ainda não sabem quando VOLTARÃO ao octógono mais famoso do mundo. São sete eventos confirmados: dois neste mês, outros três em fevereiro mais dois em março. Porém, nenhum dos cearenses está relacionado para lutar entre 15 de janeiro e 15 de março. (Diário do Nordeste, edição de 09 de janeiro de 2014, editoria de Entretenimento).

e) Com quem fala – singular [tu; você]

(37) Cê não TERÁ sido um eleitor ingrato por não reconhecer as verbas que foram mandadas para seu lugar, para a instituição que lhe presta serviços, pela filantrópica que cê soube perseguida por esse ou aquele prefeito bandido -bandido é mais que ladrão?- e desviou o “dindim” e meteu o dinheiro na viagem internacional da sua santa esposa. Bom, mas pra fazer uma avaliação benfeita, precisa que cê pense, também, o quanto foi errado, passando no sinal vermelho, dirigindo na contramão, cuspiendo no chão, jogando lixo pela janela do carro, fazendo gato na luz, dando propina ao guarda pra não multar, elogiando o órgão público na frente do diretor da casa ou dizendo que o Presidente disso ou daquilo é gente boa, quando está na frente do dito cujo. (O Estado, edição de 03 de janeiro de 2014, editoria de Política).

A tabela abaixo mostra a influência da pessoa do discurso na escolha do futuro do presente sintético:

Tabela 09 – Uso do futuro *versus* perífrase e presente de acordo com pessoa do discurso

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
De quem ou sobre o que fala – singular [ele; ela]	941 / 1808	52.0	0.484
De quem ou sobre o que fala – plural [eles; elas]	231 / 359	64.3	0.589
Quem fala – singular [eu]	5 / 7	71.4	0.376
Quem fala – plural [nós; a gente]	3 / 4	75.0	0.681

Fonte: própria.

Chama-nos atenção, primeiramente, a diferença na quantidade de dados referentes a *Quem fala* e *De quem ou sobre o que se fala*. O texto jornalístico é constituído, basicamente, de informações sobre alguém ou sobre alguma coisa. Desse modo, houve, quase que exclusivamente, a ocorrência de dados dos fatores *De quem ou sobre o que fala – singular* e

De quem ou sobre o que fala – plural. Os poucos dados de *Quem fala – singular e de Quem fala – plural* ficaram a cargo dos textos de colonistas.

Destacamos, primeiramente, os resultados referentes aos fatores *Quem fala e De quem ou sobre o que fala no singular*. No primeiro caso, as asserções em primeira pessoa, como em (33), revelam maior comprometimento e intencionalidade, ao passo que esse comprometimento não pode ser estendido às afirmativas em terceira pessoa, como em (35).

Aplicando isso ao subprincípio da complexidade cognitiva, defendemos que algo centrado no falante é menos marcado, uma vez que há maior controle sobre o que é dito; em seguida, temos algo centrado no ouvinte, como mais ou menos marcado e, por fim, a terceira pessoa, como mais marcada. Antes de aceitarmos que, como o futuro é menos marcado, o esperado é que ele ocorra com dados do tipo *Quem fala*, não podemos ignorar a distribuição de frequência. Dados do tipo *De quem ou sobre o que fala* compõem a base do texto jornalístico e, por isso, são imensamente mais frequentes. Desse modo, qualquer outra discussão ficaria atenuada em virtude dos pouquíssimos dados para os fatores: *Quem fala – singular [eu]*; *Quem fala – plural [nós; a gente]*.

Por isso, concentraremos nosso foco de análise nos fatores: *De quem ou sobre o que fala – singular e De quem ou sobre o que fala – plural [eles; elas]*. Aplicando os subprincípios de marcação, seria precipitado argumentarmos que o plural é mais complexo cognitivamente, uma vez que a dupla marcação, tanto no sujeito quanto no verbo, poderia indicar menos esforço cognitivo, tendo em vista a repetição da informação.

A discussão sobre a distribuição de frequência apresenta-nos dados interessantes. O plural é mais frequente (com percentual 64.3, contra 52.0 do singular), mesmo o singular sendo mais usado (há 941 dados de singular e apenas 231 de plural). Essa peculiaridade obriga-nos a olhar a tabela não apenas na vertical, como vínhamos fazendo, mas também na horizontal.

A partir de uma leitura vertical, temos que o singular é mais usado, logo, é menos marcado. Já se considerarmos uma leitura horizontal dos dados, teríamos que o plural tem percentual maior de frequência e, sendo mais frequente, ele é que seria menos marcado. Diante do impasse, achamos mais seguro usarmos como critério a complexidade estrutural, uma vez que podemos afirmar que o plural é mais marcado por ser estruturalmente mais complexo, uma vez que possui estrutura maior, por causa do acréscimo da marca de plural, e que o singular é menos marcado por ser menos complexo estruturalmente.

Assim, como o futuro é menos marcado e o maior peso relativo recai sobre o plural (PR. 0.589 contra 0.484 do singular), que é mais marcado, a ideia de que marcas levam

a marcas foi contrariada.

5.1.1.8 Marca de futuridade

O grupo marca de futuridade foi o primeiro a ser descartado nesta rodada. O grupo apresenta dois fatores, sobre os quais falaremos a seguir:

a) Pista temporal de natureza semântica

Pertencem a este grupo os dados cuja marca de futuridade vem explícita no contexto ou no cotexto. Consideramos a presença de qualquer informação textual, incluindo o texto em si, título da notícia, data do jornal *etc.* que expresse futuridade como pista temporal de natureza semântica. Por exemplo:

(38) Relator de fiscalização das obras da Copa do Mundo no Brasil e com a tarefa de fiscalizar a aplicação do dinheiro público nas cidades-sede, o ministro do Tribunal de Contas da União -TCU-, Valmir Campelo, VISITARÁ as obras do Terminal Marítima de Passageiros do Porto do Mucuripe no próximo dia 22 de janeiro. (O Estado, edição de 03 de janeiro de 2014, editoria de Política).

b) Pista temporal de natureza pragmática

Quando não há pista temporal de natureza semântica e precisamos recorrer ao conhecimento de mundo para entendermos o contexto de futuridade no qual o dado se insere, consideramos que o dado possui pista temporal de natureza pragmática. Exemplo:

(39) Uma reunião do diretório estadual do partido, *prevista para o mês de janeiro*, poderá ser palco da escolha do nome que VAI DISPUTAR⁸⁹ o Palácio da Abolição. “Estou mais alinhada a candidatura de Adelita ao governo. E acho que o professor Alexandre qualificaria o debate ao Senado. Mas isso é um processo e ainda estamos negociando”, avalia a pessolista. (Aqui CE, edição de 03 de janeiro de 2014, editoria de Política).

A disputa a qual o dado VAI DISPUTAR se refere é a eleitoral. É preciso conhecimento de mundo para inferir que as eleições acontecerão em outubro de 2014. Assim, argumentamos que há uma pista semântica que insere o dado poderá em um contexto de

⁸⁹ Itálico, sublinhado e destaque nossos.

futuridade, no caso, a reunião prevista para o mês de janeiro, mas não há uma pista semântica que explicita o contexto de futuridade do dado VAI DISPUTAR.

Apresentamos, a seguir, os resultados referentes à marca de futuridade, sem os pesos relativos, uma vez que o grupo não foi selecionado na influência de tempo futuro.

Tabela 10 – Uso do futuro *versus* perífrase e presente de acordo com marca de futuridade

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem
Pista temporal de natureza semântica	843 / 1649	51.1
Pista temporal de natureza pragmática	338 / 535	63.2

Fonte: própria.

Apesar da ausência de pesos relativos, os percentuais nos oferecem um resultado plausível. O futuro é mais frequente em dados com *pista temporal de natureza pragmática* porque a marca morfológica de futuro da variante *futuro do presente* compensa a ausência de pista de natureza semântica. Pelo mesmo motivo, quando o dado possui uma pista dentro do próprio texto, ele não precisa tão fortemente de uma marca morfológica de futuro, porque seu contexto já exprime futuridade.

5.1.1.9 Polaridade

O grupo *polaridade*, cujos fatores são *afirmativa* e *negativa*, também foi descartado nesta rodada. Ainda assim, faremos a exemplificação do grupo, bem como a apresentação de seus resultados.

a) Afirmativa:

(40) A nova Miss Ceará RECEBERÁ a faixa em coquetel comemorativo que ACONTECERÁ em

breve. O Miss Brasil 2014, versão Miss Mundo, ACONTECERÁ no Costão do Santinho, em Florianópolis, no dia 9 de agosto. (O Estado, edição de 07 de janeiro de 2014, editoria de Entretenimento).

b) Negativo:

(41) Ceará e Barbalha decidem amanhã, às 18hs, no Castelão, a primeira Taça dos Campeões Cearenses. Ideia simples, oportuna, inteligente. Por ser o primeiro jogo oficial, desperta curiosidades. O Vozão tem muita gente para mostrar. Não SERÁ possível colocar na vitrine todos os novos contratados, mas taí a chance para torcida formar um juízo sobre o atual estágio do clube que estreará na Copa do Nordeste no dia 18. Quanto ao Barbalha, hora de conferir também a responsabilidade de quem em breve representará o futebol cearense na Copa do Brasil. (Diário do Nordeste, edição de 10 de janeiro de 2014, editoria de Esporte).

Neste caso, também não temos pesos relativos, uma vez que o grupo foi descartado. A porcentagem entre *afirmativa* e *negativa* quase se equiparou, de modo que o grupo não gerou pesos relativos relevantes, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 11 – Uso do futuro *versus* perífrase e presente de acordo com polaridade

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem
Afirmativa	1145 / 2118	54.1
Negativa	36 / 66	54.5

Fonte: própria.

As *afirmativas* são menos marcadas de acordo com a complexidade estrutural e cognitiva e as *negativas* são mais marcadas, entretanto, não temos como discutir satisfatoriamente marcação a partir deste critério, uma vez que os percentuais quase se equiparam. Ainda assim, se considerarmos a quantidade de dados para aferir a distribuição de frequência, teremos as afirmativas como mais usadas, logo, menos marcadas. Assim, temos que o futuro, que é menos marcado, aparece muito mais nas *afirmativas*, confirmando o princípio da marcação.

5.1.2 *Perífrase como valor de aplicação*

Na segunda rodada, consideramos a perífrase como valor de aplicação e iremos contrapor-la ao futuro do presente e ao presente do indicativo. O programa *Goldvarb* selecionou os grupos de fatores *tipo de verbo*, *distanciamento temporal*, *extensão do vocábulo*, *pessoa do discurso* e *polaridade* como condicionadores de perífrase e descartou os grupos *jornal*, *editoria*, *marca de futuridade* e *origem*. A descrição geral dos fatores de cada grupo, feita na seção anterior, também contempla as rodadas com a perífrase e o presente como valor de aplicação. A caracterização específica dentro da rodada e a exemplificação dos fatores de cada grupo selecionado e descartado procederão como fizemos na primeira rodada. Em seguida, mostraremos os resultados apresentados pelo programa e os correlacionaremos com as hipóteses levantadas e com o princípio da marcação.

Colocando as três variantes com as quais trabalhamos em uma escala de marcação, teríamos que a perífrase é mais marcada do que o futuro e menos marcada do que o presente. Contudo, como a rodada refere-se à perífrase *versus* futuro e presente, argumentamos que a perífrase é mais marcada em relação ao grupo. Assim, acreditamos que a perífrase é uma variante mais marcada dentro do contexto jornalístico, uma vez que é mais complexa estrutural e cognitivamente e é menos frequente. Por isso, de acordo com o princípio da marcação, o esperado é que ela ocorra em contextos também mais marcados, uma vez que, segundo a ideia givoniana, marcas levam a marcas.

Procederemos, então, à apresentação dos grupos de fatores e seus resultados.

5.1.2.1 *Tipo de verbo*

Tipo de verbo foi o primeiro grupo selecionado na influência da perífrase. Como dissemos na seção anterior, adotamos a tipologia proposta por VENDLER (1967) para compor este grupo. Os fatores *atividade*, *accomplishment*, *achievement* e *estado* serão exemplificados abaixo:

a) Atividade

(42) Na entrevista, Júnior também confirmou que o PROS ocupará um dos ministérios do Governo Dilma Rousseff após a reforma ministerial prometida, pela presidente, para as próximas semanas. O dirigente nacional do partido de Cid disse que o desejo de todo o comando nacional da legenda é de que o atual secretário

da Saúde do Estado, Ciro Gomes, ocupe essa vaga, mas o ex-ministro teria negado interesse em qualquer cargo federal. Apesar das negativas, ele afirmou que o partido não tem "plano B" para a indicação e VAI INSISTIR para que Ciro aceite o convite. (Diário do Nordeste, edição de 03 de janeiro de 2014, editoria de Política).

b) Accomplishment

(43) O ano de 2013 foi de muitas dificuldades para a oposição na Assembleia Legislativa, que, apesar das denúncias e críticas feitas à atual gestão, pouco pôde fazer no que diz respeito à aprovação de matérias, principalmente requerimentos solicitando informações da administração do governador Cid Gomes. Cada vez com menos coro no Legislativo Estadual, os opositores garantem que em 2014 IRÃO ATUAR com mais firmeza na fiscalização e cobrança ao Governo. (Diário do Nordeste, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Política).

c) Achievement

(44) O mês de janeiro VAI COMEÇAR com muita música eletrônica para os amantes do gênero. David Guetta, um dos melhores DJ's do mundo, retorna ao Brasil para uma Summer Tour, neste mês de janeiro. . (O Estado, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Entretenimento).

d) Estado

(45) Roberto Cláudio destacou obras na cidade referentes à área do esporte. Segundo ele, o ginásio Paulo Sarasate VAI SER gerido, a partir de 2015, por Parceria Público-Privada -PPP-. Pelo projeto, o ginásio TERÁ ar-condicionado, estacionamento subterrâneo, nova fachada e espaço de alimentação. Ele garantiu também a reforma do ginásio Aécio de Borba. Sobre as obras para a Copa, o prefeito garantiu a finalização do entorno do estádio Castelão e das avenidas de acesso como Paulino Rocha e Alberto Craveiro.(O Povo, edição de 10 de janeiro de 2014, editoria de Política).

A tabela abaixo apresenta os resultados referentes ao tipo de verbo no uso da perífrase:

Tabela 12 – Uso da perífrase *versus* futuro e presente de acordo com tipo de verbo

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
Accomplishment	102 / 509	20.0	0.674
Estado	49 / 878	5.6	0.282
Atividade	92 / 379	24.3	0.686
Achievement	54 / 407	13.3	0.594

Fonte: própria.

De acordo com o princípio da marcação, a perífrase, variante mais marcada, deveria acoplar-se a formas mais marcadas, no caso, verbos de estado. Nossos resultados mostram o contrário. A forma perifrástica é mais usada com verbos do tipo *atividade*, *accomplishment* e *achievement*. Apesar de ir de encontro ao princípio da marcação, nossos resultados vão ao encontro da nossa hipótese.

Defendíamos que verbos de ação/atividade favoreceriam a escolha da perífrase. Nossa hipótese foi confirmada, uma vez que os verbos dinâmicos (*atividade*, *accomplishment* e *achievement*) condicionaram a perífrase e os verbos estáticos (*estado*) a inibiram, como mostram os pesos relativos referentes a cada tipo de verbo: *atividade* (PR. 0.686), *accomplishment* (PR. 0.674), *achievement* (PR. 0.594) e *estado* (PR. 0.282). Ao que parece, o traço semântico histórico de movimento contido no verbo IR que acompanha os verbos no infinitivo atrela o uso desta variante a verbos de movimento. Por outro lado, esse traço semântico [+ dinâmico] parece não se comportar bem com verbos de estado. Os números também confirmam a hipótese aventada em Bragança (2008, p.123) de que verbos de ação/atividade são mais facilmente atingidos pela forma nova, seguidos de verbos de processo e, por fim, verbos de estado.

Entendemos, aqui, que não há uma associação necessária entre esforço cognitivo e tarefas de codificação, como prevê o princípio da marcação, mas sim, o equilíbrio, baseado em expressividade e eficácia, entre contexto e codificação. No caso, um verbo que expressa movimento é mais eficazmente codificado por uma forma que traz em si o traço semântico de movimento. Essa associação, ao que parece, facilita a codificação, uma vez que se usa uma estratégia de relação semântica para codificar uma forma mais marcada, ou seja, a perífrase.

5.1.2.2 *Distanciamento temporal*

Distanciamento temporal foi o segundo grupo selecionado na rodada com a perífrase como valor de aplicação. Abaixo, apresentamos exemplos de dados de perífrase para *Futuro imediato ou próximo*, *Futuro intermediário ou distante* e *Futuro indeterminado*.

a) Futuro imediato ou próximo

(46) O Ceará conquistou classificação inédita para a segunda fase da Copa São Paulo de Futebol Júnior. E agora VAI ENFRENTAR um adversário indigesto na próxima quarta-feira, o Fluminense. (O Povo, edição de 13 de janeiro de 2014, editoria de Esporte).

b) Futuro intermediário ou distante

(47) Dos 46 deputados estaduais eleitos em 2010, pelo menos seis já decidiram que não VÃO DISPUTAR a reeleição em outubro de 2014 (O Estado, edição de 14 de janeiro de 2014, editoria de Política).

c) Futuro indeterminado

(48) Dilmistas do Ceará preocupados: a quebra de compromisso com emancipações VAI CAUSAR a perda de muitos milhares de votos para Dilma, nas 28 unidades emancipáveis do Ceará. (O Estado, edição de 07 de janeiro de 2014, editoria de Política).

A tabela a seguir mostra os resultados referentes ao uso da perífrase *versus* futuro e presente de acordo com distanciamento temporal:

Tabela 13 – Uso da perífrase *versus* futuro e presente de acordo com distanciamento temporal

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
Futuro imediato ou próximo	120 / 1338	9.0	0.399
Futuro intermediário ou distante	55 / 280	19.6	0.646
Futuro indeterminado	122 / 566	21.6	0.661

Fonte: própria.

Nossa expectativa era de que o *futuro imediato ou próximo* favorecesse o uso da perífrase, uma vez que, tradicionalmente, a forma perifrástica é usada para referir-se ao tempo próximo. Além disso, estudos linguísticos, como Gibbon (2000), também apontam para esta direção. Os resultados contrariam nossa hipótese, uma vez que a perífrase foi condicionada pelo *futuro indeterminado* (PR.0.661) e pelo *futuro intermediário ou distante* (PR.0.646), e foi desfavorecida pelo *futuro imediato ou próximo*. Esse resultado pode ser justificado dentro da distribuição dos dados e do equilíbrio de motivação entre os fatores, uma vez que cada um dos fatores do grupo condicionou uma das variantes: a perífrase é mais usada no contexto do *futuro indeterminado*; o futuro no *futuro intermediário ou distante* e o presente no *futuro imediato ou próximo*.

Do ponto de vista da complexidade estrutural, o *futuro imediato ou próximo* e o *futuro intermediário ou distante* são mais complexos do que o *futuro indeterminado*, uma vez que estão acoplados a marcas. Por esse motivo, do ponto de vista da complexidade cognitiva, o comportamento é oposto. Por não apresentar marcas textuais que expressem futuridade, o *futuro indeterminado* é mais complexo. Resta-nos, como “critério de desempate”, o subprincípio da distribuição de frequência, segundo o qual o *futuro indeterminado* é o menos marcado, uma vez que é o mais frequente.

Assim, partindo do princípio da marcação, deveríamos ter a perífrase, forma mais marcada, ligada ao *futuro intermediário ou distante* e ao *futuro imediato ou próximo*, que são as formas mais marcadas. Contudo, o resultado foi oposto. A forma perifrástica está mais acoplada ao *futuro indeterminado*. Recorremos, então, ao princípio da expressividade, para argumentarmos que “um procedimento discursivo marcado pode ser menos elaborado e

menos longo” e que “um procedimento discursivo marcado pode ser mais frequente” (DU BOIS; VOTRE, 2012, p.69). Assim, a presença de marcas no *futuro imediato ou próximo* e no *futuro intermediário ou distante* não os torna necessariamente mais complexos, mesmo possuindo maior extensão. No mesmo sentido, o *futuro indeterminado* não será necessariamente menos marcado por ser mais frequente. Aceitando essas premissas, teríamos o *futuro indeterminado* como mais complexo cognitivamente, como prevê o princípio da marcação, mas também mais marcado de acordo com a complexidade estrutural e com a distribuição de frequência, como admite o princípio da expressividade. Esse equilíbrio justificaria o uso da perífrase correlacionado ao *futuro indeterminado*.

5.1.2.3 Extensão do vocábulo

O grupo *extensão do vocábulo* também foi o terceiro selecionado na segunda rodada, referente ao condicionamento da perífrase (IR + Infinitivo). No caso da perífrase, há exemplos dos três tipos de fatores, ainda que existam consideravelmente menos casos de verbos com duas: apenas 37, ao passo que verbos com uma sílaba, aparecem em 99 dos casos e com duas ou mais sílabas em 161. Os três fatores podem ser caracterizados como nos exemplos abaixo:

a) Verbos com uma sílaba:

(49) O torcedor do Horizonte VAI TER a chance de ver mais uma vez sua equipe atuar em casa, neste início de Estadual. Hoje o Galo do Tabuleiro vai encarar o Tiradentes, a partir das 20h, em jogo válido pela segunda rodada. Os dois times estream com empate. (Aqui CE, edição de 07 de janeiro de 2014, editoria de Esporte).

b) Verbos com duas sílabas:

(50) O Basquete Cearense perdeu para o Macaé no último sábado, por 80 a 74, no Rio de Janeiro. Mas o time nem terá tempo para lamentar o revés. A equipe vai ter de um difícil jogo, hoje, contra o líder do NBB, Flamengo. A partida será às 20h15 (horário de Fortaleza), no Ginásio do Tijuca Tênis Clube, no Rio, e VAI VALER pela 16ª rodada do torneio. (Diário do Nordeste, edição de 12 de janeiro de 2014, editoria de Esporte).

c) Verbos com duas ou mais sílabas:

(51) A diretoria do Ceará só aguarda até esta quarta-feira, 8, para que o lateral direito Marcos se

apresente ao clube. “O Cruzeiro já nos enviou o contrato de empréstimo do jogador assinado. Eu ainda não entendi porque ele ainda não chegou por aqui. Nós vamos aguardar até amanhã para que ele se reapresente ao nosso treinador”, desabafou o dirigente Robinson de Castro. O homem forte do departamento de futebol também revelou que nesta quarta-feira, 8, o lateral esquerdo Hélder Santos, que atuou na temporada passada com a camisa do Ceará, VAI RETORNAR à Porangabuçu. (Aqui CE, edição de 07 de janeiro de 2014, editoria de Esporte).

Os resultados obtidos para o uso da perífrase *versus* futuro e presente de acordo com o grupo *Extensão do vocábulo* foram os seguintes:

Tabela 14 – Uso da perífrase *versus* futuro e presente de acordo com extensão do vocábulo

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
Verbo com três ou mais sílabas	161 / 1086	14.8	0.465
Verbo com duas sílabas	99 / 917	10.8	0.506
Verbo com uma sílaba	37 / 181	20.4	0.674

Fonte: própria.

Diferentemente do que prevíamos, verbos com menos sílabas não desfavoreceram o uso da perífrase. Ao contrário, o fator *verbo com uma sílaba* foi o que mais favoreceu a variante em questão. Em Gibbon (2000), o grupo referente à extensão do vocábulo foi selecionado como mais relevante na influência do uso de perífrase. Contudo, conforme dissemos, a autora levantou a questão de que, aos dados de presente do indicativo, foram acrescentados os dados de verbo IR (com uma sílaba). Como nesses contextos não ocorreu *vou ir*, Gibbon (2000, p. 104) acreditou que o resultado estivesse comprometido e realizou uma nova rodada na qual esses dados foram excluídos. Nessa outra rodada, o grupo de fatores número de sílabas não foi apontado como significativo, o que a levou a concluir que a perífrase não foi inibida porque o verbo tinha uma sílaba, mas porque IR, que tem uma sílaba, inibiu categoricamente a perífrase. Nossos resultados também mostram que a perífrase não é inibida por verbos com uma sílaba. Em nossa pesquisa, pelo contrário, esse tipo de verbo foi apontado como o que mais favorece a forma perifrástica.

Aplicando os subprincípios da marcação, teríamos que *verbos com três ou mais sílabas* seriam mais complexos estrutural e cognitivamente e, em relação à distribuição de frequência, menos marcados do que *verbos com duas sílabas*, mas mais marcados do que *verbos com uma sílaba*.

Verbos com duas sílabas, por sua vez, são menos marcados estrutural e cognitivamente do que *verbos com três sílabas ou mais*, mas mais marcados do que *verbos com uma sílaba*.

Por fim, temos os *verbos com uma sílaba*, que são menos marcados de acordo com os três subprincípios da marcação. Desse modo, teríamos *verbos com uma sílaba* como sendo menos marcados *versus verbos com três ou mais sílabas* e *verbos com duas sílabas* como mais marcados. Como a perífrase é mais marcada, o esperado seria que ela estivesse acoplada a estes. Entretanto, a forma perifrástica está ligada a verbos com uma sílaba, contrariando o princípio da marcação e corroborando a ideia de equilíbrio discursivo contextual proposta pelo princípio da expressividade. O resultado parece ter ligação com o auxiliar da perífrase IR + infinitivo. Voltando ao subprincípio da complexidade estrutural, uma estrutura do tipo IR + verbo com uma sílaba é menos complexa do que uma estrutura do tipo IR + verbo com três ou mais sílabas.

5.1.2.4 Pessoa do discurso

O grupo *pessoa do discurso* foi o quarto a ser selecionado pelo programa *Goldvarb* para a influência da perífrase. Procedemos, para este grupo, a amálgama entre os fatores *quem fala – plural [nós; a gente]* com *quem fala – singular [eu]* (plural transformado em singular). Ainda assim, chamam-nos atenção os pouquíssimos dados dos fatores *quem fala – singular* (1) e *com quem fala – singular* (5). Abaixo, seguem exemplos dos fatores do grupo e a tabela com os resultados apresentados pelo *Goldvarb*.

a) Quem fala – singular [eu]:

(52) Pouco conheço da carreira ou da vida do moçambicano tornado lusitano Eusébio. Não VOU FINGIR que sou um estudioso que lê ou assiste a horas de futebol diariamente, dedicando boa parte da vida a um só esporte. Nem tenho essa pretensão. Conheço, sim, os seus valores e significados, a sua magnitude para o futebol mundial e o que representa aos desportistas lusitanos. Aonde os levou no cenário mundial e como os ajudou a fincar raiz entre os grandes do planeta – ora no primeiro, ora no segundo escalão. Naturalmente, também conheço pouco a biografia de Eusébio extracampo. Mas sabia – e ratifiquei após a sua morte – que a

ídole e o intelecto do ídolo português transcendiam as quatro linhas. Por isso, dedico essas primeiras linhas de 2014 a ele, que, por natureza, representa o pensamento por trás dessa coluna. (O Estado, edição de 08 de janeiro de 2014, editoria de Esporte).

b) Quem fala – singular [plural]:

Carlos Barbosa e Erexim, no Rio Grande do Sul; Sorocaba, no Estado de São Paulo; além de Crateús, no Ceará, são as cidades que estão com seus pedidos de sedimento de vários certames nacionais do futebol de salão. E VAMOS torcer para o município crateuense tenha êxito na sua reivindicação de sediar a Copa Brasil de Clubes 2014. (Diário do Nordeste, edição de 09 de janeiro de 2014, editoria de Política).

c) De quem ou sobre o que fala – singular [ele; ela]:

(53) Os amantes da folia de Momo já podem começar a se animar. O ano mal começou e amanhã já tem bloco na rua nos preparativos do pré-carnaval. Neste sábado (4), o Baqueta Bloco de Ritmistas VAI FAZER a festa dos cearenses. A concentração acontece na sede do bloco (Praia de Iracema). Os ensaios continuam durante todos os fins de semana (11, 18 e 25) de janeiro e para participar da folia é cobrado o valor de R\$ 10. (Diário do Nordeste, edição de 05 de janeiro de 2014, editoria de Entretenimento).

d) De quem ou sobre o que fala – plural [eles; elas]:

(54) O ano de 2013 foi de muitas dificuldades para a oposição na Assembleia Legislativa, que, apesar das denúncias e críticas feitas à atual gestão, pouco pôde fazer no que diz respeito à aprovação de matérias, principalmente requerimentos solicitando informações da administração do governador Cid Gomes. Cada vez com menos coro no Legislativo Estadual, os opositores garantem que em 2014 IRÃO ATUAR com mais firmeza na fiscalização e cobrança ao Governo. (Diário do Nordeste, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Política).

A tabela a seguir mostra a influência da pessoa do discurso na escolha da perífrase:

Tabela 15 – Uso da perífrase *versus* futuro e presente de acordo com pessoa do discurso

Fatores	Aplicação/Total	Percentagem	Peso relativo
De quem ou sobre o que fala – singular [ele; ela]	254 / 1808	14.0	0.513
De quem ou sobre o que fala – plural [eles; elas]	37 / 359	10.3	0.426
Quem fala – singular [eu]	1 / 11	9.1	0.362
Com quem fala – singular [tu; vocês]	5 / 6	83.3	0.947

Fonte: própria.

Repetindo o raciocínio que fizemos na primeira rodada, de acordo com a complexidade cognitiva, o que está centrado no falante é menos marcado, pois há maior controle sobre o que é dito. O que é centrado no ouvinte, por sua vez, é mais ou menos marcado e, por fim, o que está centrado na terceira pessoa, é mais marcado. Partindo unicamente deste subprincípio, teríamos que a perífrase, forma mais marcada, deveria estar acoplada às formas de terceira pessoa, também mais marcadas. Não é exatamente o que acontece. O fator *quem fala – singular [eu]*, considerado, de acordo com esta primeira leitura, menos marcado, desfavorece fortemente a perífrase (PR. 362). Já o fator *com quem fala – singular [tu; vocês]*, considerado mais ou menos marcado cognitivamente, favorece fortemente a perífrase (PR.0.947). Por fim, em relação aos fatores de terceira pessoa, tidos como mais marcados, temos que *de quem ou sobre o que fala – singular [ele; ela]* favoreceu, mesmo que sutilmente, o uso da perífrase, ao passo que *de quem ou sobre o que fala – plural [eles; elas]* a desfavoreceu, mesmo que levemente, também.

Novamente, reafirmamos que, diante de tamanha discrepância entre os dados, não temos muito a afirmar, uma vez que corremos o risco de estarmos trabalhando com resultados enviesados. Retomamos, então, a necessidade de fazermos uma análise específica referente aos dados de terceira pessoa. Aplicando os subprincípios da marcação aos fatores *de quem ou sobre o que fala – singular [ele; ela]* e *de quem ou sobre o que fala – plural [eles; elas]*,

intuiremos que o plural é mais complexo estruturalmente, uma vez que a presença de marca o torna mais extenso. Contudo, reiteramos que não podemos estender esta leitura à complexidade cognitiva, uma vez que a dupla marcação poderia simplificar o esforço cognitivo, e não dificultá-lo. Por fim, em relação à distribuição de frequência, argumentamos que o singular é menos marcado, uma vez que é mais frequente.

Desse modo, o esperado, de acordo com o princípio da marcação, é que a perífrase, variante mais marcada, co-ocorra com *de quem ou sobre o que fala – plural [eles; elas]*, fator mais marcado. Contudo, nossos resultados mostram o contrário. *De quem ou sobre o que fala – plural [eles; elas]* tem peso relativo 0.426, ao passo que *de quem ou sobre o que fala – singular [ele; ela]* tem peso relativo 0.513. Assim, mesmo que a diferença seja sutil, os resultados respondem negativamente ao princípio da marcação e reafirmam a busca por um equilíbrio entre cognição e contexto, como propõem Du Bois e Votre (2012).

5.1.2.5 Polaridade

Ao contrário da primeira rodada – que tinha o *futuro* como valor de aplicação –, em que a *polaridade* não foi apontada como relevante, na segunda rodada, que tem a perífrase como valor de aplicação, o grupo foi selecionado – mesmo que por último – como influente no uso da perífrase. *Polaridade* é um grupo composto pelos fatores *afirmativo* e *negativo*, conforme os exemplos abaixo:

a) Afirmativo:

(55) No próximo dia 30 de janeiro, às 19 horas, no Iate Clube, o nosso bom amigo Augusto Borges IRÁ LANÇAR o seu livro “Então, Eu Conto!”, narrando a sua trajetória desde a festa na Caiçara Rádio Ator do elenco de ouro do saudoso João Ramos onde atuou, brilhantemente, seu programa “Show do Mercantil” e, hoje, com seu maravilhoso programa TV Ceará - Canal 5 e pela manhã na Rádio Club. Os filhos estão convidando. (O Estado, edição de 14 de janeiro de 2014, editoria de Entretenimento).

b) Negativo:

(56) TRANQUILO - O tricolor hoje está de olho no bid da cbf. vários reforços aguardam regularização e a comissão técnica só irá saber no fim do treino com quem poderá contar para o jogo de amanhã com o Crato. Pelo que o adversário mostrou no domingo, Fortaleza não VAI PRECISAR de muita gente, não. (Aqui CE, edição de 07 de janeiro de 2014, editoria de Esporte).

De acordo com nossa hipótese, acreditávamos que a negação favoreceria o futuro do presente, ao passo que a afirmação impulsionaria a perífrase e o presente do indicativo. Nossa hipótese foi parcialmente comprovada e parcialmente refutada. Apesar de não ter sido apontado como grupo relevante, os dois fatores da polaridade favoreceram o uso do futuro, conforme mostramos na Tabela 12, de modo que não podemos dizer que a hipótese foi refutada. Entretanto, no caso da perífrase como valor de aplicação, nossa expectativa foi frustrada, pois as formas afirmativas desfavoreceram, mesmo que muito sutilmente, o uso da perífrase, com peso relativo de 0.494; ao passo que as negativas favoreceram, com peso relativo de 0.696, o uso desta variante, conforme apresentado na tabela abaixo:

Tabela 16 – Uso da perífrase *versus* futuro e presente de acordo com polaridade

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
Afirmativo	277 / 2118	13.1	0.494
Negativo	20 / 66	30.3	0.696

Fonte: própria.

Aplicando ao grupo *polaridade* os subprincípio da marcação, temos que as *afirmativas* são menos marcadas de acordo com a complexidade estrutural e cognitiva e as *negativas* são mais marcadas, uma vez que recaí sobre elas uma marca a mais: a da negação. Além disso, argumentamos que as *negativas* são mais marcadas cognitivamente porque interpretar um fato exige menos processamento, atenção, esforço do que interpretar um não-fato. De acordo com a distribuição de frequência, *afirmativas* são menos marcadas, uma vez que são mais frequentes. Entretanto, não podemos desconsiderar a diferença de número de dados. Apesar de *negativas* apresentarem maior percentual de frequência (30.3, contra apenas 13.1 das *positivas*), há muito mais dados de *afirmativas* (277) do que de *negativas* (20). Desse modo, defendemos que o maior percentual de frequência das *negativas* não as torna menos marcadas, uma vez que são pouquíssimos os dados desse tipo. Diante disso, nossa expectativa era de que a perífrase, variante mais marcada, deveria estar acoplada às *negativas*, as formas mais marcadas. O grupo responde positivamente ao esperado, uma vez que as *negativas* apresentam maior peso relativo (PR. 696, contra PR.494 das *afirmativas*).

5.1.2.6 Jornal

O primeiro grupo a ser descartado na influência da perífrase foi *Jornal*. A porcentagem de uso dessa variante foi muito baixa nos quatro jornais, chegando, no máximo, a 16.0, no caso do *Aqui CE*, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 17 – Uso da perífrase *versus* futuro e presente de acordo com jornal

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem
Diário do Nordeste	65 / 506	12.8
O Estado	89 / 729	12.2
O Povo	70 / 493	14.2
Aqui CE	73 / 456	16.0

Fonte: própria.

Apesar de, aparentemente, não termos como discutir satisfatoriamente marcação a partir deste critério, uma vez que não temos pesos relativos, os resultados percentuais respondem satisfatoriamente à nossa hipótese. A variante inovadora, apesar de pouco frequente nos quatro jornais, apresenta maior frequência no jornal menos formal, o *Aqui CE* e menor frequência nos outros três, entendidos como mais formais. Considerando apenas a frequência, já que não dispomos dos pesos relativos, o grupo também respondeu satisfatoriamente ao princípio da marcação, uma vez que a variante mais marcada, a perífrase, está ligada ao jornal mais marcado, o *Aqui CE*.

5.1.2.7 Editoria

O segundo grupo descartado na influência da perífrase foi *editoria*. De acordo com nossa hipótese, os resultados referentes a essa variante inovadora seriam inversos aos referentes à variante conservadora futuro. Entretanto, neste caso, nossa hipótese foi refutada,

como mostram os dados a seguir:

Tabela 18 – Uso da perífrase *versus* futuro e presente de acordo com editoria

Fatores	Aplicação/Total	Percentagem
Política	141 / 781	18.1
Esporte	87 / 842	10.3
Entretenimento	69 / 561	12.3

Fonte: própria.

De acordo com nossa hipótese, a perífrase seria mais usada nas editorias de *Entretenimento*, *Esporte* e *Política*, respectivamente. No entanto, os resultados de frequência apontaram maior uso em *Política*, seguido de *Entretenimento* e, por fim, de *Esporte*. Apesar de ir de encontro à nossa hipótese, o resulta vai ao encontro do que prevê o princípio da marcação. Considerando apenas os resultados percentuais, já que não possuímos os pesos relativos, concluímos que a variante mais marcada, a perífrase, está acoplada à editoria mais marcada, no caso, *Política*.

5.1.2.8 Marca de futuridade

Assim como na primeira rodada, *marca de futuridade* também não foi selecionada na segunda rodada. O grupo foi o terceiro a ser descartado na influência da perífrase. O grupo apresenta os seguintes fatores:

a) Pista temporal de natureza semântica

(55) O deputado Welington Landim -Pros- afirmou que o Pros tem até o mês de junho, época das convenções partidárias, para decidir sobre a composição da chapa majoritária que VAI CONCORRER ao Governo do Ceará nas eleições de 2014. (O Estado, edição de 09 de janeiro de 2014, editoria de Política).

b) Pista temporal de natureza pragmática

(56) Em entrevista concedida ao colega Tarcísio Colares, aqui da Casa, o prefeito de Juazeiro do Norte confessou que IRÁ APOIAR o candidato indicado por Cid Gomes, para sucessão estadual. Ele disse ainda esperar que o postulante assuma antes de receber apoio eleitoral, o compromisso com o desenvolvimento do município de Juazeiro do Norte. (O Estado, edição de 09 de janeiro de 2014, editoria de Política).

Tabela 19 – Uso da perífrase *versus* futuro e presente de acordo com marca de futuridade

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem
Pista temporal de natureza semântica	189 / 1649	11.5
Pista temporal de natureza pragmática	108 / 535	20.2

Fonte: própria.

Basearemos nossas observações apenas nos percentuais, uma vez que não dispomos dos pesos relativos para a análise. De acordo com a complexidade estrutural, o fator *pista temporal de natureza semântica* é mais marcado, pois a marca textual torna o dado mais extenso. Em relação à complexidade cognitiva, a marca semântica facilita o entendimento do contexto de futuridade, uma vez que traz uma pista no texto (contexto ou co-texto), ao contrário do que acontece com a *pista temporal de natureza pragmática*, em que o leitor precisa recorrer ao conhecimento de mundo para entender o contexto de futuridade. Por fim, em relação à distribuição de frequência, fica evidente que *pista temporal de natureza pragmática* é menos marcada, uma vez que é mais frequente.

Com isso, entendemos que a variante marcada perífrase deveria co-ocorrer prioritariamente com *pista temporal de natureza pragmática*, fator mais marcado do grupo marca de futuridade. Nossos percentuais mostram-nos que é isso que acontece. No entanto, é salutar reforçarmos que os pesos relativos nos ofereceriam resultados mais fidedignos, uma vez que trabalham com a interação de todos os fatores e grupos.

5.1.2.9 Origem

O grupo *origem* foi o último da segunda rodada a ser descartado. O grupo

apresenta dados oriundos de *matérias* e de *colunas*, conforme mostram os exemplos abaixo:

a) Matéria

(57) A programação começa na sexta-feira -10- com a sétima edição do festival Encanta Quixadá. A apresentação de violeiros e trovadores vem reunindo, desde o ano de 2007, cantadores da moda nordestina na praça da Fundação Cultural. Na manhã do sábado -11-, acontece a abertura oficial do evento, quando cerca de 30 profetas convidados VÃO EXPOR suas previsões na Associação de Ovinos e Caprinos do Estado do Ceará - ACOCECE-. (O Estado, edição de 12 de janeiro de 2014, editoria de Entretenimento).

b) Coluna

(58) Test drive - Ciro Gomes terá hoje o seu primeiro “test drive” na condição de secretário da Saúde. VAI TER que encarar manifestação do Sindsaúde, por audiência sobre problemas salariais e outros.(O Estado, edição de 10 de janeiro de 2014, editoria de Política).

A tabela abaixo mostra a influência da origem na escolha da perífrase:

Tabela 20 – Uso da perífrase *versus* futuro e presente de acordo com origem

Fatores	Aplicação/Total	Percentagem
Matéria	172 / 1446	11.9
Coluna	125 / 726	17.2

Fonte: própria.

Defendemos, na primeira rodada, que tomou o futuro como valor de aplicação, que as *matérias* são menos marcadas, pois são mais frequentes dentro dos jornais e são estruturalmente mais previsíveis. Seguindo este raciocínio, entendemos as colunas como mais marcadas, por serem menos frequentes e com estrutura mais variada. Desse modo, usando os resultados percentuais para aferirmos o princípio da marcação, teríamos que a perífrase deveria ser mais frequentemente usada em colunas. E é o que acontece, a variante mais marcada é favorecida pelo contexto mais marcado, conforme prevê o princípio da marcação.

5.1.3 *Presente como valor de aplicação*

Na terceira – e última – rodada, adotamos o *presente* como valor de aplicação. Nesta rodada, foram selecionados os grupos de fatores *tipo de verbo*, *extensão do vocábulo*, *distanciamento temporal*, *editoria*, *origem*, *jornal* e *polaridade* e descartados os grupos *pessoa do discurso* e *marca de futuridade*.

O presente é a variante mais marcada, porque é menos frequente, precisa de marcas/pistas de futuridade e, do ponto de vista estrutural, é a mais complexa por estar, normalmente, acoplada a marcas. Numa escala de marcação, teríamos, do mais para o menos marcado: presente, perífrase e futuro. Assim, a perífrase é mais marcada que o futuro e menos marcada em relação ao presente. Com isso, o esperado, de acordo com o princípio da marcação, é que o presente, que é mais marcado, ocorra em contextos também mais marcados.

Procederemos com a caracterização e a exemplificação dos grupos de fatores e com a apresentação dos resultados.

5.1.3.1 *Tipo de verbo*

Tipo de verbo foi o grupo que se mostrou mais relevante, posto que foi o primeiro a ser selecionado nas três rodadas.

a) *Atividade*

(59) Também hoje, o Ceará BUSCA sua reabilitação. A situação do Vovô é bem menos dramática que a do Tricolor do Pici. O time de Porangabuçu empatou com o Botafogo de Ribeirão Preto -SP- na estreia da Copinha. (O Estado, edição de 08 de janeiro de 2014, editoria de Esporte).

b) *Accomplishment*

(60) Se 2014 já havia começado ainda em dezembro de 2013 para Ceará e Fortaleza, a temporada começa pra valer hoje. Os dois rivais se APRESENTAM às 16 horas desta quinta-feira após o recesso de fim de ano, de olho nas primeiras competições. (Diário do Nordeste, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Esporte).

c) *Achievement*

(61) No próximo dia 9, Vera Silveira **RETORNA** de temporada de final de ano, em Lisboa, onde mora a linda filha, Camila Silveira. (O Estado, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Entretenimento).

d) Estado

(62) Festejos selecionados SÃO atrações no fim de semana. (O Estado, edição de 03 de janeiro de 2014, editoria de Entretenimento).

Tabela 21 – Uso do presente *versus* futuro e perífrase de acordo com tipo de verbo

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
Accomplishment	179 / 509	35.2	0.627
Estado	125 / 878	14.2	0.183
Atividade	137 / 379	36.9	0.639
Achievement	261 / 407	64.1	0.885

Fonte: própria.

Como chegamos à análise da última rodada feita pelo programa estatístico *Goldvarb*, temos subsídios suficientes para fazemos uma leitura holística de cada grupo de fatores, apresentando conclusões acerca de nossas hipóteses e verificando o comportamento dos condicionadores de tempo futuro diante do princípio da marcação. O caso do grupo tipo de verbo, o princípio prevê a associação do presente, entendido como variante mais marcada, aos verbos de *estado*, vistos como mais marcados do que verbos dinâmicos, como defendemos na análise das rodadas anteriores. O resultado contraria completamente o princípio givoniano, uma vez que verbos de *estado* inibem categoricamente o presente (com PR. 0.183), e verbos dinâmicos o condicionam (*atividade* (PR. 0.639), *accomplishment* (PR. 0.627) e *achievement* (PR. 0.885)). A falta de conformidade com o princípio da marcação aproxima o resultado do argumento aventado por Du Bois e Votre (2012) de que a proposta de Givón não contempla todos os casos. Por vezes, os procedimentos de marcação serão explicados pelo princípio da expressividade, que propõe o equilíbrio entre cognição e

contexto. Observando os resultados referentes às três rodadas, parece-nos plausível sustentar esta hipótese, uma vez que houve um comportamento padrão de busca de equilíbrio: as formas mais marcadas ocorreram em contextos menos marcados (no caso, perífrase e presente) e as formas menos marcadas ocorreram em contextos mais marcados (no caso, o futuro).

A análise conjunta das três rodadas também confirma, integralmente, nossa hipótese de que a forma nova atingiria, primeiramente, os verbos de ação/atividade, depois, os que denotam processo e, por fim, os verbos de estado. Como vimos, a variante conservadora futuro do presente é fortemente condicionada por verbos de estado, ao passo que as variantes inovadoras perífrase e presente são inibidas por verbos de estado e condicionadas por verbos de ação.

Por fim, chama-nos atenção o quanto verbos do tipo *achievement* condicionam o presente (PR. 0.885). Parece-nos haver uma associação entre a natureza pontual deste tipo de verbo e o tempo presente.

5.1.3.2 Extensão do vocábulo

Assim como aconteceu na primeira rodada, o grupo de fatores *extensão do vocábulo* foi o segundo a ser selecionado na terceira rodada, que teve o presente como valor de aplicação. Os fatores deste grupo estão especificados e exemplificados abaixo:

a) Verbo com uma sílaba:

(63) O deputado federal Raimundo Gomes de Matos também É candidato à reeleição. E o tucano nem titubeia. Hoje, ele é o único parlamentar do PSDB do Ceará na Câmara Federal. Bem diferente do passado, lá pelo ano de 1998, quando a bancada tucana reunia 12 dos 22 deputados federais cearenses. (Aqui CE, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Política).⁹⁰

⁹⁰ Achamos oportuno usar esse exemplo para explicar uma questão importante. O dado destacado – o verbo *ser* no presente – parece não apresentar valor de futuro. Entretanto, se analisarmos o contexto no qual o dado se insere, o valor de futuridade se torna inequívoco. O exemplo, extraído da edição do dia 2 de janeiro de 2014 do jornal *Aqui CE*, afirma que o deputado federal Raimundo Gomes de Matos É candidato. Nesta data, no entanto, Raimundo Gomes de Matos não poderia ser candidato, pois o registro das candidaturas para as Eleições de 2014 só aconteceria a partir do dia 12 de junho daquele ano. Mesmo que o leitor do jornal não tivesse conhecimento do dia exato, seu conhecimento de mundo o permitiria inferir que ainda faltavam meses para o registro oficial, posto que o pleito só aconteceria em outubro. Com isso, parece-nos claro que o exemplo quer dizer que, já na época, os indícios de que o deputado tentaria reeleição eram tão evidentes, que era possível afirmar que ele, com certeza, seria candidato. A data do jornal e o contexto nos permitem afirmar que o verbo *ser* em questão tem valor de futuro. Em outros exemplos ao longo do texto, ao tentarmos substituir a variante futuro simples ou a variante perifrástica pela forma de presente, o resultado é que a indicação temporal se torna ambígua ou deixa de

b) Verbo com duas sílabas:

(64) O Luxo da Aldeia se prepara para a folia no próximo sábado -18-. Na ocasião, o bloco CONTA com uma presença pra lá de especial: o cantor e compositor Moraes Moreira, no Kukukaya (Av. Pontes Vieira, 55), a partir das 17h. No repertório, canções de compositores e intérpretes cearenses de nascimento ou de coração. (Diário do Nordeste, edição de 10 de janeiro de 2014, editoria de entretenimento).

c) Verbo com três ou mais sílabas:

(65) Apesar de começar tarde, a temporada de 2014 vai ser de nova maratona para o Alvinegro, assim como em 2013. O ano COMEÇA com o Nordestão, que vai de 18 de janeiro -estreia do Ceará- até 23 de fevereiro -data da final-. Na semana do dia 23, o time de Soares ESTREIA no Cearense, que acaba em 16 de abril. Em janeiro, o time ainda faz o duelo de jogo único com o Barbalha. A Série B preencherá o calendário de 19 de abril a 29 de novembro, parando para a Copa do Mundo. O mesmo acontece com a Copa do Brasil, cujo calendário COMEÇA em 12 de março e termina em 26 de novembro. (O Estado, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Esporte).

A tabela abaixo apresenta os resultados referentes à extensão do vocábulo no uso do presente do indicativo:

Tabela 22 – Uso do presente *versus* futuro e perífrase de acordo com extensão do vocábulo

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
Verbo com três ou mais sílabas	343 / 1086	31.6	0.383
Verbo com duas sílabas	219 / 917	23.9	0.470
Verbo com uma sílaba	144 / 181	79.6	0.970

haver indicação de futuro. Nesses casos, vale o mesmo argumento: os exemplos usados aqui estão descontextualizados. A íntegra dos textos, juntamente com todos os elementos do jornal (como data, fotos, legendas de fotos etc), o contexto e o conhecimento de mundo acerca do assunto é que asseguram o valor de futuridade.

Fonte: própria.

Assim como aconteceu nas rodadas com o futuro e com a perífrase como valor de aplicação, os resultados desta terceira rodada também contrariam nossa hipótese. Acreditávamos que quanto mais sílabas o verbo tivesse, maior seria a possibilidade de uso de perífrase ou de presente. Contudo, o fator *verbo com uma sílaba* foi o que se mostrou mais influente na escolha desses dois fatores. No caso do *presente*, essa influência é ainda mais acentuada, pois esse fator foi categoricamente favorecedor do *presente* (0.970), ao passo que os fatores *verbo com duas sílabas* (0.470) e *verbo com três ou mais sílabas* (0.383) desfavoreceram o uso dessa variante.

Também nas três rodadas, o grupo de fatores *extensão do vocábulo* respondeu negativamente ao princípio da marcação. Aqui, o esperado seria que o presente, por ser mais marcado, estivesse acoplado a *verbos com três ou mais sílabas* e *verbos com duas sílabas*, que correspondem aos fatores mais marcados do grupo. Entretanto, como dissemos, a perífrase está fortemente associada a *verbos com uma sílaba*. Assim, mais uma vez, todos os resultados apontam para uma mesma direção e, novamente, este caminho é a busca por um equilíbrio entre cognição e contexto.

5.1.3.3 Distanciamento temporal

O grupo distanciamento temporal foi o terceiro selecionado para a influência do presente. O grupo é composto pelos seguintes fatores:

a) Futuro imediato ou próximo

(66) A entrada de Tatá Werneck no “BBB14” vai provocar um corrida contra o relógio para os diretores de “Amor à Vida”. A cena deverá ser a última exibida no capítulo 207 na quarta-feira -15-, e MOSTRA a atriz na porta principal da casa. Só que Valdirene, personagem na novela, ENTRA mesmo no reality show e participa logo da primeira festa do programa. (O Estado, edição de 14 de janeiro de 2014, editoria de Entretenimento).

b) Futuro distante ou intermediário

(67) Na contramão, o PSD divide com o PT a segunda posição no ranking de bancadas da AL, com cinco deputados em exercício. “Nessas eleições, nós estamos trabalhando para aumentar nossas bancadas, principalmente a federal que é quem determina o tamanho do partido”, afirma Almircy Pinto, que TRABALHA

para eleger dois deputados estaduais e sete federais em 2014. (Aqui CE, edição de 13 de janeiro de 2014, editoria de Política).

c) Futuro indeterminado

(68) Por fim, não se pode esquecer a mudança de emissora de Sabrina Sato. Depois de um adeus emocionado aos colegas do “Pânico”, a japa ASSUME o comando de um novo programa na Record. Especula-se que ela ocupará o lugar do “Domingo da Gente”. (Diário do Nordeste, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Entretenimento).

Tabela 23 – Uso do presente *versus* futuro e perífrase de acordo com distanciamento temporal

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
Futuro imediato ou próximo	583 / 1338	43.6	0.634
Futuro intermediário ou distante	36 / 280	12.9	0.294
Futuro indeterminado	87 / 566	15.4	0.296

Fonte: própria.

Cientes dos resultados das três rodadas, podemos concluir que, no caso do grupo distanciamento temporal, nossa hipótese foi parcialmente confirmada e parcialmente refutada. Conforme previsto, o *futuro imediato ou próximo* condicionou o uso do presente (com PR. 0.634) e o *futuro intermediário ou distante* e o *futuro indeterminado* condicionaram o futuro do presente, com pesos relativos de 0.582 e 0.562, respectivamente. Entretanto, o resultado esperado para a segunda rodada foi contrariado, uma vez que, ao contrário do que era previsto, o *futuro imediato ou próximo* desfavoreceu a perífrase, com peso relativo 0.399.

Como vimos nas outras rodadas, o *futuro imediato ou próximo* e o *futuro intermediário ou distante* são mais complexos estruturalmente, mas menos complexos cognitivamente do que o *futuro indeterminado*. Desse modo, precisamos recorrer, mais uma vez, ao subprincípio da distribuição de frequência, segundo o qual, o *futuro intermediário ou distante* é mais marcado (com percentual 43.6), seguido do *futuro indeterminado* (com percentual 15.4) e, por fim, do *futuro imediato ou próximo* (com percentual 12.9).

Desse modo, o princípio da marcação prevê, para este grupo, nesta rodada, que o presente deveria ligar-se ao *futuro intermediário ou distante* e ao *futuro indeterminado*, para justificar que marcas levam a marcas. Contudo, o resultado é inverso, uma vez que o presente é condicionado pelo *futuro imediato ou próximo* (PR. 0.634). O corolário disso é que o princípio da marcação justifica a primeira rodada, com o futuro do presente como valor de aplicação, ao passo que o princípio da expressividade justifica a segunda e a última rodada, que tem, respectivamente, a perífrase e o presente como valor de aplicação.

5.1.3.4 Editoria

O grupo de fatores *Editoria* foi o quarto selecionado nesta terceira rodada, que tem o *presente* como valor de aplicação. Aqui, parece-nos interessante cotejar estes resultados com aqueles obtidos na segunda rodada, que adotou a perífrase como valor de aplicação. Isso porque nossa hipótese colocava essas duas variantes – entendidas por nós como inovadoras – em paridade e as contrapunha à variante padrão, o futuro *do presente*. De acordo com nossa expectativa, no tocante à editoria, as variantes inovadoras sofreriam a influência oposta à do *futuro*, ou seja, esperávamos que as formas em perífrase e em presente fossem mais encontradas na editoria de *Entretenimento*, depois, na de *Esporte* e, por fim, na de *Política*. Nossa hipótese, que se ancorou no grau de formalidade de cada editoria, foi refutada no caso da perífrase, mas foi confirmada no caso do presente, conforme mostram os dados que seguem:

Tabela 24 – Uso do presente *versus* futuro e perífrase de acordo com editoria

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
Política	129 / 781	16.5	0.353
Esporte	306 / 842	36.3	0.546
Entretenimento	271 / 561	48.3	0.638

Fonte: própria.

Como mostram os resultados acima, a editoria que mais influenciou o uso do *presente* foi *Entretenimento* (PR. 0.638), seguida de *Esporte* (PR. 0.546) e, por fim, de *Política* (PR. 0.353). Confirmando nossa hipótese, essa variante inovadora encontrou maior inserção nas editorias mais informais e menor entrada na editoria mais formal. Inclusive, é importante salientar que o fator *Política* inibiu o uso do *presente*, o que reforça nossa expectativa.

Segundo o princípio da marcação, como o presente é a variante mais marcada, ela deveria estar associada à *Política*, a editoria mais marcada. Contudo, como dissemos, o presente é condicionado pelas editorias de *Entretenimento* (com PR. 0.638) e de *Esporte* (com

PR. 0.546). Neste caso, a conclusão segue a mesma linha adotada na primeira rodada, mas chega ao resultado inverso. O equilíbrio cognitivo contextual, aqui, se dá através do uso da variante mais marcada (presente) no contexto menos marcado (*Entretenimento*). Ainda seguindo a lógica da análise da primeira rodada, podemos afirmar, tão somente, que, independente do princípio da marcação, a editoria menos formal é o contexto mais propício para o uso da variante menos conservadora.

5.1.3.5 *Origem*

Origem, grupo composto pelos fatores *matéria* e *coluna*, foi o quinto selecionado para a influência da variante presente. A seguir, apresentaremos exemplos referentes a estes fatores:

a) *Matéria*

(69) A data não poderia ser mais conveniente. O músico potiguar, que adotou há muito tempo a terrinha como morada oficial, COMPLETA 43 anos no próximo dia 5. Tá, é um domingo, mas a ideia é essa: apagar as velinhas na hora da virada! "O meu aniversário é no dia 5 de janeiro, resolvemos celebrar da melhor forma dividindo a minha alegria com o público. Essa festa será a primeira de muitas que realizarei em Fortaleza", conta. (Diário do Nordeste, edição de 03 de janeiro de 2014, editoria de Entretenimento).

b) *Coluna*

(70) Pelos objetivos que o inspiraram, o PNE é avaliado como o mais importante projeto encaminhado ao Congresso no ano legislativo de 2013 daí ter sido objeto de ampla discussão não apenas entre os congressistas, mas nas diferentes regiões do País por vários segmentos da sociedade civil. Na avaliação do senador Eunício Oliveira, o Plano prevê um aumento progressivo do investimento público na Educação para atingir o patamar de 7% do Produto Interno Bruto após o quinto ano de sua vigência e, ao fim de 10 anos, no mínimo 10% do PIB. É importante dizer que este Plano tramita há 3 meses e que, quando em vigor, DEFINE dez diretrizes a serem seguidas nos próximos 10 anos. (Diário do Nordeste, edição de 03 de janeiro de 2014, editoria de Política).

A tabela abaixo mostra os resultados do grupo *Origem* em relação à variante presente do indicativo:

Tabela 25 – Uso do presente *versus* futuro e perífrase de acordo com origem

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
Matéria	547 / 1446	37.8	0.585
Coluna	155 / 726	21.3	0.335

Fonte: própria.

Nas duas rodadas anteriores, expusemos os argumentos por trás da nossa defesa de que as matérias são menos marcadas e as colunas, mais marcadas. Aceitando essa hipótese, diremos que, para responder satisfatoriamente ao princípio da marcação, o presente, variante mais marcada, deve estar acoplado às colunas. Acontece o oposto: *matérias* condicionam o presente (PR. 0.585), ao passo que *colunas* o inibem (PR. 0.335). Resumindo este grupo, temos que o futuro e o presente são justificados pelo princípio da expressividade e a perífrase, pelo princípio da marcação.

5.1.3.6 *Jornal*

O sexto grupo selecionado na influência de uso do presente foi *jornal*. Assim como fizemos em *editoria*, usamos o grau de formalidade como critério para composição de nossa hipótese. Como já foi dito, a escala de grau de formalidade que propusemos se apoiava no histórico e caracterização de cada jornal e na pesquisa que realizamos para aferir o grau de formalidade de cada um deles. Diante disso, podemos dizer que nossa hipótese foi confirmada, uma vez que o presente, uma de nossas variantes inovadoras, sofreu mais influência do fator *Aqui CE* (com PR. 0.692), o jornal mais informal, e menor influência do fator *Diário do Nordeste* (com PR. 0.356), o jornal mais conservador. Os jornais em que encontramos maior dificuldade de encaixe dentro de nossa “escala de formalidade” apresentaram comportamento semelhante, com pesos relativos bastante próximos: 0.503, no caso do jornal *O Estado* e 0.460, no caso do jornal *O Povo*.

Vejamos a tabela a seguir:

Tabela 26 – Uso do presente *versus* futuro e perífrase de acordo com jornal

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
Diário do Nordeste	133 / 506	26.3	0.356
O Estado	237 / 729	32.5	0.503
O Povo	139 / 493	28.2	0.460
Aqui CE	197 / 456	43.2	0.692

Fonte: própria.

Os resultados acima nos dão subsídios interessantes para testarmos nossa hipótese, uma vez que, na segunda rodada, que tinha a perífrase como valor de aplicação, o grupo *Jornal* foi descartado. Mesmo com a falta dos pesos relativos, os resultados percentuais corroboraram nossa hipótese. Desse modo, podemos dizer que a perífrase e o presente responderam da forma como esperávamos que as variantes inovadoras respondessem e o futuro apresentou o comportamento esperado para a variante conservadora.

Assim como nas duas primeiras rodadas, a rodada que tomou o presente como valor de aplicação também respondeu positivamente ao princípio da marcação, uma vez que o jornal mais marcado, ou seja, o *Aqui CE*, condiciona, mais fortemente, o presente, que é a variante mais marcada.

5.1.3.7 Polaridade

Polaridade foi o sétimo – último – grupo selecionado na influência do *presente*. Abaixo, exemplificamos os fatores que compõem este grupo, a saber: *afirmativo* e *negativo*.

a) Afirmativo:

(71) O prefeito de Itaitinga, Abel Rangel -PPL- foi reconduzido ao cargo, após dar entrada em ação cautelar, com pedido de liminar, acatada pelo juiz do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará (TER), Cid Marconi, ontem. Abel Rangel teve o mandato cassado, na terça-feira, 7, pelo juiz da Zona Eleitoral de Pacatuba, Região Metropolitana de Fortaleza. O prefeito é acusado por irregularidades na prestação de contas de campanha do

prefeito em 2012. De acordo com informações da assessoria de imprensa do TRE, Abel PERMANECE no cargo até ser julgado o recurso contra a decisão que o removeu do cargo da administração municipal por abuso de poder econômico. Não há previsão para o julgamento. (O Povo, edição de 10 de janeiro de 2014, editoria de Política).

b) Negativo:

(72) O ano futebolístico começa hoje com a expectativa da chegada dos principais reforços de Ceará e Fortaleza para a temporada. No Pici, a quinta deve marcar o primeiro treino do lateral esquerdo fernandinho e do meia-atacante marcelinho paraíba. serão espectadores de luxo das próximas duas rodadas, pelo menos. no ceará, entre hoje e amanhã está previsto o desembarque do zagueiro Anderson, do meia Souza e do atacante Bill. Também não JOGAM na estreia pelo Nordestão, no dia 18. (Aqui CE, edição de 02 de janeiro de 2014, editoria de Esporte).

A tabela que segue, por sua vez, mostra os resultados referentes ao uso do *presente versus* o uso do futuro e da perífrase no que diz respeito à *polaridade*:

Tabela 27 – Uso do presente *versus* futuro e perífrase de acordo com polaridade

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem	Peso relativo
Afirmativo	696 / 2118	32.9	0.507
Negativo	10 / 66	15.2	0.283

Fonte: própria.

Como vimos, a segunda rodada, que tinha a perífrase como valor de aplicação refutou nossa hipótese, já que as formas afirmativas desfavoreceram o uso da *perífrase* e as formas negativas o favoreceram. Na terceira rodada, no entanto, nossa previsão foi contemplada, uma vez que o fator *afirmativo* impulsionou o uso do *presente* com peso relativo de 0.507, e o fator *negativo* o inibiu, com peso relativo de 0.283.

Neste grupo, o princípio da marcação encontra ressalvas importantes nas três rodadas. Nesta, ele não se confirma, uma vez que a variante mais marcada, o presente, é condicionada pelo contexto menos marcado, no caso, as afirmativas (com PR. 0.507). No caso da rodada com o futuro como valor de aplicação, o princípio se confirma, mas se levamos em

consideração apenas os percentuais, uma vez que o grupo não foi selecionado e, conseqüentemente, não apresenta pesos relativos. Por fim, no caso da segunda rodada, com a perífrase como valor de aplicação, o princípio só é respondido positivamente se considerarmos, para a distribuição de frequência, a quantidade de dados e não os percentuais.

Voltando à nossa hipótese, podemos dizer que nossa expectativa foi parcialmente confirmada, uma vez que a negação favoreceu, mesmo que sutilmente, o futuro do presente; e a afirmação condicionou o presente. Nossa hipótese só foi contrariada em relação à perífrase. Esperávamos que ela fosse condicionada pela afirmativa, mas ela foi favorecida pela negação.

5.1.3.8 Pessoa do discurso

O grupo *Pessoa do discurso* foi o primeiro a ser descartado na influência de uso do presente. Os fatores *com quem fala – singular e plural [você; vocês]* apresentaram nocaute. Seguem, abaixo, a exemplificação dos fatores que compõem este grupo e a tabela com os resultados oferecidos pelo programa *Goldvarb*:

a) Quem fala – singular [eu]:

(73) Hoje e todos os dias, eu TENHO um encontro com vocês através das ondas da super Rádio Club 1.200 AM, pela manhã, dentro do maravilhoso programa do Fran Silveira e, à tarde, no programa da talentosa Tetê Carvalho, a partir das 14 horas. Estarei narrando os principais acontecimentos sociais da nossa sociedade. É mais um tento do diretor Henrique Gondim. (O Estado, edição de 14 de janeiro de 2014, editoria de Entretenimento).

b) Quem fala – plural [nós; a gente]:

(74) Aos emboléus - O Choque chegou junto ao grupo de policiais sub judice e o comando disse: - Tem cinco minutos pra deixar a rua. Alguém gritou: A gente não SAI. (O Estado, edição de 14 de janeiro de 2014, editoria de Entretenimento).

c) De quem ou sobre o que fala – singular [ele; ela]:

(75) O Fortaleza começou com o pé esquerdo a sua participação na Copa São Paulo de Futebol Júnior. O Leãozinho foi goleado por 6 a 0 pelo CRB, em Indaiatuba-SP. Os gols do time alagoano foram marcados por: Lucas (2), Bruno, Luiz Gustavo (2) e Rafael. O Fortaleza VOLTA a campo pela segunda rodada da competição nesta quarta-feira, 8, para tentar a sua reabilitação diante da Ponte Preta, às 15h (horário local).

(Aqui CE, edição de 06 de janeiro de 2014, editoria de Esporte).

d) De quem ou sobre o que fala – plural [eles; elas]:

(76) SERVIÇO: Cid e Guimarães DEBATEM sucessão nesta segunda

Quando: às 9h

Os dois PARTICIPAM da entrega do “Hora de Plantar” em Barbalha, depois voltam juntos para Capital. (O Povo, edição de 13 de janeiro de 2014, editoria de Política).

Tabela 28 – Uso do presente *versus* futuro e perífrase de acordo com pessoa do discurso

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem
De quem ou sobre o que fala – singular [ele; ela]	613 / 1808	33.9
De quem ou sobre o que fala – plural [eles; elas]	91 / 359	25.3
Quem fala – singular [eu]	1 / 7	14.3
Quem fala – plural [nós; a gente]	1 / 4	25.0

Fonte: própria.

Acreditamos que o descarte do grupo se deu devido aos poucos dados de *quem fala – singular [eu]* e *quem fala – plural [nós; a gente]*. Cada um dos fatores só apresentou um dado. Como não foi selecionado, o programa estatístico não apresentou os pesos relativos referentes ao grupo. Se levarmos em consideração apenas porcentagem, o fator *de quem ou sobre o que fala – singular [ele; ela]* é menos complexo estruturalmente e também menos marcado de acordo com a distribuição de frequência. Essa foi a forma que apresentou mais frequentemente o *presente*, contrariando o princípio da marcação, segundo o qual, o presente, neste caso, deveria estar acoplado ao fator *de quem ou sobre o que fala – plural [eles; elas]*, que é mais marcado (por apresentar marca de plural e ser menos frequente).

5.1.3.9. Marca de futuridade

O último grupo descartado para a influência do presente foi *marca de futuridade*, que apresenta os seguintes fatores:

a) Pista temporal de natureza semântica

(77) No dia 18, a folia PROMETE ser especial: o bloco contará com a participação do cantor e compositor Moraes Moreira. O ensaio também ACONTECE no Kukukaya, a partir das 17h. (Diário do Nordeste, edição de 03 de janeiro de 2014, editoria de Entretenimento).

b) Pista temporal de natureza pragmática

(78) Encontro - Na condição de presidente da entidade que congrega Reitores Federais -Andifes-, o reitor da UFC, Jesualdo Farias, COORDENA, em Brasília, encontro com a presidente Dilma. No referido encontro, que TERÁ o ministro Mercadante, do MEC, Jesualdo solicitará autonomia financeira e flexibilidade para licitações nas compras, e nas contratações de terceirizados. (O Estado, edição de 08 de janeiro de 2014, editoria de Política).

Tabela 29 – Uso do presente *versus* futuro e perífrase de acordo com marca de futuridade

Fatores	Aplicação/Total	Porcentagem
Pista temporal de natureza semântica	617 / 1649	37.4
Pista temporal de natureza pragmática	89 / 535	16.6

Fonte: própria.

A partir dos percentuais acima, podemos tirar uma explicação interessante. O presente é mais frequente em dados com *pista temporal de natureza semântica* porque, de modo geral, para ter valor de futuro, o presente precisa estar acompanhado de alguma marca

textual que expresse futuridade, como um advérbio. No caso de futuro, que possui pista interna de futuridade, há menor necessidade de uma pista textual.

5.2 Considerações finais do capítulo

Para finalizarmos este capítulo, introduziremos os contextos prototípicos de utilização de cada uma das variantes e apresentaremos algumas generalizações acerca da relação entre variantes dependentes e grupos de fatores. A partir dos pesos relativos oferecidos pelo programa *Goldvarb*, vimos os fatores que mais influenciam o uso do futuro do presente, da perífrase (IR + infinitivo) e do presente na codificação de tempo futuro.

De acordo com os pesos relativos da primeira rodada, o contexto prototípico de uso do futuro do presente sintético é: verbo de *estado* (PR. 0.829), com *três ou mais sílabas* (PR. 0.550), da editoria de *Política* (PR.0.585), do jornal *Diário do Nordeste* (0.619), oriundo de *coluna* (PR. 615). Em relação ao distanciamento temporal, o contexto prototípico é o *futuro indeterminado ou distante* (PR. 585) e a pessoa do discurso é do tipo *quem fala – plural [nós; a gente]* (PR.0.681). A partir dos pesos relativos também podemos identificar o contexto que mais desfavorece o uso do futuro, qual seja: verbo do tipo *achievement* (PR. 0.144), com *duas sílabas* (PR. 0.441), da editoria de *entretenimento* (PR. 0.386), do jornal *Aqui CE* (0.314), retirado de *matéria* (PR. 0.441), no *futuro imediato ou próximo* (PR. 0.456), na primeira pessoa do singular (PR. 0.376). Vale lembrar que, se considerarmos apenas *de quem ou sobre o que fala*, pessoa mais usada no contexto jornalístico, teremos o plural como mais prototípico (PR. 0.589) e o singular como menos (PR. 0.484). *Marca de futuridade e polaridade* não se mostraram relevantes no condicionamento de futuro.

A perífrase, por sua vez, tem como contexto prototípico verbo de *atividade* (PR. 0.686), com *futuro indeterminado* (PR. 0.661), *uma sílaba* (PR. 0.674), em segunda pessoa – singular (PR. 947), no *negativo* (PR. 0.636). Por outro lado, a variante é mais fortemente desfavorecida por verbo de *estado* (PR. 0.282), com *futuro imediato ou próximo* (PR. 0.399), *três sílabas ou mais* (PR. 0.465), na primeira pessoa do singular (PR. 362), na *afirmativa* (PR. 0.494). Considerando apenas a terceira pessoa, o singular favoreceu a perífrase, com PR. 0.513, e o plural a desfavoreceu, com PR. 0.426. Os grupos *jornal*, *editoria*, *marca de futuridade* e *origem* não foram selecionados para influência de perífrase.

Por fim, no caso do presente como valor de aplicação, o contexto prototípico de uso seria verbo do tipo *achievement* (PR. 0.885), com *verbo com uma sílaba* (0.885), com *futuro imediato ou próximo* (PR. 0.634), da editoria de *Entretenimento* (PR. 0.638), oriundo

de *matérias* (PR. 0.585), do jornal *Aqui CE* (PR. 0.692), *afirmativo* (PR. 0. 507). E o contexto de desfavorecimento seria verbo do tipo *estado* (PR. 0.183), com três sílabas ou mais (0.383), com *futuro intermediário ou distante* (PR. 0.294), da editoria de *Política* (PR. 0.353), oriundo de *colunas* (PR. 0.335), do jornal *Diário do Nordeste* (PR. 0.356), *negativo* (PR. 0.283). Os grupos pessoa do discurso e marca de futuridade foram excluídos na influência de presente.

A seguir, faremos mais algumas considerações sobre as motivações que favorecem ou desfavorecem cada variante. Para tanto, falaremos individualmente sobre cada grupo.

a) Tipo de verbo

Comparando a significância dos fatores do grupo *tipo de verbo*, podemos dizer que houve um equilíbrio das motivações, uma vez que cada tipo de verbo condicionou uma das variantes dependentes: verbos do tipo *estado* condicionaram o futuro do presente; verbos de *atividade* favoreceram a perífrase; e verbos do tipo *achievement* condicionaram o presente do indicativo.

No quadro abaixo (e nos demais que se seguem), apresentaremos a aplicação do princípio da marcação em cada um dos grupos. Na primeira coluna, listamos as variantes dependentes futuro do presente, perífrase IR + infinitivo e presente do indicativo. Na segunda coluna, apresentamos a marcação dessas variantes. A terceira coluna, por sua vez, refere-se à marcação dos fatores, listados na quarta coluna, que favorecem cada variante dependente. E, por fim, na última coluna, listamos os fatores que desfavorecem cada variante dependente.

No caso do grupo *tipo de verbo*, é interessante observamos a ligação entre *verbos de estado* e a variante conservadora *futuro* e verbos do tipo [+ *dinâmico*] e as variantes inovadoras (*perífrase* e *presente*). A relação mostra-se tão intrínseca, que a motivação para o desfavorecimento é a mesma: verbos de *estado* desfavorecem as formas novas, ao passo que um tipo de verbo dinâmico (*achievement*) desfavorece a forma padrão, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 03 – Aplicação do princípio da Marcação no grupo tipo de verbo

Variante dependente	Marcação (variantes)	Marcação (fator favorecedor)	Fator	
			Favorece	Desfavorece
Futuro do presente	- marcado	+ marcado	estado	achievement
Perífrase infinitivo	IR + + marcada	- marcado	atividade	estado
Presente do indicativo	+ marcado	- marcado	achievement	estado

Fonte: própria.

No quadro acima, também expusemos, esquematicamente, a aplicação do princípio da marcação. No caso do grupo tipo de verbo, nas três rodadas, o princípio foi negado, uma vez que os resultados apontam para a busca de um equilíbrio discursivo-contextual.

b) Extensão do vocábulo

A partir dos resultados obtidos para o grupo *extensão do vocábulo*, podemos apreender, mais uma vez, uma linha de equilíbrio de motivações.

Quadro 04 – Aplicação do princípio da Marcação no grupo extensão do vocábulo

Variante dependente	Marcação (variantes)	Marcação (fator favorecedor)	Fator	
			Favorece	Desfavorece
Futuro do presente	- marcado	+ marcado	3 sílabas ou mais	2 sílabas
Perífrase IR + infinitivo	+ marcada	- marcado	1 sílaba	3 sílabas ou mais
Presente do indicativo	+ marcado	- marcado	1 sílaba	3 sílabas ou mais

Fonte: própria.

Como podemos ver acima, verbos maiores condicionam a variante padrão e verbos menores desfavorecem-na. Já com as variantes não-padrão, o comportamento é inverso: verbos menores favorecem-nas e verbos maiores desfavorecem-nas. Vale lembrar que, no caso da primeira rodada, não havia nenhum dado de verbo com uma sílaba, de modo que verbos com duas sílabas são os menores verbos de futuro, o que confirma nossa conclusão. Mais uma vez, nas três rodadas, o grupo aponta para um equilíbrio entre cognição e contexto, em detrimento do princípio da marcação.

c) Distanciamento temporal

Também no grupo *distanciamento temporal*, cada fator favoreceu uma variante dependente: o *futuro intermediário ou distante* favoreceu o futuro; o *futuro indeterminado*, a perífrase; e o *futuro imediato ou próximo*, o presente, como mostra o quadro abaixo:

Quadro 05 – Aplicação do princípio da Marcação no grupo distanciamento temporal

Variante dependente	Marcação (variantes)	Marcação (fator favorecedor)	Fator	
			Favorece	Desfavorece
Futuro do presente	- marcado	- marcado	futuro intermediário ou distante	futuro imediato ou próximo
Perífrase infinitivo	IR + + marcada	- marcado	futuro indeterminado	futuro imediato ou próximo
Presente do indicativo	+ marcado	- marcado	futuro imediato ou próximo	futuro intermediário ou distante

Fonte: própria.

Também parece haver equilíbrio no caso dos fatores que desfavoreceram as variantes, que são semanticamente opostos aos fatores condicionadores. No caso da rodada com a perífrase, o grupo *futuro indeterminado* parece guardar mais relação com o *futuro intermediário ou distante*, por isso, o grupo que o inibiu foi o *futuro imediato ou próximo*.

Como exposto no quadro, apenas a primeira rodada respondeu positivamente ao princípio da marcação, uma vez que, a forma menos marcada foi favorecida pelo contexto menos marcado. Nas outras duas rodadas, permaneceu o equilíbrio cognitivo-contextual.

d) Editoria

Estas considerações finais da análise apontam para resultados bastante lineares em nossa pesquisa. Mais uma vez, os resultados mostram um equilíbrio de motivação entre os fatores. Além disso, as rodadas parecem manter um padrão em relação ao princípio da marcação. No caso deste grupo, as duas rodadas confirmaram o princípio da marcação.

Quadro 06 – Aplicação do princípio da Marcação no grupo editoria

Variante dependente	Marcação (variantes)	Marcação (fator favorecedor)	Fator	
			Favorece	Desfavorece
Futuro do presente	- marcado	- marcado	Política	Entretenimento
Presente indicativo	do + marcado	+ marcado	Entretenimento	Política

Fonte: própria.

De maneira bastante equilibrada, a editoria mais formal (*Política*) favoreceu a variante mais formal e a editoria menos formal (*Entretenimento*) desfavoreceu a variante mais formal. O comportamento em relação à variante inovadora presente foi o inverso, como mostra o quadro acima. O grupo *editoria* não foi apontado como relevante na influência da perífrase.

e) Jornal

Mais uma vez o grupo não foi selecionado como relevante na influência da perífrase, por isso, o programa estatístico *Goldvarb* só ofereceu pesos relativos referentes ao futuro e ao presente, como vemos a seguir:

Quadro 07 – Aplicação do princípio da Marcação no grupo jornal

Variante dependente	Marcação (variantes)	Marcação (fator favorecedor)	Fator	
			Favorece	Desfavorece
Futuro do presente	- marcado	- marcado	Diário do Nordeste	Aqui CE
Presente do indicativo	+ marcado	+ marcado	Aqui CE	Diário do Nordeste

Fonte: própria.

Conforme dissemos, os resultados vêm se apresentado uniformemente. Mais uma vez, o fator (*Diário do Nordeste*) que favorece a variante conservadora (futuro) é o mesmo que desfavorece a variante inovadora presente e vice-versa. A resposta também foi padrão em relação ao princípio da marcação. Nas duas rodadas, os resultados apontam que marcas levam a marcas, como prevê o princípio givoniano.

f) Origem

O grupo *origem* também foi descartado na segunda rodada e, por isso, não aparece no esquema abaixo:

Quadro 08 – Aplicação do princípio da Marcação no grupo tipo de origem

Variante dependente	Marcação (variantes)	Marcação (fator favorecedor)	Fator	
			Favorece	Desfavorece
Futuro do presente	- marcado	+ marcado	coluna	matéria
Presente do indicativo	+ marcado	- marcado	matéria	coluna

Fonte: própria.

Como mostra o quadro acima, colunas favorecem o futuro e desfavorecem o presente e matérias favorecem o presente e desfavorecem o futuro, confirmando, mais uma

vez, o padrão de equilíbrio de motivações dos nossos resultados. Neste caso, como só há duas variantes e dois fatores no grupo, o equilíbrio é óbvio. Ainda seguindo a uniformidade dos resultados, as duas rodadas contrariam o princípio da marcação, sendo justificadas pelo princípio da expressividade, proposto por Du Bois e Votre (2012).

g) Pessoa do discurso

Para estas considerações finais, analisaremos apenas os dados referentes a terceira pessoa, uma vez que dados do tipo *de quem ou sobre o que fala – singular e plural* são a base do texto jornalístico, sendo, conseqüentemente, bem mais frequentes que os dados referentes às outras pessoas do discurso.

Quadro 09 – Aplicação do princípio da Marcação no grupo pessoa do discurso

Variante dependente	Marcação (variantes)	Marcação (fator favorecedor)	Fator	
			Favorece	Desfavorece
Futuro do presente	- marcada	+ marcada	Plural	Singular
Perífrase IR + infinitivo	+ marcada	- marcada	Singular	Plural
Presente do indicativo	+ marcada	- marcada	Singular	Plural

Fonte: própria.

Novamente, como reduzimos o grupo a uma leitura na qual apenas dois fatores são considerados, é natural que cada variante seja favorecida por um fator e desfavorecida pelo outro. Contudo, uma correlação que não é necessária, mas que pode ser vista nos resultados expostos acima é que há um equilíbrio de motivação entre os tipos de variantes. A variante padrão é condicionada pelo plural, ao passo que as variantes inovadoras são condicionadas pelo singular. Mais uma vez, a resposta ao princípio da marcação é equânime: nas três rodadas, o princípio foi contrariado, permanecendo a ideia de equilíbrio cognitivo-contextual.

h) Marca de futuridade

O grupo marca de futuridade foi descartado nas três rodadas, por isso, não cabe incluí-lo nesta discussão, uma vez que não dispomos de seus pesos relativos.

i) Polaridade

O grupo polaridade foi descartado na primeira rodada, por isso, não apresentaremos os resultados referentes ao futuro.

Quadro 10 – Aplicação do princípio da Marcação no grupo polaridade

Variante dependente	Marcação (variantes)	Marcação (fator favorecedor)	Fator	
			Favorece	Desfavorece
Perífrase IR + infinitivo	+ marcado	- marcado	Negativa	Afirmativa
Presente do indicativo	+ marcado	- marcado	Negativa	Afirmativa

Fonte: própria.

Chegamos à apresentação do último grupo com a manutenção do mesmo equilíbrio apontado nos anteriores. Novamente, como o grupo apresenta apenas dois fatores, é natural que um deles favoreça e o outro desfavoreça cada uma das variantes. Novamente, a resposta ao princípio da marcação segue uniforme em todas as rodadas do grupo. Neste grupo, as duas rodadas negaram o princípio da marcação e confirmaram o princípio de contrabalanço aventado por Du Bois e Votre (2012). É necessário ressaltar que, na ocasião da análise da segunda rodada (perífrase), adotamos, para o subprincípio da distribuição de frequência, a quantidade de dados e não o percentual de frequência. Dentro dessa proposta de leitura, o grupo responde satisfatoriamente ao princípio da marcação, uma vez que a variante mais marcada, a perífrase, co-ocorre no contexto mais marcado (negativa), como atestam os pesos relativos. Entretanto, para estas considerações finais, mantivemos a leitura inicial, que adota o percentual de frequência como critério para a distribuição de frequência, pois foi assim que procedemos nos demais grupos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, buscamos descrever e analisar a variação entre futuro do presente, futuro perifrástico e presente com valor de futuro na mídia cearense impressa contemporânea. Para tanto, trabalhamos com os três jornais que atualmente compõem essa mídia – *Diário do Nordeste*, *O Estado* e *O Povo* – e com o jornal *Aqui CE*, que, como dissermos, saiu de circulação em fevereiro de 2014.

No primeiro capítulo deste trabalho, descrevemos os motivos pelos quais optamos por esta pesquisa e destacamos outros pesquisadores que também se debruçaram sobre o estudo do tempo futuro. Também neste primeiro momento, apresentamos os grupos linguísticos e extralinguísticos como os quais iríamos trabalhar para aferir o comportamento das formas em variação que ora estudamos: extensão do vocábulo, marcas de futuridade, polaridade, pessoa do discurso, distanciamento temporal, tipo semântico do verbo, editoria, jornal e origem do dado.

No segundo capítulo, buscamos fazer uma revisão do tratamento dado ao tempo futuro dentro da tradição gramatical. Nesse momento, averiguamos se e como as três variantes com as quais trabalhamos eram apresentadas. Esse levantamento apontou que, historicamente e, ainda hoje, as variantes inovadoras são pouco utilizadas. Quando citadas, de modo geral, indica-se, tão somente, a possibilidade de o presente exprimir outras noções de tempo, como a de futuridade. No caso da perífrase, há mais menção à formação de verbos incoativos com a perífrase IR + gerúndio do que a formação perifrástica IR + infinitivo. Nos poucos casos em que a perífrase IR + infinitivo é apontada como codificadora de tempo futuro, via de regra, há uma observação de que esse uso está restrito à oralidade. Com isso, concluímos que, apesar dos notáveis avanços dos estudos Linguísticos nas últimas décadas, esse conhecimento ainda não foi suficiente para aproximar o ensino da Gramática Tradicional, da língua em uso.

No terceiro capítulo, fizemos um apanhado geral das teorias que embasaram este trabalho, a saber: a Sociolinguística, o Funcionalismo e o Sociofuncionalismo. A primeira foi fundamental para nossa pesquisa, uma vez que nosso foco é um fenômeno variável. Assim, nossa metodologia e nosso estudo como um todo se ancorou no modo específico como a teoria percebe e define as relações entre os elementos da língua. A segunda, também perpassou toda nossa pesquisa, desde a tessitura das hipóteses à análise dos resultados, e foi salutar, se observarmos que premissas funcionalistas estão presentes já no modo como compreendemos e definimos a língua e o próprio fenômeno variável – como sujeito a sofrer pressões de diversas ordens, inclusive de ordem funcional (cognitivo-comunicativa). A

terceira, por sua vez, aponta novos caminhos para este tipo de estudo. Como pressupostos de ambas as teorias foram mobilizados em todas as etapas, podemos dizer que realizamos uma pesquisa sociofuncionalista.

Demos especial atenção à metodologia desta pesquisa, porque nossa prática mostrou essa necessidade. Isso porque *Internet* transformou a forma de se fazer jornalismo de tal modo que, para se realizar um estudo fidedigno acerca do jornal impresso, precisamos aventar uma metodologia que dê conta das transformações pelas quais esse gênero passou (e vem passando, constantemente). Sobre a velocidade de transformação que atinge todas as áreas do conhecimento humano, Muraro (2007) afirmou:

No começo da vida humana, o conhecimento levava centena de milhares de anos para dobrar; depois passou para dezenas de milhares, depois para milhares, para centenas... e hoje dobra a cada 10 anos. O conhecimento humano como um todo! E o conhecimento da era de informática, segundo a Lei de Moore, leva apenas 18 meses para dobrar (MURARO, 2007, p. 52).

Com o excerto acima, queremos argumentar que, se quisermos obter resultados confiáveis em nossos estudos, precisamos atualizar nossas metodologias de pesquisa com a mesma velocidade com que as informações se processam. Ignorar esta realidade equivaleria a querer descrever o português falado em Fortaleza (Ceará) adotando como informantes não apenas fortalezenses nascidos e criados na capital cearense, mas também fortalezenses que moram em outras cidades há bastantes anos ou informantes naturais de outros lugares, mas que moram em Fortaleza há certo tempo. É possível que o resultado da pesquisa não se afastasse tanto da realidade, mas, certamente, não corresponderia, à rigor, ao português oral fortalezense.

Dito isso, buscamos coletar nossos dados a partir de textos que verdadeiramente compõem a mídia cearense impressa. Com os dados coletados, iniciamos nosso estudo estatístico. A análise estatística foi imprescindível em nossa pesquisa, uma vez que trabalhamos com variantes portadoras de significado. Gryner e Omena (2010, p. 89) afirmam que inclusão de variantes morfossintáticas, pragmáticas e discursivas ao estudo variacionista introduziu a este tipo de análise a dimensão da significação.

Sabe-se que o significado linguístico não se esgota no conteúdo lexical, mas deriva em grande parte dos contextos linguísticos ou situacionais em que a forma ocorre. Assim, a confirmação estatística da relevância de grupos de fatores semânticos (e pragmático-discursivos) fornece pistas confiáveis, ou mesmo cruciais, para a identificação do significado das variantes. (GRYNER; OMENA, 2010, p. 89).

Realizamos três rodadas com o programa *Goldvarb*, cada uma adotando uma das variantes como valor de aplicação. Nos três casos, a maioria dos grupos foi selecionada como condicionadora das variantes. Na primeira rodada, os grupos de fatores *tipo de verbo*, *extensão do vocábulo*, *editoria*, *jornal*, *origem*, *distanciamento temporal* e *pessoa do discurso* foram apontados como condicionadores do futuro. Na segunda rodada, os grupos de fatores *tipo de verbo*, *distanciamento temporal*, *extensão do vocábulo*, *pessoa do discurso* e *polaridade* foram selecionados na influência da perífrase. E, por fim, os grupos de fatores *tipo de verbo*, *extensão do vocábulo*, *distanciamento temporal*, *editoria*, *origem*, *jornal* e *polaridade* foram selecionados como condicionadores do presente. Isso quer dizer que os grupos de fatores mais relevantes para o fenômeno variável foram o *tipo de verbo*, que foi selecionado em primeiro lugar para as três variantes e a *extensão do vocábulo*, que foi selecionado em segundo lugar para o futuro do presente e para o presente e em terceiro lugar para a perífrase.

Constatamos que a mídia impressa cearense adota as três formas de codificação do futuro com que trabalhamos, entretanto, a forma conservadora (futuro do presente) apresenta mais dados do que o somatório dos dados das formas de presente e de perífrase.

Também adotamos como premissa discutir o princípio da marcação. De modo geral, os grupos de fatores extralinguísticos atenderam ao princípio da marcação. O único grupo extralinguístico a contrariar o princípio da marcação foi *origem*. Os grupos de fatores linguísticos, por sua vez, negaram o princípio da marcação e atenderam ao princípio da expressividade. Concluímos, nos grupos extralinguísticos, que a tendência é que as formas mais marcadas ocorram em contextos mais marcados e as menos marcadas em contextos menos marcados. Já em relação aos grupos e linguísticos, o comportamento é de busca por um equilíbrio discursivo contextual.

Entendemos que nossa pesquisa apresenta lacunas e desdobramentos naturais. Em outras oportunidades, poderiam ser considerados outros princípios abordados no Funcionalismo, tais como: iconicidade, planos discursivos, parâmetros de transitividade *etc*. Também julgamos oportuna a extensão deste estudo a outras mídias, como televisão, rádio, online *etc* e a outros estados brasileiros.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M.; PONTARA, Marcela. **Gramática – Texto: análise e construção de sentido**. Volume único. São Paulo: Editora Moderna, 2006.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 17ª Ed (Do 331º ao 360º milheiro). São Paulo: Edição Saraiva, 1964.

ALMEIDA, Nilson Teixeira de. **Gramática da Língua Portuguesa para concursos, vestibulares, ENEM, colégios técnicos e militares**. 9ª Ed. revisada e atualizada. São Paulo: Saraiva, 2009.

ALMEIDA JUNIOR, Ascendino H. de. **Nova Gramática da Língua Portuguesa**. Coleção Autores nordestinos. 3ª Ed. Rio Grande do Norte: Edições Walter Pereira S/A Livraria Papelaria, 1972.

ALKMIM, Tânia. **Sociolinguística** (Parte I). MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. 1. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 21-48.

ANDRÉ, Hildebrando A. de. **Gramática ilustrada**. 4ª Ed. São Paulo: Editora Moderna, 1990.

BARBOZA, Jeronimo Soares. **Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral Aplicados à nossa Linguagem**. 2ed. Lisboa: Typographia da Academia Real das ciencias, 1924.

BRAGANÇA, Marcela Langa Lacerda. **A gramaticalização do verbo IR e a variação de formas para expressar o futuro do presente: uma fotografia capixaba**. 2008, 145 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística General I**. 19ª ed. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1997.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **A forma verbal em –ria**. Washington: Georgetown University Press, 1967.

CASTILHO, Ataliba. de. **Nova gramática do português brasileiro**. 1ª Ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2012.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 9ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

_____. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 12ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

_____. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48ª Ed. revisada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

COAN, Márluce. **Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que-)**

perfeito. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CUNHA, Celso. **Manual do Português: 5ª e 6ª séries primárias e curso de admissão**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1968.

_____. **Gramática do Português Contemporâneo**. 1ª Ed. Belo Horizonte: Bernardo Álvares S/A, 1970.

_____. **Gramática do Português Contemporâneo**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: FENAME – Fundação Nacional de Material Escolar, 1972.

_____. **Gramática do Português Contemporâneo**. Edição de Bolso. Rio de Janeiro: Lexikon; Porto Alegre: L&PM, 2007.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. **Gramática nova**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1996a.

_____. **Gramática: fonética e fonologia, morfologia, sintaxe e estilística**. 16ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1996b.

DIÁRIOS ASSOCIADOS. **Aqui Betim**. Disponível em: <http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculos.php?co_veiculo=54>. Acesso em: 19 jul .2014.

DIÁRIOS ASSOCIADOS. **Aqui MA**. Disponível em: <http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculos.php?co_veiculo=26>. Acesso em: 19 jul .2014.

DIÁRIOS ASSOCIADOS. **Aqui MG**. Disponível em: <http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculos.php?co_veiculo=28>. Acesso em: 19 jul .2014.

DIÁRIOS ASSOCIADOS. **Aqui PE**. Disponível em: <http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculos.php?co_veiculo=32>. Acesso em: 19 jul .2014.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Expediente**. Fortaleza, 29 jan .2014. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/servicos/expediente-1.784437>>. Acesso em: 19 jul .2014.

DU BOIS, Sylvie; VOTRE, Sebastião Josué. Análise modular e princípios subjacentes do funcionamento linguístico. In: VOTRE, Sebastião Josué (org.). **A construção da Gramática**. Niterói: Editora da UFF, 2012.

ESTADO DE MINAS. **Jornal Aqui chega ao Ceará**. 08 jul .2012. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2012/07/08/interna_nacional,304860/jornal-aqui-chega-ao-ceara.shtml>. Acesso em: 19 jul .2014.

FOLHA de São Paulo. **Manual geral da redação**. São Paulo: F. de São Paulo, 2001.

FRADIQUE, Mendes. **Gramática Portuguesa pelo Methodo Confuso**. Rio de Janeiro: 1928.

FREITAG, Raquel Meister Ko. **O “social” da sociolinguística**: o controle de fatores sociais. *In*: Diadorim8-cap2.pmd, 2011.

GIBBON, Adriana de Oliveira. **A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis**: gramaticalização e variação. 2000, 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Letras/Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**: a functional-typological introduction. v.1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

_____. **Syntax**: a functional-typological introduction. v.2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

_____. **Funcionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GOMES, Alfredo. **Gramática Portuguesa**. 15ª ed. correcta e aumentada. Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte: Francisco Alves e cia. e Paris e Lisboa: Aillaud, Alves e cia, 1913.

GORSKI, Edair; FREITAG, Raquel Meister Ko. Marcação e Comportamento Sociolinguístico de marcadores discursivos interacionais na fala de Florianópolis. *In*: VANDRESEN, Paulino (org.). **Variação, mudança e contato linguístico no português da região sul**. Pelotas: EDUCAT, 2006.

GRYNER, Helena; OMENA, Nelize Pires. A interferência das variáveis semânticas. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, M.L (Org.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GUY, Gregory Riordan; **Variation and change**. MAGUIRE, Warren; MCMAHON, April. *Analysing Variation in English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

HOPPER, Paul. **Emergent grammar**. Berkeley Linguistic Society, v. 13, 1987.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O Português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. 2ª ed. São Paulo, Contexto, 2009.

LABOV, William; tradução Marcos Bagno; Martha Maria Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *In*: **Sociolinguistics working paper**. Austin: Southwest Educational Development Laboratory, nº 44, 1978.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1992.

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? *In: Language Society*, nº 7. Printed in Great Britain, 1978.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística**: uma introdução. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

Novo Manual Nova Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1993.

MAY, Guilherme Henrique. **Discutindo o papel do funcional no Sociofuncionalismo**. *In: Work. pap. linguíst. Florianópolis*, jul. dez., 2009, 10 (2): 69-79.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

NARO, Anthony Julius; BRAGA, Maria Luiza. A interface sociolinguística/gramaticalização. **Gragoatá**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras. Niterói, n. 9, 2º semestre, 2000.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. *In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, M.L (Org.). Introdução à Sociolinguística*: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

NICHOLS, Johanna. Functional theories of grammar. **Annual Review Anthropology**. Califórnia: University of California, 1984.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. Estudos funcionalistas no Brasil. **D.E.L.T.A.**, vol. 15, n. especial, 1999.

NUNES, Rosane Pereira. **A evolução cíclica do futuro do presente** – do latim ao português. 2003, 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2003.

O ESTADO CE. **JORNAL O ESTADO**: Independente como você!. Disponível em: <<http://www.oestadoce.com.br/empresa>>. Acesso em: 19 jul .2014.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Manual de redação e estilo**. Organizado por E. Martins. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 1990.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. Tese de Doutorado em Linguística.

O POVO. 07 fev.2012. **Carta de Princípios O POVO**. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/ombudsman/2012/02/07/notombudsman,2779900/carta-de-principios-do-o-povo.shtml>>. Acesso em: 19 jul .2014. Originalmente escrita em 198.

O POVO. 7 fev 2012. **Código de Ética da Empresa Jornalística O POVO**. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/app/ombudsman/2012/02/07/notombudsman,2779903/codigo-de-etica-da-empresa-jornalistica-o-povo.shtml>>. Acesso em: 19 jul .2014.

PAREDES DA SILVA, Vera Lucia. Subject omission and functional compensation: evidence from written Brazilian Portuguese. **Language variation and change**, v. 5, n. 5, 1993.

PEREIRA, Eduardo Carlos. **Grammatica Historica**. 4ª Ed. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia. 1924.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O funcionalismo em linguística. *In*: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 165-218.

PONTES, Eunice. **Verbos auxiliares em português**. Petrópolis: Vozes, 1973.

MURARO, Rose Marie. **Para onde vão os jovens**. 1ª Ed. Rio de Janeiro, 2007.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali A.; SMITH, Eric. **Goldvarb X - A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics. 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1971.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Juluis. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do varbrul. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SISTEMA VERDES MARES. **Dário do Nordeste**. Disponível em: <<http://midiakit.verdesmares.com.br/veiculo/principal/2>>. Acesso em: 5 mai .2014.

SOUSA, Maria Margarete Fernandes. A expressão do aspecto verbal perifrástico no falar culto de Fortaleza. *In*: PINHEIRO, Clemlton Lopes; CAMPELO, Kilpatrick M. B. (org.). **Português Oral Culto de Fortaleza: estudos descritivos**. Fortaleza: EDUECE, 2007, p. 61-108.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. 8 Ed. São Paulo: Ática, 2007.

TAVARES, Maria Alice. **A gramaticalização do e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista**. 2003. 400 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TEIXEIRA, A.M. **Gramática Sintética da Língua Portuguesa**. 3ª ed. cor. e aum. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1920.

TORRES, Fábio Fernandes. **O gerúndio na expressão de tempo futuro: um estudo sociofuncionalista**. 2009, 180 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

VENDLER, Zeno. Verbs and Times. In: **The philosophical review**. Vol. 02, Nº 2. 1957, p. 143- 160.

_____. Verbs and Times. In: **Linguistics in philosophy**. New York: University Press, 1967.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I.; tradução Marcos Bagno.
Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.